

COLEÇÃO APLAUSO **PERFIL**

MARIAADELAIDEAMARAL

**A EMOÇÃO LIBERTÁRIA**  
por TUNADWEK

 **CULTURA**  
Fundação Padre Anchieta

**imprensa oficial**

**Maria Adelaide Amaral**

***A Emoção Libertária***



GOVERNO DO ESTADO DE  
**SÃO PAULO**  
RESPEITO POR VOCÊ

Governador  
Secretário Chefe da Casa Civil

Geraldo Alckmin  
Arnaldo Madeira

## **imprensaoficial**

Diretor-presidente  
Diretor Vice-presidente  
Diretor Industrial  
Diretora Financeira e  
Administrativa  
Chefe de Gabinete  
Núcleo de Projetos  
Institucionais

## **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Hubert Alquéres  
Luiz Carlos Frigerio  
Teiji Tomioka  
Nodette Mameri Peano  
Emerson Bento Pereira  
Vera Lucia Wey



Presidente  
Projetos Especiais  
Diretor de Programação

## **Fundação Padre Anchieta**

Marcos Mendonça  
Adélia Lombardi  
Rita Okamura

Coordenador Geral  
Coordenador Operacional  
e Pesquisa Iconográfica  
Projeto Gráfico  
e Editoração  
Revisão  
Assistente Operacional  
Tratamento de Imagens

## **Coleção Aplauso Perfil**

Rubens Ewald Filho  
Marcelo Pestana  
Carlos Cirne  
Cláudia Rodrigues  
Andressa Veronesi  
José Carlos da Silva

**Maria Adelaide Amaral**  
***A Emoção Libertária***

por Tuna Dwek



São Paulo - 2005

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação elaborados  
pela Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Dwek, Tuna

Maria Adelaide Amaral: a emoção libertária/Tuna Dwek. – São Paulo :  
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo : Cultura – Fundação Padre Anchieta,  
2005.

352 p. : il. : - (Coleção aplauso. Série perfil / coordenador geral Rubens Ewald  
Filho)

ISBN 85-7060-233-2 (Obra completa) (Imprensa Oficial)

ISBN 85-7060-380-0 (Imprensa Oficial)

1. Dramaturgos – Brasil – Biografia 2. Teatro (Literatura) 3. Amaral,  
Maria Adelaide I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 928.69

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Dramaturgos : Biografia 928.69

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional (Lei nº 1.825, de 20/12/1907).  
Direitos reservados e protegidos pela lei 9610/98

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Rua da Mooca, 1921 - Mooca

03103-902 - São Paulo - SP - Brasil

Tel.: (0xx11) 6099-9800

Fax: (0xx11) 6099-9674

[www.imprensaoficial.com.br](http://www.imprensaoficial.com.br)

e-mail: [livros@imprensaoficial.com.br](mailto:livros@imprensaoficial.com.br)

SAC 0800-123401

## Apresentação

*“O que lembro, tenho.”*

Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, tem como atributo principal reabilitar e resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas do cinema, do teatro e da televisão.

Essa importante historiografia cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. O coordenador de nossa coleção, o crítico Rubens Ewald Filho, selecionou, criteriosamente, um conjunto de jornalistas especializados para realizar esse trabalho de aproximação junto a nossos biografados. Em entrevistas e encontros sucessivos foi-se estreitando o contato com todos. Preciosos arquivos de documentos e imagens foram abertos e, na maioria dos casos, deu-se a conhecer o universo que compõe seus cotidianos.

A decisão em trazer o relato de cada um para a primeira pessoa permitiu manter o aspecto de tradição oral dos fatos, fazendo com que a memória e toda a sua conotação idiossincrásica afluísse de maneira coloquial, como se o biografado estivesse falando diretamente ao leitor.

6 Gostaria de ressaltar, no entanto, um fator importante na *Coleção*, pois os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que caracterizam também o artista e seu ofício. Tantas vezes o biógrafo e o biografado foram tomados desse envolvimento, cúmplices dessa simbiose, que essas condições dotaram os livros de novos instrumentos. Assim, ambos se colocaram em sendas onde a reflexão se estendeu sobre a formação intelectual e ideológica do artista e, supostamente, continuada naquilo que caracterizava o meio, o ambiente e a história brasileira naquele contexto e momento. Muitos discutiram o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida. Deixaram transparecer a

firmeza do pensamento crítico, denunciaram preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando o nosso país, mostraram o que representou a formação de cada biografado e sua atuação em ofícios de linguagens diferenciadas como o teatro, o cinema e a televisão – e o que cada um desses veículos lhes exigiu ou lhes deu. Foram analisadas as distintas linguagens desses ofícios.

Cada obra extrapola, portanto, os simples relatos biográficos, explorando o universo íntimo e psicológico do artista, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade em ter se tornado artista, seus princípios, a formação de sua personalidade, a *persona* e a complexidade de seus personagens.

São livros que irão atrair o grande público, mas que – certamente – interessarão igualmente aos nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o intrincado processo de criação que envolve as linguagens do teatro e do cinema. Foram desenvolvidos temas como a construção

dos personagens interpretados, bem como a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferenciação fundamental desses dois veículos e a expressão de suas linguagens.

8 A amplitude desses recursos de recuperação da memória por meio dos títulos da *Coleção Aplauso*, aliada à possibilidade de discussão de instrumentos profissionais, fez com que a Imprensa Oficial passasse a distribuir em todas as bibliotecas importantes do país, bem como em bibliotecas especializadas, esses livros, de gratificante aceitação.

Gostaria de ressaltar seu adequado projeto gráfico, em formato de bolso, documentado com iconografia farta e registro cronológico completo para cada biografado, em cada setor de sua atuação.

A *Coleção Aplauso*, que tende a ultrapassar os cem títulos, se afirma progressivamente, e espera contemplar o público de língua portuguesa com o espectro mais completo possível dos artistas, atores e diretores, que escreveram a rica e diversificada história do cinema, do teatro e da televisão em nosso país, mesmo sujeitos a percalços de naturezas várias, mas com seus protagonistas sempre reagindo com criatividade, mesmo nos anos mais obscuros pelos quais passamos.

Além dos perfis biográficos, que são a marca da *Coleção Aplauso*, ela inclui ainda outras séries : *Projetos Especiais*, com formatos e características distintos, em que já foram publicadas excepcionais pesquisas iconográficas, que se originaram de teses universitárias ou de arquivos documentais pré-existentes que sugeriram sua edição em outro formato.

Temos a série constituída de roteiros cinematográficos, denominada *Cinema Brasil*, que publicou o roteiro histórico de *O Caçador de Diamantes*,

de Vittorio Capellaro, de 1933, considerado o primeiro roteiro completo escrito no Brasil com a intenção de ser efetivamente filmado. Paralelamente, roteiros mais recentes, como o clássico *O Caso dos Irmãos Naves*, de Luis Sérgio Person, *Dois Córregos*, de Carlos Reichenbach, *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé, e *Como Fazer um Filme de Amor*, de José Roberto Torero, que deverão se tornar bibliografia básica obrigatória para as escolas de cinema, ao mesmo tempo em que documentam essa importante produção da cinematografia nacional.

10

Gostaria de destacar a obra *Gloria in Excelsior*, da série *TV Brasil*, sobre a ascensão, o apogeu e a queda da TV Excelsior, que inovou os procedimentos e formas de se fazer televisão no Brasil. Muitos leitores se surpreenderão ao descobrirem que vários diretores, autores e atores, que na década de 70 promoveram o crescimento da TV Globo, foram forjados nos estúdios da TV Excelsior, que sucumbiu juntamente com o Grupo Simonsen, perseguido pelo regime militar.

Se algum fator de sucesso da *Coleção Aplauso* merece ser mais destacado do que outros, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

De nossa parte coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica, contar com a boa vontade, o entusiasmo e a generosidade de nossos artistas, diretores e roteiristas. Depois, apenas, com igual entusiasmo, colocar à disposição todas essas informações, atraentes e acessíveis, em um projeto bem cuidado. Também a nós sensibilizaram as questões sobre nossa cultura que a *Coleção Aplauso* suscita e apresenta – os sortilégios que envolvem palco, cena, coxias, set de filmagens, cenários, câmeras – e, com referência a esses seres especiais que ali transitam e se transmutam, é deles que todo esse material de vida e reflexão poderá ser extraído e disseminado como interesse que magnetizará o leitor.

A Imprensa Oficial se sente orgulhosa de ter criado a *Coleção Aplauso*, pois tem consciência de que nossa história cultural não pode ser negligenciada, e é a partir dela que se forja e se constrói a identidade brasileira.

Hubert Alquéres  
Diretor-presidente da  
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Para todas as minhas mães... e não são  
poucas... carpe diem*

***Agradecimentos***  
*Adriana e Luís Tripolli*  
*Anella M. Malzoni*

*Meu agradecimento devotado a Alcides  
Nogueira – Tide, que tem a paciência dos  
monges e o olhar depurado e genuíno dos  
amigos de todas as horas.*

***Tuna Dwek***



## Introdução

Ainda que para alguns seja uma convenção, a passagem entre um ano e outro contém em si um atavismo de esperanças e aspirações, de balanços de vida, e de depuramento interior. Assim, os últimos dias do ano de 2004, e o mês que se seguiu em 2005, forjaram o molde deste íntimo relato.

Sua casa da Serra da Cantareira, refúgio e *habitat* de madeira, e de vegetação por todos os cantos, foi o cenário escolhido por Maria Adelaide Amaral para realizar a radiografia de sua existência. Física, intelectual, emocional, afetiva, espiritual, numa relação antropológica em que todas as instâncias da vida se conectam entre si.

Em nosso retiro, Maria Adelaide abandonou-se ao fluxo de reminiscências e de inédito desnudamento por horas incontáveis, interrompendo seu mergulho por apenas alguns dias. Teve de ausentar-se em função das entrevistas,

no Rio de Janeiro, de familiares e amigos do Presidente Juscelino Kubitschek – dentre os quais o emblemático arquiteto Oscar Niemeyer – personagem da próxima minissérie para a Rede Globo, onde ela é ouro da casa desde a década de 90.

Nesse ínterim, ofertou-me seu espaço serrano para que, em sua ausência, eu recontasse sua própria história.

16 Caminhávamos todas as manhãs, atividade sagrada, ou em fins de tarde, pelas alamedas desenhadas por elegantes bambus, delgados, altivos e sólidos, algo parecidos com ela.

Da mesma maneira que seu compadre Alcides Nogueira, Maria Adelaide Amaral é uma proustiana criatura, que ama perscrutar o mosaico de sua memória. Cabe à biógrafa não se desesperar com as informações desvendadas que ela terá de manusear usando as pinças da delicadeza.

Conheci Maria Adelaide no início dos anos 80, pouco depois da promulgação da Lei da Anistia que traria de volta à pátria boa parte das vítimas dos desmandos da ditadura militar brasileira, apresentada por seu querido amigo Fernando Perrone. Após 12 longos anos de exílio, ela foi uma das primeiras pessoas que ele reviu.

Cultivamos nossa amizade desde então, com direito a Natais, *Réveillons*, Dias das Mães, aniversários e os jantares que ela organiza como ninguém, com sua fiel trupe de amigos de longuíssima data. Pode-se dizer que foram necessários 25 anos e muitas horas para a confecção milimétrica deste livro.

Maria Adelaide não julga. Nem fatos nem pessoas. Colhe informações sobre o que vê e registra na caderneta de suas emoções. Consegue percorrer o passado transportando seu olhar para o momento em que se deu o acontecido, e assim tornar vívido o relato de sua experiência mais profunda. Sabe, como poucos, desfibrar as matizes secretas dos sentimentos daquele instante.

Ela é o que se vê, apaixonada pelo que faz, pela família e pelos amigos a quem não poupa devoção e lealdade. Ainda que pese seu lado ingênuo, Maria Adelaide detecta as nebulosas que seu sucesso acarreta e foge, discreta, de situações pouco cristalinas criadas por velados interesses. As pessoas que, ao longo de sua vida, dela se aproximaram desprovidas de sinceridade em seus propósitos, acabaram por se eclipsar nas poeiras do Tempo.

18

A partitura deste livro se funde com a trilha sonora carinhosamente gravada para o Ano Novo em 13 Cds por Milú Vilela, uma de suas amigas-irmãs, como ela diz. Em sua casa da Cantareira, cães e gatos convivem como se gostaria de ver acontecer entre os humanos de todas as raças, credos e culturas.

Portuguesa de nascimento, hoje agraciada com o título de Cidadã Paulistana após sua contribuição com a minissérie *Um Só Coração*, da Rede Globo, Maria Adelaide não faz concessões em sua escrita para o bem-estar do pensamento

dominante. E não se reinventa a cada dia para agradar aos outros. Movida a desafios, é uma cronista de sua época. Escreve sobre o que vê, sente e apreende. Mestre dos diálogos, não hesita em encostar dedos em feridas e pontos nevrálgicos, seja nos relacionamentos humanos, seja pela denúncia do que a faz indignar-se. Muitas vezes, quando a correlação de forças mostrava-se desfavorável e apresentava risco de vida aos que combatem as injustiças.

Testemunha da história social e política desde os anos 50, quando ainda pré-adolescente desembarca em terras brasileiras, Maria Adelaide Amaral, jornalista, escritora, dramaturga, é acima de tudo uma cidadã comprometida com seu tempo, preocupada como mãe e avó com a qualidade do que se haverá de deixar para as gerações futuras.

A estrutura democrática de seu pensamento e seu respeito pelas diferenças, aliados à sua retidão de caráter, tornaram indomável seu ímpeto de denunciar qualquer ameaça que demova os Homens

de sua missão inevitável: a liberdade. Afinal, como dizia Jean-Paul Sartre, o emblemático pensador dos férteis anos 60 que a anticonformista Maria Adelaide se encarregou de viver intensamente, o *Homem está condenado a ser livre*.

Adelaide não escapou da Morte porque dela não se escapa. Digamos que ela soube desviá-la do caminho e fez dela um boneco ceifador. Deus andava lhe dizendo que não era chegada a sua hora. Enquanto a Morte olhava para ela, nossa biografada a encarou, deu uma piscadinha desconcertando a intrusa e escapou deixando-a falando sozinha.

20

Apresentá-la ao público da *Coleção Aplauso* vai além da biografia da dramaturga, romancista, autora de novelas e minisséries festejadas além-mar. Haveremos de descobrir que o Aplauso conquistado por essa grande mulher desvenda uma guerreira.

Suas lutas ora vitoriosas, ora inglórias, se transformaram em aprendizado. Como nos diz o orá-

culo num dos 64 hexagramas do milenar I Ching, *quanto mais humilde for a situação exterior, mais tem que se cultivar a dignidade interior*. Intui-se que a assertiva esteja certa.

E se é verdade que a dor pode marcar a ferro quente o espírito de uma pessoa, é também verdade que ela pode manter intacta a essência de sua alma.

***Tuna Dwek***



*Para Rodrigo e Carina, Guilherme e Paula,  
Ana Luiza e Pedro. Aos meus amigos, sempre.*

***Maria Adelaide Amaral***



*Em 1951*

## Capítulo I

### Uma Casa Portuguesa com Certeza

Nasci em Portugal, no dia 1º de julho de 1942, por volta das 8h45 da manhã, em plena II Guerra Mundial, e no início do verão no Hemisfério Norte. Quando a parteira anunciou a minha mãe que era menina, dizem que ela ficou muito contente porque tinha três filhos homens, um parido depois do outro com apenas um ano de diferença. Porém, o fato de eu ter nascido nove anos depois do meu irmão Artur e ser a única garotinha da casa não me deu qualquer privilégio. Os filhos homens sempre foram mais considerados pelas famílias portuguesas, pelo menos as daquele tempo. Nunca fui mimada pelos meus pais, porque eles supunham que eu também não o seria pela vida, e me prepararam para enfrentá-la já dentro de casa.

25

Na verdade, a chegada de uma menina tinha alegrado principalmente minha mãe, pois seria uma oportunidade única de manifestar a doçura da sua

alma, a alma de uma mulher sonhadora, que adorava filmes e livros românticos, cujos enredos desejou viver a vida inteira, mas o destino jamais a contemplou com a paixão e a delicadeza que via no cinema. Entretanto, para sua frustração, não fui a bonequinha que ela tinha desejado. Sequer gostava muito de brincar com bonecas. Vivia na rua brincando com os meninos, subia em árvores, assaltava os pomares dos vizinhos, falava palavras, sempre com a roupa suja, me sentia muito mais à vontade com as crianças de condição social inferior à nossa, em resumo, um comportamento que me fechava as portas das casas das meninas bem-educadas, para o grande desgosto e, muitas vezes, a vergonha dos meus pais. Eu apanhava, mas persistia. E sofria com o forte sentimento de rejeição e de inadequação.

Por causa disso, desde muito cedo comecei a me refugiar na leitura. Não nos poemas que escrevia para chamar a atenção, e que eram de qualidade bastante duvidosa. Eu me refugiava nos livros de histórias. Embarcava em qualquer narrativa sobre fadas e princesas, passava a viver o que eu lia num

exercício de pura evasão. Eu lia compulsivamente, adorava, sorvia e vivia emocionalmente de leitura. Mais tarde, quando fui estudar História, os castelos de Reis e Rainhas eram como castelos das minhas histórias. Acho que foi essa sensação que despertaria a minha paixão pela História, uma das mais longas e permanentes da minha vida.

*Com a mãe, em 1951*



Morávamos nas proximidades do Porto, que sempre foi a cidade mais importante do Norte de Portugal e todos nós, família paterna e materna, nascemos em seus arredores. Eu nasci em Alfena, Conselho de Valongo, Distrito do Porto, mas com um ano de idade minha família se transferiu para uma grande casa em Ermezinde que ainda subsiste na Rua 5 de Outubro. Construída por meu pai em estilo *art déco*, ali morei com meus pais, minha avó materna e meus irmãos Américo, Alfredo e Artur. Vivíamos na parte de cima, pois na parte debaixo funcionava a oficina de jóias da família e o escritório. A fábrica ficava num terreno ao lado, no fundo de um jardim, onde apareço fotografada no dia da minha primeira comunhão, ao lado do meu pai e da minha imensa madrinha.

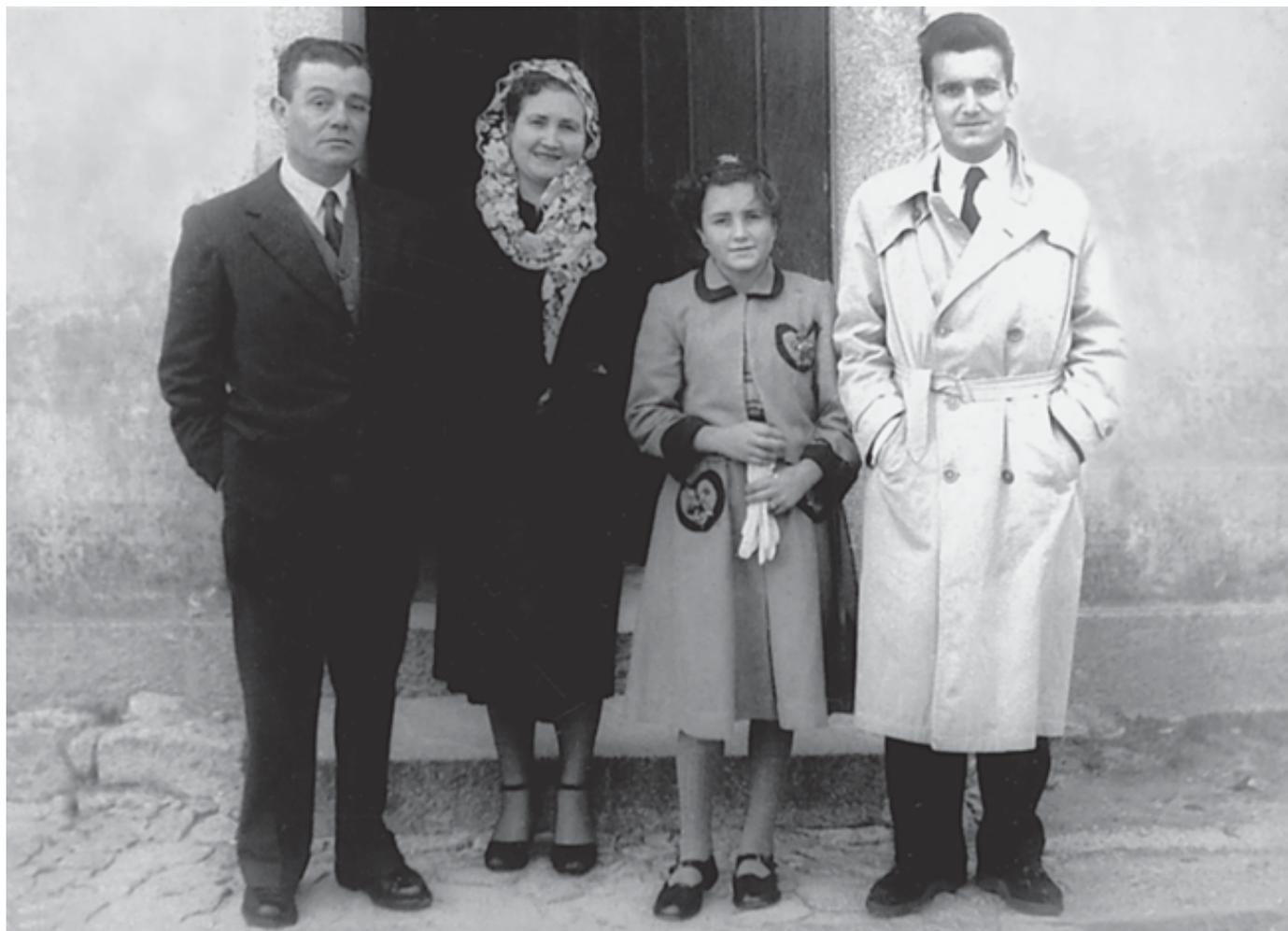
Meu pai era mais que um ourives: tinha uma oficina de jóias, e uma muito maior, de bijutérias, especializada em marcassitas. No final da II Guerra Mundial, chegou a ter uma metalúrgica. Era um grande empreendedor, muito inteligente e autodidata, mas de temperamento muito difícil.



*No dia de sua primeira comunhão*

Minha mãe, por sua vez, era doce e romântica. Bordava, tricotava, fazia crochê, costurava, tinha grandes pendores para trabalhos manuais, mas detestava qualquer coisa referente a serviços domésticos. Felizmente sempre houve alguém que fizesse isso por ela. Minha avó a ajudava com os filhos, e a casa ficava por conta das criadas. Apesar do orçamento apertado, sempre tivemos empregadas em Portugal. Naquela época, ainda era uma mão-de-obra bastante barata.

*No dia do casamento do irmão, Portugal, 1952*





*Na primeira comunhão de um amigo, Portugal, 1947*

Por volta de 1947, meu pai sofreu um terrível revés na metalúrgica. Foi literalmente roubado pelo sócio. A fábrica recebera uma grande encomenda de torneiras e maçanetas, metais em suma, para um grande hospital que estava sendo construído em Lisboa. Lembro que o sobrenome do sócio era Corte-Real; ele foi receber o pagamento, jogou e perdeu todo o dinheiro no Cassino da Póvoa do Varzim. Por causa disso, meu pai fez a primeira hipoteca da nossa casa, para pagar os operários e fornecedores. E também foi esse fato que inaugurou um período de enormes dificuldades, que cul-

minaria no início dos anos 50 com a nossa penúria envergonhada. Deixamos de consumir leite, manteiga, e a carne de segunda visitava nossa mesa apenas uma vez por semana. Minha mãe comprava e reformava, para ela e para mim, roupa de segunda mão. Ela conseguia operar verdadeiros milagres e nós saíamos à rua muito bem arrumadas, escondendo dos amigos e vizinhos nossa real situação. Era tão embaraçoso e constrangedor o esforço que meus pais faziam para ocultar nossa progressiva pobreza que o Américo, meu irmão mais velho, começou a pensar em imigrar.

32

A oportunidade surgiu em 1952, quando fomos visitados por um tio, Joaquim Silva, irmão de minha avó paterna, que morava em São Paulo desde 1910. Professor de latim e português, ele tinha se casado com uma senhora de tradicional linhagem paulistana, e na família era referido como “o tio rico do Brasil”. Foi ele que pagou a passagem da Panair para o Américo, o único de nós que veio de avião. Em 1953, meu irmão Alfredo imigrou para o Brasil.

E em 1954 foi a nossa vez de partir para Lisboa, de onde embarcamos num grande navio para o Brasil.



1951



*1955, quando da chegada ao Brasil*

## Capítulo II

### Batismo de Fogo

Devido à proximidade do centro de São Paulo, meu irmão Américo alugara uma casa no bairro da Mooca, na Rua Coronel Bento Pires, uma rua tranqüila e arborizada de apenas duas quadras, onde a maior parte dos nossos vizinhos era de italianos ou de ascendência italiana. Era uma casa de quatro dormitórios, uma pequena cozinha, um único banheiro, e uma sala que funcionava ao mesmo tempo como de estar e de jantar, e onde eu dormia numa poltrona-cama comprada numa loja de móveis usados no Brás, onde, aliás, foram comprados todos os outros móveis da casa.

35

Um mês depois de nos instalarmos em São Paulo, minha mãe, minha cunhada e eu fomos trabalhar numa fábrica de camisas da qual, para minha alegria, fui demitida dois meses depois, por absoluta incompetência na arte de chulear. Depois de um enérgico sermão dos meus pais, eles se convence-

ram que o melhor para mim talvez fosse estudar. Era só o que eu queria. Estudar!

Então minha mãe foi ao Colégio Sagrada Família, no Ipiranga, solicitar uma bolsa de estudos para mim. A concessão de uma bolsa era um fato excepcional e, naturalmente, algumas freiras jamais deixaram de lembrar, à classe e a mim, a generosidade do colégio e as dificuldades que minha família atravessava. Não é difícil imaginar a raiva surda e a humilhação que isso me provocava. Mas o verdadeiro cristianismo é muito difícil de exercer, mesmo por quem resolveu dedicar sua vida a ele. Felizmente minha reação ultrapassou os maus sentimentos, e se traduziu na decisão de me tornar uma das melhores alunas da classe. Como era muito boa em redação, ao saber que havia um jornal no colégio, fui oferecer minha colaboração.

O colégio para mim funcionou como um manual de sobrevivência na selva. Eu questionava tudo, provocava as freiras, fazia perguntas incômodas sobre religião, sobre o mundo em



geral, e acabei entrando em rota de colisão com algumas das irmãs. Não com todas, havia freiras adoráveis como a Irmã Celina, a Irmã Maristela, e a Irmã Celeste, professora de geografia e muito divertida, de quem lembro até hoje com saudades. Mas havia uma freira professora de francês, muito presunçosa e classista, que não tinha

outro jeito senão me tolerar, pois além de eu ser redatora-chefe do jornal, tinha sido eleita como representante da classe na segunda série, pois a minha contestação acabara me tornando bastante popular. A turma do fundão, junto da qual me sentava, vibrava de entusiasmo toda vez que eu resolvia questionar uma irmã. Eu tinha uma língua rápida e nenhum escrúpulo em dizer o que pensava. Evidentemente, isso me custou muitas inimizades e dificultou a minha vida, mas era muito difícil me controlar. Com o tempo, aprendi que é melhor ficar quieta, que o silêncio é de ouro, e só me permito explodir quando realmente a situação é intolerável.

Ainda seguindo essa trajetória da adolescente rebelde, num determinado momento resolvi que seria uma intelectual, decisão que partiu da construção de uma personalidade aparente, uma *persona* que pudesse encobrir todas as minhas fragilidades sociais, materiais e emocionais. Contribuiu para isso a paixonite pelo irmão de uma colega da segunda série, que se chamava Marcus Vinicius e estava no primeiro ano de Direito.

Marcus Vinicius. Eu achava o nome irresistível, por causa do herói de *Quo Vadis*, de Mervyn Leroy (1951), com Robert Taylor e Deborah Kerr, filme que vi incontáveis vezes no Cinema Itapura.

Eu devia ter uns 13 anos, ele me perguntou o que gostava de ler, e eu respondi pomposa, *Es-pumas Flutuantes*, de Castro Alves. E era verdade, porque foi um dos primeiros livros que li quando cheguei ao Brasil. Pode parecer estranho, mas o fato é que, desde os seis anos, eu lia tudo o que me caía na mão.



## Capítulo III

### Parêntese Poético

Uma das mais lindas histórias da minha vida aconteceu quando tinha dez anos. A partir dessa idade, onde eu nasci as crianças paravam de receber presentes de Natal. A realidade da vida de meus pais era muito dura em 1952, não havia dinheiro e eles não tinham como me presentear. Porém, era a última vez que eu colocaria meus sapatos sobre o fogão para que o Menino Jesus me contemplasse com algum brinquedo no dia de Natal, e eles se compadeceram de mim. Então foram a um sebo na cidade do Porto e compraram muitos livros de histórias para mim. Foi o mais lindo presente de Natal que eu recebi. Não só pelos livros, mas por aquela tocante manifestação de afeto num momento de tantas dificuldades. Senti que eles se importavam comigo, que me amavam apesar das poucas efusões, sobretudo de meu pai, que raramente me abraçava. Mas aquele presente valeu por todos os abraços que ele jamais conseguiu me dar.

Depois, que me importava que os livros fossem usados, ou não? Importava que fossem livros, e eu os pedia para todo mundo. Quando cheguei a São Paulo, um empregado do meu pai me emprestou livros de autores brasileiros clássicos, entre os quais se encontrava o tal *Espumas Flutuantes*. Então, quando conheci Marcus Vinícius, e fiquei enamorada do seu nome e de tudo que ele representava, ataquei de Castro Alves, mas ele me sugeriu que lesse poesia moderna, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira, e foi assim que passei a ler os modernos poetas brasileiros. Por essa razão, e para impressionar Marcus Vinicius, inventei de escrever poesia moderna, mas não era uma sincera manifestação da minha sensibilidade. Era pura afetação, uma maneira de me exhibir, talvez a única que dispunha, já que me faltavam outros atributos para impressionar um rapaz que, aliás, me considerava uma pirralha.

## Capítulo IV

### Antes e Depois do Amigo

Mas continuei escrevendo poesia moderna até que, em 1960, conheci Décio Bar, no Colégio Estadual de São Paulo. Eu estava no Primeiro Clássico e ele no Terceiro Científico. Continuava lendo muito e desordenadamente, de J. Cronin a Jorge Amado, passando por Eça de Queiroz, Pitigrilli e a Sra. Leandro Dupré. Sem falar que meu irmão Américo tinha a coleção completa de Stefan Zweig, e eu tinha comprado em prestações a coleção *Maravilhas do Conto Universal*. Ao perceber a absoluta mixórdia das minhas leituras, Décio me disse, categórico: “*Você tem que ler os escritores fundamentais, Sartre, Simone de Beauvoir, Fernando Pessoa, Erich Fromm*”, autores que eram lidos pela jovem intelectualidade da época.

43

Décio Bar era brilhante, tinha amigos igualmente brilhantes como Carlos Felipe Moisés e o Cláudio Willer, eu saía muito com ele e dei-

xei alegremente que fizesse minha cabeça. Além de me apresentar a todos esses escritores fundamentais, ele me aconselhava a não perder tempo com alguns autores, e a me concentrar em outros. Ainda por cima, Décio lia Heidegger, *“Que coisa insuportável”*, eu dizia brincando, pois me sentia burra, porque quando lia, eu não entendia nada. Eu jamais tive pendor para o raciocínio abstrato; mesmo com todas as digressões, meu raciocínio é extremamente analógico, objetivo e prático. Hegel para mim era uma tortura, Kant impensável. Até que Sartre eu lia com mais facilidade, por causa dos seus romances.

Era exatamente isso que eu gostava, de ler romances e de ir ao cinema. Adorei *Os Caminhos da Liberdade*, *A Morte na Alma*, *Sursis*. Simone de Beauvoir sempre me fascinou. *Memórias de uma Moça Bem Comportada* foi a primeira biografia que realmente me apaixonou, um livro que me abriu os olhos e a cabeça. Depois eu mesma fiz um monte de cabeças de amigas minhas com *O Segundo Sexo* e esse livro essencial.



*Maria Adelaide (à direita) com Verinha Darcy e Leonor Pacheco, 1958*

Toda essa influência começaria a mostrar seus efeitos... Parei de ir à igreja. Eu já havia começado a questionar as sanções sexuais da Igreja, os dogmas, os tabus, a castidade. A amizade com o Décio e o contato com esses

escritores extraordinários serviram para que eu refletisse sobre religião, minha prática religiosa, sobre política, para que eu tomasse uma posição claramente de esquerda, mas aquela foi uma época de muitos questionamentos. Aquilo tudo fazia um profundo sentido para mim, porque, na verdade, a sensação que eu tinha é que o Décio me abria uma porta, e que eu vislumbrara um universo. Eram portas para uma percepção extremamente aguçada. E já que estamos falando sobre isso, outro autor que se lia muito naquele tempo era Aldous Huxley.

46

Nesse período começariam as experiências com ácido lisérgico, mescalina, dos quais nunca me aproximei. Nunca me interessei por nada que me tirasse da realidade. Preferia beber, mas sabia quando parar. Eu bebia sobretudo destilados, uísque e coquetéis à base de gim, como o *dry martini*, que raramente bebo hoje em dia. Mas não abro mão de um bom vinho, e sei que jamais seria alcoólatra por três razões: não bebo sozinha, não bebo qualquer porcaria e, em geral, só bebo à noite.

Um dia, não sei como, criei coragem e mostrei meus poemas ao Décio Bar, que delicadamente me disse que eram uma merda. Me senti ridícula, mas ele tinha toda razão. Tratava-se de uma pessoa que sabia muito mais do que eu. Incontinenti parei de escrever poesia.



## Capítulo V

### Rumo ao (Quase) Estrelato Mirim

Há um aspecto da minha vida que pouquíssimas pessoas conhecem. Desde criança, eu sentia uma grande atração pelo teatro. Era uma paixão tão grande que, ainda em Portugal, não me despedi do meu irmão mais velho quando ele veio para o Brasil, porque estava assistindo fascinada a um espetáculo de artistas ambulantes. Quando alguma companhia de Teatro de Revista se apresentava no Cine Ermezinde, eu corria ansiosa. E no dia seguinte reproduzia as danças e as canções que tinha escutado para as crianças da vizinhança. Eu tinha idêntica paixão pelo cinema. Eu conhecia a filha do bilheteiro do Cine Ermezinde e, como a mãe dela era a faxineira do cinema, de vez em quando ia com ela, e ficava procurando os artistas dos filmes atrás da tela.

49

No jornal do Colégio, do qual eu era redatora-chefe, havia uma seção que era a *Entrevista do Mês*, e um belo dia sugeri que se entrevistasse

Júlio Gouveia, que tinha três programas infanto-juvenis na TV Tupi, canal 3: o *Teatro da Juventude* às 10 horas da manhã aos domingos, *O Sítio do Pica-pau Amarelo*, se não me engano nas noites de quarta-feira, e uma novelinha que ia ao ar nas terças e quintas-feiras, em geral adaptações de clássicos feitas por Tatiana Belinky, que era casada com o Júlio Gouveia. *Heidi*, *Pollyana*, *O Jardineiro Espanhol*, *O Pequeno Lord* foram algumas dessas encantadoras novelas que ofereciam um teleteatro infanto-juvenil da melhor qualidade. Todos os que tinham televisão assistiam. A televisão chegou na minha casa em 1957. Até lá eu era *tele-vizinha*, como se dizia na época, e assistia a esses programas na casa da Diva Allegrucci, uma cantora lírica que se apresentava nas noites de sábado, no programa *Cortina Lírica* da Rádio Gazeta. Ela me levou muitas vezes para suas apresentações no Teatro Cásper Líbero, e durante algum tempo minha mãe acalentou o sonho de que me tornasse também cantora lírica. Mas eu queria ser atriz. Então, quando fui entrevistar Júlio Gouveia, no final da conversa corajosamente ofereci meus serviços. Caso

*o senhor um dia tenha um papel para mim...* e dei o telefone da Diva Allegrucci, uma das raras pessoas da rua que possuía linha telefônica.

Demorou quase um ano para que Júlio Gouveia me chamasse, mas, enfim, um dia o telefone tocou e lá fui eu para o TESP (Teatro Escola de São Paulo), com o coração aos pulos. Estávamos em 1957, e se tratava de um especial do *Teatro da Juventude* que iria ao ar no dia 9 de Julho, em homenagem aos 25 anos da Revolução Constitucionalista. Era a adaptação de um conto americano, cujo tema era a Guerra de Secesão, no sul dos Estados Unidos, no qual uma menina colocava uma flor no túmulo do soldado inimigo no Dia dos Mortos, um soldado *yankee*; na adaptação de Tatiana, a menina paulista deixaria uma flor no túmulo de um soldado mineiro. Era nitidamente uma mensagem pacifista, a protagonista seria Sonia Maria Dorce, grande atriz mirim na época, e eu fazia a amiga dela, um papel insignificante que, no entanto, me abriu as portas para um mundo no qual desejava ansiosamente entrar.

Depois de pequenas participações no *Teatro da Juventude*, Júlio me chamou para fazer a Becky do *Tom Sawyer*, em sua segunda versão. Na primeira, a Becky tinha sido Verinha Darcy, uma estrela infantil que lamentavelmente teve um final trágico. Em ambas as versões, o protagonista era interpretado por David José, que era um verdadeiro astro. Mas o auge, por assim dizer, da minha carreira infanto-juvenil foi interpretando a vilã da novelinha *Angélica*, adaptação de um romance austríaco, que contava a história de uma pobre menina que havia sobrevivido à Guerra e estudava de favor num colégio fino. Adotada por alguns e rejeitada por outros, Angélica era atormentada por Beate, uma menina esnobe da classe alta vienense que a tripudiava. Eu havia feito teste para outro papel, mas Tatiana quis que eu tentasse este e me saí muito bem. Afinal, os papéis de vilã são sempre mais interessantes que os outros. Foi um sucesso extraordinário, passei a ser reconhecida na rua, aonde me chamavam pelo apelido da minha personagem, Alta. Foi minha primeira experiência com a notoriedade e, por causa

disso, em 1960, a TV Cultura me chamou para participar de uma novela chamada *Ana Maria* para interpretar nada menos que a própria. O final da novela foi antecipado por falta de patrocinador, mas a vida foi seguindo seu curso com uma participação aqui e ali, inclusive no *Grande Teatro Cultura*, no qual a Companhia Cacilda Becker se apresentava todas as semanas. Certa vez eu fiz um pequeno papel em *Tovarich*, quando tive a honra de contracenar com Cacilda e Walmor Chagas, e o saudoso Odavlas Petti, que na peça era meu irmão. Então um dia, os atores Marcos Plonka e Amandio Silva Filho, que eu tinha conhecido nos programas do Júlio Gouveia, me convidaram para fazer uma comédia na TV Excelsior, que não iria para o ar ao vivo, seria gravada em videotape, o que era uma grande novidade. Para mim, no entanto, representou o final das minhas pretensões de ser atriz. Quando eu me vi no vídeo... meu Deus!... não é que eu fosse ruim, simplesmente não era nada. Fiquei muito incomodada comigo, com minha voz, me achei medíocre, muito aquém do que imaginava que era.

Eu tinha 19 anos. Foi um amargo adeus às minhas ilusões cênicas. Estava claro que eu não era a Cacilda Becker e nem jamais seria. Ela era um verdadeiro ídolo para mim.

## Capítulo VI

### Rebelde Sem Causa

Durante minha adolescência, uma das minhas atividades favoritas era ir ao cinema e felizmente morava num bairro com muitas salas. O Cine Itapura exibia os musicais da Metro, no Cine Roma podíamos ver todas as comédias da Atlântida e os filmes do neo-realismo italiano, e o Santo Antônio, também na Rua da Mooca, ao lado do Cine Roma, tinha programa duplo, triplo.

55

Eu via faroestes, todos os filmes mexicanos com a Libertad Lamarque, filmes argentinos, e outros com a Maria Antonieta Pons, uma rumbeira sensual que era considerada, praticamente, como uma estrela da sacanagem. Eu via tudo. No Cine Glória, na Rua do Gasômetro, eu entrava domingo à 1h00 da tarde e saía às 6h00. Eram dois filmes e, além disso, tinha desenho animado, documentários curtos, os *shorts*, e os seriados do Flash Gordon e do Zorro. Uma festa completa.

Eu gostava de quase tudo, mas tinha sensibilidade para reconhecer o bom cinema. Lembro que ao assistir *Amar é Sofrer (The Country Girl)*, do George Seaton (1954), com Grace Kelly, Bing Crosby e William Holden, percebi que era incomparavelmente melhor que a maioria dos filmes que assistia. Da mesma forma, *Férias de Amor (Picnic)*, 1955, com William Holden e Kim Novak, me encantou pela qualidade da história. Eu não me identifiquei com a Kim Novak, e sim com a irmã dela, a Millie, interpretada pela Susan Strasberg. Ela era eu. Ela, a que fumava escondido e queria ir para Nova York para se tornar uma grande escritora. Eu já sabia qual era o meu lugar. Jamais seria alguém como a linda e doce personagem da Kim Novak. Eu me identificava inteiramente com a intelectual e esse sentimento era verdadeiro.

Sim, um dia iria para uma grande metrópole, onde seria escritora. Em 1958, eu comecei a partilhar esses sonhos com a Ingrid, que conheci no Colégio Paulistano. Porque, evidentemente, eu pedi transferência do Colégio Sagrada

Família antes de ser expulsa, pois a Irmã Eunice, que não me suportava, queria me usar como exemplo para disciplinar a classe. Imagine, eu disciplinando a classe. Então comecei a procurar outro colégio, queria que fosse leigo e misto e, como meus pais não podiam se ocupar disso, acabei fazendo tudo sozinha. A única condição era a de que o preço da mensalidade fosse o mesmo.

E foi assim que, na terceira série ginásial do Colégio Paulistano, conheci Elisabeth Ingrid que seria minha melhor amiga durante anos. Filha de pai alemão e mãe húngara, morava no Brooklyn onde viviam praticamente quase todos os alemães da cidade. Assim como eu, ela adorava ler e escrevia fantasticamente bem. Suas redações eram brilhantes, muito melhores do que as minhas, eu tinha que me render ao seu talento, e me rendi me tornando sua melhor amiga. Quando nos aproximamos, descobrimos que desejávamos exatamente as mesmas coisas. Sair de casa, de preferência ir para Nova York ou Paris, nos tornar escritoras e, o mais impor-

tante, ...jamais iríamos nos casar, e teríamos muitos amantes.

Nos víamos também fora do horário de escola. Ao longo dos anos, nós freqüentamos muito a Confeitaria Vienense, na Rua Barão de Itapetininga, porque a oficina de jóias do meu pai se localizava no mesmo prédio, exatamente no andar de cima. Bebíamos *gin fizz* e *cuba libre*, fumávamos muito e fazíamos planos de viagens ao exterior e promessas de eterno celibato.

58

Quando saí do Colégio Paulistano em 1959, fui trabalhar como vendedora da Joalheria Adamo, na Rua São Bento, para a qual meu pai e meu irmão fabricavam jóias. Era curioso, porque tudo isso acontecia de modo paralelo, os estudos, a televisão, esse tipo de trabalho e os outros que vieram depois: escriturária na Samba, e bancária no extinto Banco da Lavoura de Minas Gerais, na Rua Boa Vista, que tinha a vantagem de ser meio período. Eu entrava à uma da tarde e saía às sete da noite diretamente para o Colégio Estadual de São Paulo, que ficava no Parque Dom Pedro. Nessa al-

tura, não estávamos mais no mesmo colégio, mas continuei minha amizade com Ingrid até 1964, quando ficou claro que eu ia me casar com o Murillo. Ela considerou uma traição aos nossos sonhos e planos. Nós poderíamos namorar quem quiséssemos. Casar jamais. Ela se afastou de mim porque eu rompera o nosso pacto.



Foi tudo muito rápido com o Murillo, entre conhecê-lo e casar decorreu apenas um ano e meio. Eu tinha 22 anos quando subi ao altar da Igreja Perpétuo Socorro, conduzida por meu pai e sorrindo muito para os presentes, num estado de quase euforia, devida em grande parte a dois cálices de Ginja, tomados enquanto me penteavam e maquiavam. Meu pai, que havia acabado de receber a garrafa de Portugal, sugeriu que eu tomasse um pouco para relaxar. No que fez muito bem. Eu tinha o costume de chorar nos casamentos.

## Capítulo VII

### Depois Daquele Beijo

Alguns anos antes de conhecer o Murillo, assim que comecei a ganhar corpo, como se costumava dizer, ou pelo menos, no meu caso, algum corpo, comecei a namorar bastante. Nunca colegas de escola, e sim homens um pouco mais velhos. Em geral, era o amigo do namorado da amiga com quem eu saía, ou conhecia o rapaz num baile de formatura, ou de pré-formatura. Meu primeiro namorado foi um homem de 27 anos, e eu era uma idiota que não sabia nem beijar. Na verdade, eu não tinha a menor idéia de como se fazia isso. *“Você não gosta de mim”*, ele repetia. E dizia que eu não correspondia aos beijos que me dava, mas eu não sabia o que fazer com a boca do sujeito. Eu ficava parada, praticamente imóvel, e ele foi fazer confidências ao namorado da minha amiga. Naturalmente, ela quis saber o que estava acontecendo. *“Escuta, você não gosta do Joaquim? Ele te beija e você não corresponde?”* E eu perguntava: *“Como assim?”*

Eu não entendia o que ela queria dizer. “O que você faz quando ele te beija?” Eu respondia “Ah, eu não faço nada, abro a boca, e sinto a língua dele”. “...E o que você faz?” “Eu deixo, apesar de achar meio nojento aquela saliva”. “Mas então você não sabe beijar!” Ela disse, escandalizada.

Não sabia mesmo. Então ela resolveu me ensinar, me deu uma aula de beijo. Aproximou a boca do dorso da mão, e me mostrou como eu devia fazer. E com o meu segundo namorado, eu já sabia beijar perfeitamente. Também ajudou o fato de eu ter-me apaixonado perdidamente. No fundo, é um paradoxo divertido, porque a mesma moça boba, que não sabia beijar, bradava aos quatro ventos que jamais iria se casar, e que era a favor do amor livre. Ou seja, a mesma pessoa ingênua fazia esse discurso libertário, totalmente *avant-garde* para aquele tempo quando a virgindade era condição para o casamento.

## Capítulo VIII

### Alguns Desvios, Porém Mantendo a Rota

Meu casamento com o Murillo durou trinta anos, e quase sempre foi muito bom enquanto durou. Nos divertimos muito, tivemos dois filhos profundamente amados, criamos um círculo de amigos muito interessantes, alguns dos quais permanecem até hoje, sobrevivendo às crises, ao tempo e a todas as mudanças.





Porém, o mais importante é que eu cresci muito ao longo dos anos do casamento com o Murillo. Incomensuravelmente. Mais do que o período da minha formação, foi o período da minha definição. Embora aparentemente levasse uma vida bastante convencional no início do meu casamento, meu lado transgressor sempre esteve latente. De alguma maneira, o sonho da escritora voltaria com outras feições, mas voltaria.

A sensação que tenho é que passei os primeiros anos do meu casamento me preparando para

aquilo que viria a ser, mas não sabia disso conscientemente. Como havia parado de trabalhar fora, comecei a fazer inúmeros cursos. De teatro, antigo e moderno, de arte, antiga e moderna, de história, e outros setores do conhecimento humano que tinham plena ressonância na minha verdadeira natureza. Além de ler compulsivamente, ir a concertos e espetáculos de teatro, eu terminei por conta própria o curso colegial que havia interrompido em 1962, depois de uma viagem de quatro meses a Portugal. Então me preparei para o curso de Madureza sozinha, e fui fazer os exames do Colégio Estadual onde havia estudado. Em 1968, ingressei no curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. Era a famosa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na Rua Maria Antonia, a que chamávamos simplesmente de *Maria Antonia*. Foi um ano profundamente conturbado, sobretudo em setembro, pela guerra entre os militantes de esquerda e os de direita, a turma do Mackenzie contra os estudantes da Maria Antonia. Eu estava grávida de oito meses, e lembro que o Eduardo Graeff, que muitos anos depois seria assessor do Presidente

Fernando Henrique Cardoso, era amigo e colega de curso, me barrou na entrada da rua dizendo: *“Pode voltar pra casa. Isso aqui não é lugar para você”*. Hoje estou certa de que a gravidez me salvou de várias coisas, inclusive de me engajar na luta armada.

66

Meu filho Rodrigo nasceu dia 13 de outubro de 1968, e o Congresso de Ibiúna presidido pelo José Dirceu, quando 700 estudantes foram presos, tinha acontecido no dia anterior. Ainda tenho a Folha com a manchete *“Todos presos”*, entre eles muitos amigos e colegas. Eu estava na maternidade, quando minha grande amiga, e colega de classe, Maristela Gáudio, veio me dizer que não iríamos voltar para a Maria Antonia, mas para os barracões da Cidade Universitária. Faríamos algumas provas e o ano escolar terminaria compulsoriamente. O fato é que eu me matriculei durante anos, e nunca consegui terminar o curso no campus universitário.

Todas as vezes que assistia à primeira aula de Sociologia do ano, me perguntava o que é que

eu estava fazendo ali. Não entendia por que tinha escolhido Ciências Sociais. Na verdade, aquilo não tinha nada a ver comigo. Claro que tinha gostado muito das aulas de política do Roberto Gambini, e das de Antropologia de Eunice Ribeiro Durhan, mas o que eu amava mesmo era ler romances, ir ao teatro e ao cinema. Por que não tinha feito Letras ou Comunicação?

Por algum tempo cheguei a namorar essa possibilidade, mas o único curso superior que cheguei a concluir foi Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero, onde estudei de 1976 a 1978.



## Capítulo IX

### Um Presente dos Céus

Entre 1964 e 1967 fiz, como já disse, inúmeros cursos com a intenção de me tornar, um dia, crítica de teatro. Tendo desistido irreversivelmente de ser atriz depois da experiência na TV Excelsior, mas ainda ferozmente apaixonada pelo palco, resolvi que daria a minha contribuição de outra maneira. No então Instituto de Artes e Decoração, o famoso IADE, onde fiz vários cursos sobre Teatro antigo e moderno com o professor Anatol Rosenfeld, conheci Carolina Andrade, também professora de arte e casada, na época, com o diretor da instituição. Em 1968, ela foi convidada pela Abril Cultural para dirigir a coleção *Arte nos Séculos*. Imediatamente, ela chamou a Maristela Gaudio para ser secretária editorial, que me ofereceu um trabalho de pesquisa em caráter *freelancer*.

69

Em 1970, Carolina assumiu uma nova publicação, chamada *Nossas Crianças*, e me convidou para fazer a pesquisa, que englobava psicolo-

gia, pediatria, pedagogia, em caráter efetivo. No dia 1º de junho, comecei a trabalhar no terceiro andar do edifício Abril da Marginal do Tietê, que na época abrigava quase todas as publicações da casa. No ano seguinte, fui designada para a pesquisa da Enciclopédia Abril. Os cursos que havia feito então me qualificaram para que acabasse fazendo quase todos os verbetes de Teatro. O consultor de Teatro era o Sábato Magaldi, na época Secretário da Cultura do Prefeito Olavo Setúbal. Ele era um consultor que lia, corrigia, me indicava os erros e me explicava o porquê das correções. Quando me chamava para rever o texto, eu ia à Secretaria, na casa da Marquesa de Santos, no Pátio do Colégio, ou então à sua casa, onde ele vivia então com a bailarina e atriz Marilena Ansaldi.

Em 1974, o Sr. Victor Civita resolveu levar adiante o projeto *Teatro Vivo*, uma coleção sobre dramaturgia universal, e chamou para dirigi-la o José Américo Mota Peçanha. Com ele foi também Pascoal Miguel Forte, meu antigo chefe de pesquisa na Enciclopédia Abril, que me

chamou para escrever os prefácios introdutórios.

Foi um presente dos céus, um privilégio trabalhar numa publicação que me permitia ler tudo o que se havia escrito sobre os maiores dramaturgos e sua obra. Eu ia acumulando cada vez mais conhecimento e mais informação, pois aquele trabalho funcionava como verdadeiras aulas de dramaturgia. A coleção começava com William Shakespeare, passava por Carlo Goldoni, Eugène Ionesco, Sófocles, Eugene O'Neill, Arthur Miller, Edward Albee, em suma, era a história do Teatro Ocidental no que ela tem de mais essencial. Isso foi uma oportunidade fantástica que a vida e o Sr. Victor Civita estavam me dando. Eu sabia e aproveitei cada momento.



*Na redação da Abril, 1979*

## Capítulo X

### O Grande Momento

Em 1975, as coisas não andaram muito bem para algumas divisões da Abril, inclusive a Divisão Cultural, e começamos a ouvir falar de um *passaralho*, expressão que, na linguagem jornalística, designa um “*caralho alado*”, e significa demissão em massa. Ele passa rente e sempre corta muitas cabeças. Foi o primeiro *passaralho* que eu vivi.

73

Entre o boato e o fato, houve um espaço de dez dias e aquilo se tornou um laboratório de comportamento para mim, embora, como os outros, eu também estivesse com medo de ser demitida. Havia gente muito apavorada, e eu comecei a observar as reações das pessoas diante da iminência de uma demissão. Vê-se de tudo. Os apavorados, os corajosos, os porra-louca, os puxa-sacos, durante dias viveu-se o desespero, o horror, a revolta, em suma, aquilo foi muito intenso. Tão intenso que um dia cheguei em casa e fui

imediatamente para a máquina de escrever. Eu precisava escrever sobre aquilo que estava vivendo. Não sabia se seria uma carta para um amigo distante, a Paula Dip, por exemplo, nossa ex-colega que estava morando em Phoenix, Arizona, nos Estados Unidos, ou uma página de diário que jamais tive, só sei que comecei em forma de diálogo e dando nome aos personagens. Escrevi naquela noite e na noite seguinte. Gerei aquilo que seria a minha peça *A Resistência*. Quando terminei, apesar de reconhecer uma peça de teatro, não tinha a menor perspectiva sobre o meu próprio trabalho.

74

Munida de coragem, liguei para o Sábato Magaldi e disse: *“Escrevi uma coisa, mas eu não sei direito o que é. Talvez seja uma peça de teatro, mas não tenho certeza, gostaria muito que você lesse”*. Ele pediu que lhe mandasse o texto e, no dia seguinte, me telefonou para dizer: *“Isso que você escreveu é Teatro e muito bom Teatro. Mas quero que você venha aqui amanhã, porque vamos conversar a respeito”*. A peça tinha alguns problemas, claro, devidos à minha própria inexperiência.



*José Mário Austregésilo, Patrícia Mendes, Ivan Soares e Eduardo Diógenes, em A Resistência, Recife, 1981*

Com enorme paciência, o Sábado me apontou cada problema e cada defeito do texto naquele sábado. Das duas da tarde às sete horas da noite, ambos esquadrihamos e discutimos página por página. Ele estava tão impressionado quanto eu com o fato de eu ser autora. E agradavelmente surpreendido, porque sempre amou o teatro e tudo que lhe dizia respeito. No final, me sugeriu que encaminhasse a peça para algumas pessoas. Assim fiz, mas como quase sempre costuma acontecer com

os autores principiantes, houve gente que não leu, gente que leu e não gostou, e outros que perderam o texto. Mas eu não desisti.

No ano seguinte, escrevi *Bodas de Papel*. Assim como *A Resistência* é sobre a minha experiência com a demissão em massa numa redação e o fantasma do desemprego entre jornalistas, *Bodas de Papel* trataria do desemprego entre executivos. Afinal, estava casada com um deles. Murillo era Administrador de Empresas, formado em 1964 numa das primeiras turmas da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. Ou seja, mais uma vez eu escrevi sobre o que conhecia, o que eu vivia e sentia. De alguma maneira, foi uma peça premonitória do que aconteceria nos anos oitenta, quando o problema do desemprego começaria a afetar para valer os executivos.

## Capítulo XI

### Deram o Terceiro Sinal

Em 1976, decidi enviar as duas peças para o Concurso do SNT, o Serviço Nacional de Teatro, e *A Resistência* ficou entre as quatro primeiras. Em primeiro lugar ficou *Patética*, a peça do João Ribeiro Chaves sobre a tragédia de Vladimir Herzog, mas o mais curioso foi um inesperado telefonema que recebi do falecido diretor Ademar Guerra, que fazia parte do júri daquele ano. Ele tinha gostado tanto do meu texto, e discretamente sondou vários autores perguntando-lhes se o haviam escrito. Não me lembro exatamente como um conduziu a outro até que ele conseguiu me localizar. O fato é que, um dia, ele ligou e muito francamente me disse: *“Isso que eu estou fazendo é absolutamente antiético, mas não posso deixar de dizer o quanto fiquei impressionado com sua peça. Espero que você nunca comente isso com ninguém”*. Eu nunca comentei, é a primeira vez que o faço, agora, depois

de mais de trinta anos. A peça ficou em quarto lugar e isso deu uma certa visibilidade ao texto.

Nessa altura, o Murillo já estava encantado com o mundo do teatro, e, como a empresa em que ele trabalhava transferiu sua sede para o Rio de Janeiro em 1977, ele resolveu aceitar um convite para administrar o Teatro Brigadeiro. Naquele ano, uma das peças que ali fizeram mais sucesso foi *Constantina*, de Somerset Maughan, estrelada por Tônia Carrero, dirigida pelo Cecil Thiré, que tinha no elenco entre outros Karin Rodrigues e Regina Braga. Regina procurava um texto para montar e o Murillo fez chegar a suas mãos *Bodas de Papel*. Encantada, ela logo passou o texto ao Cecil, que imediatamente se propôs a dirigir.

78

E foi assim que, com a produção do meu ex-marido, *Bodas de Papel* estreou no dia 5 de julho de 1978, no Teatro Aliança Francesa, com Regina Braga, Jonas Mello, Luiz Carlos de Moraes, Jandira Martini, Ileana Kwasinski, Luiz Parreira e Lorival Pariz no elenco.

MANAGERIAL – CONSULTORIA, ADMINISTRAÇÃO E  
PARTICIPAÇÕES LTDA. E ASSOCIADOS

Apresentam

**JONAS MELLO**  
(Turco)

**REGINA BRAGA**  
(Tetê)

**ILEANA KWASINSKI**  
(Clô)

**LORIVAL PARIZ**  
(Arruda)

**IRENE RAVACHE**  
(Magui)

e

**LUIZ PARREIRAS**  
(Jorge)

**LUIZ CARLOS DE MORAES**  
(Carlão)  
Em



**BODAS DE PAPEL**



De: **MARIA ADELAIDE AMARAL**

Direção: **CECIL THIRÉ**  
Cenografia: **FLAVIO PHEBO**  
Prod. Executiva: **Regina Guimarães**  
Administração: **Lourdes Brandão**  
Cenotécnico: **José Revoltos Mir**  
Contra-regras: **Fernando A. C. Andrette / Carmo Luiz**  
Sonoplasta: **Jaime**  
Camareira: **Mercedes**  
Iluminação: **Oswaldo**  
Divulgação: **Marta Góes e Leonel Prata**  
Fotografias: **Walter Clemente**  
Penteados: **Antonio Carloss**

Sob o patrocínio do **SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO**  
**DAC – FUNARTE**  
(Órgãos do Ministério de Educação e Cultura)





80 *Jandira Martini e Luiz Carlos Moraes, Bodas de Papel, 1978*

Jamais esquecerei a emoção da estréia. Vagava pelo saguão cumprimentando as pessoas, mal ouvindo o que diziam, os desejos de sucesso típicos do teatro, *merda, merde, break a leg*, o carinho e o conforto dos que não eram versados nos costumes das artes cênicas. *Vai dar tudo certo, vai ser um sucesso, não fique nervosa*. Como se fosse possível uma autora estreante não ficar nervosa. Na verdade, não queria falar com ninguém, queria ficar sozinha num canto, eu e meus pensamentos, expirando minha tensão



*Regina Braga e Jonas Mello, Bodas de Papel, 1978*

com a fumaça dos meus cigarros. Exatamente como o Cecil me encontrou, na escadinha de serviço do Teatro Aliança Francesa. Ele passou por mim e só disse, *"nem vou falar com você, eu entendo"*. Claro que entendia. Uma estréia é sempre uma estréia, e para mim era a primeira. Pela primeira vez, veria os personagens dizerem meu texto para um público que eu não conhecia, em sua maior parte. Como repercutiria? Como os atingiria? Por que diabos eu tinha que ter inventado de escrever peças?

Por que não estava em casa lendo um livro, recebendo amigos ou assistindo televisão? Por que tinha que passar por aquela aflição, o coração na boca, à mercê da opinião dos outros? Que me interessava a opinião dos outros, Santo Deus!

82

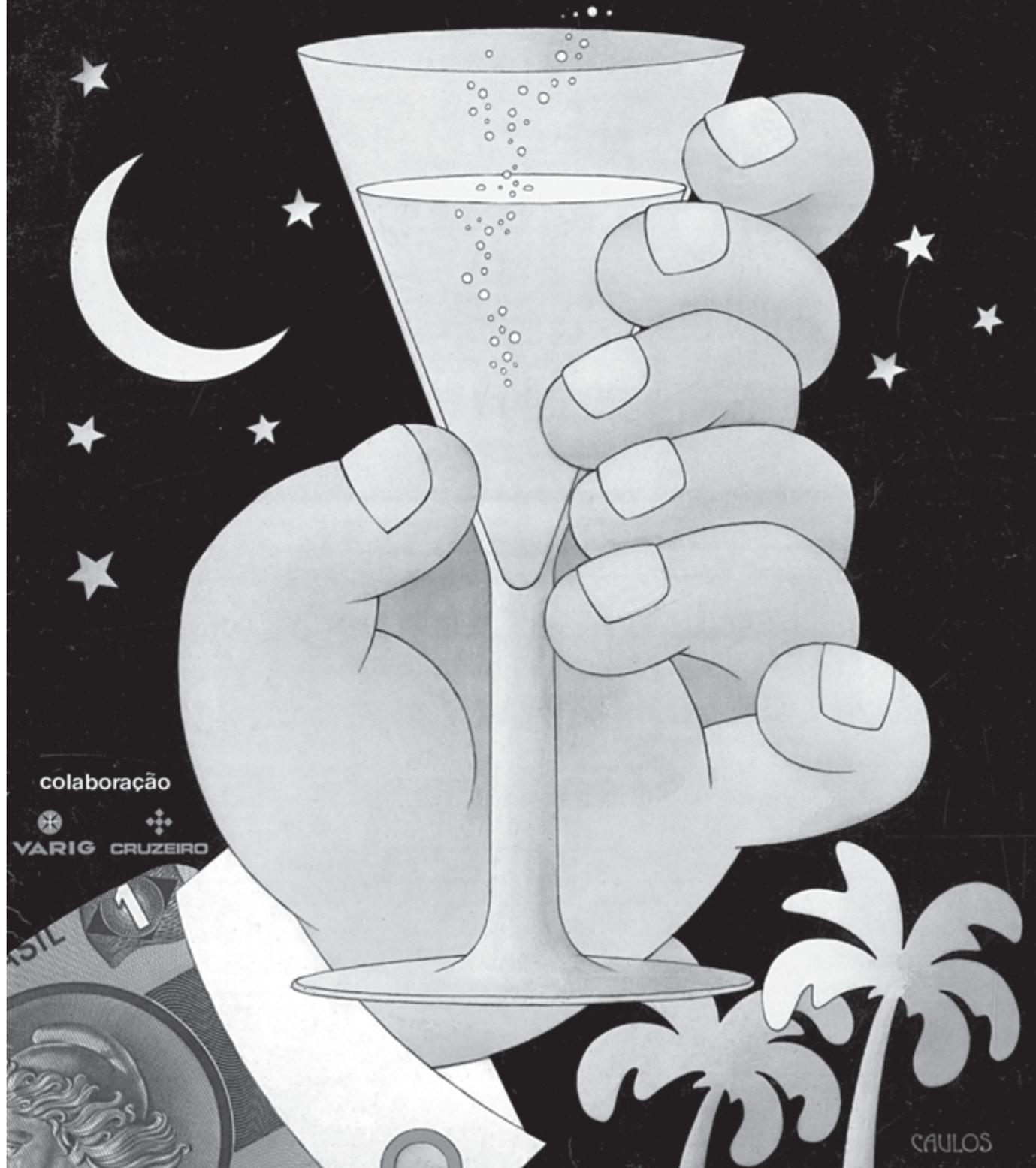
É claro que interessava, aliás, para um autor é só o que interessa, a opinião do público. Como serei acolhida, como entenderão o texto, como reagirão, no todo e nas partes? E lá estamos nós para receber os aplausos, cada um dos espectadores que bate palmas é uma carícia na nossa alma. E dizemos intimamente *obrigada, meu Deus, obrigada, meu senhor, minha senhora, muito obrigada por gostar de mim e das minhas criaturas.*

É por isso que desejamos o aplauso, é só para isso que estamos preparados. Por mais que digamos a nós mesmos *estamos preparados para o pior*, não é verdade, não no fundo do coração, pelo menos no que me diz respeito. Jamais estive preparada para o fracasso. Pude administrá-lo quando ele veio. Mas não gostei.

# BODAS DE PAPEZ

Comédia de Maria Adelaide Amaral

Teatro Maison de France



colaboração

   
VARIG CRUZEIRO

CAULOS

Então a cortina abriu e o zunzum na platéia indicava que o público tinha gostado do cenário do saudoso Flávio Phebo. Regina Braga cantava quando entrou o truculento personagem do Turcão, interpretado por Jonas Mello. “*Abaixa essa merda!*” ele disse, se referindo a uma canção de Roberto Carlos. E, em menos de um minuto, o público tinha aderido à peça.

84

Quando o pano fechou, todos se levantaram e aplaudiram entusiasmadamente. *Bodas de Papel* era uma peça de atores e para um bom diretor de atores, e todos estavam perfeitos. Fez um grande sucesso e todos os críticos saudaram o fato de que nascia uma autora. Acabei ganhando a maior parte dos prêmios relativos a 1978, inclusive o Molière, então a láurea máxima do teatro, e também o Governador do Estado. E ganhei também o Ziembinski, prêmio concedido pela classe teatral, que depois se transformaria no prêmio APETESP.

## Capítulo XII

### Um Caminho Sem Volta

Logo depois da estréia, quando começaram a surgir as primeiras críticas, fiquei tão impactada, que peguei um avião e fui para o Rio de Janeiro, procurar refúgio em casa da minha amiga Valquíria Dutra de Oliveira, ex-colega de Abril. Eu não me sentia apenas despreparada para aquele sucesso inesperado, mas para as grandes mudanças que, cedo ou tarde, fatalmente iriam ocorrer. Ser uma autora implicaria em sair da Abril, mais cedo ou mais tarde. Tinha acontecido com a Consuelo de Castro, que pedira demissão logo depois de ter montado *O Caminho de Volta*. Eu não queria mudar nada, pois adorava minha vida do jeito que ela era. Como poderia deixar a Abril, meus amigos, o Zé Américo, o Pascoal, a Vera Galli, o Nelson Santonieri, o Sérgio Moliterno, o Vicente Adorno, a Bel Raposo, a Carolina e tantos outros que passaram a ser parte da minha família, que me nutriam, e que nutriam o meu teatro?

Quem era o Luis Raul de *A Resistência*, senão o Luis Raul Machado, e o Leo, senão o Antônio Roberto Spinosa? E as queridas secretárias, a Soninha, a Nancy, a Petissa, a Magali? O divertido pessoal da arte, o Milton Rodrigues Alves, o Miltão, o Pedrão, o Haroldo, o Jonas, o Chuchu? E o italiano dos discos, o Zé dos livros? O perfume da Cozinha de Claudia, a elegância de Costanza Pascolato entrando ou saindo da produção de Claudia Moda? O que faria sem essas pessoas? Longe da resistência, dos abaixo-assinados denunciando ao mundo a violência e a tortura, os desmandos da ditadura? Tínhamos ido todos ao culto ecumênico em memória de Vladimir Herzog, ao sair da Catedral apontamos para as janelas onde estavam os fotógrafos da repressão, protestávamos contra a linha-dura, cantávamos canções proibidas, fazíamos circular textos censurados e, quando os metalúrgicos do ABC entraram em greve, colhemos donativos para que eles conseguissem mantê-la.

Estávamos todos juntos, misturados, nossa vida social era um prolongamento da vida profissio-

nal, inventávamos sempre pretextos para continuarmos juntos depois do expediente, lutando para manter acesa a chama da nossa alegria. Eles, os militares, já nos tinham retirado muitas coisas, mas jamais permitimos que nos retirassem o prazer da vida. No verão, íamos nadar na hora do almoço na piscina descoberta da ACM na Lapa, brincávamos de amigo secreto, pirateávamos o amigo secreto das outras redações, assistíamos ao nascimento e à morte de grandes e pequenos romances, todos sabiam da vida de todo mundo, tínhamos consciência de que vivíamos um momento importante nas nossas vidas e, apesar da vida política do país, eu era feliz e sabia. Como também sabia que iria chegar o dia em que não seria mais possível conciliar Abril e o Teatro, que eu teria que fazer uma escolha que, na verdade, já estava feita. O teatro era minha vocação, meu destino. Não havia caminho de volta. Seria apenas uma questão de tempo.



## Capítulo XIII

### Houve uma Vez um Verão

Em agosto de 1979, *A Resistência* estreou no Teatro Gláucio Gil no Rio de Janeiro, dirigida por Cecil Thiré, um dos grandes encenadores com quem tive a felicidade de trabalhar. Tinha sido sua a decisão de montar *A Resistência* no Rio, mas ele estava com muito medo. Tinha sido uma dificuldade encontrar um ator que aceitasse interpretar o personagem Luiz Raul, um redator homossexual. Muitos foram convidados, inclusive Edwin Luisi que, enfim, aceitou o convite. Além disso, o Cecil receava que o tema da peça, uma redação de revista na qual o terror da demissão minava as relações das pessoas, pudesse não interessar outros espectadores além dos jornalistas.

89

Porém, contrário ao que ele temia, a peça foi um tremendo estouro de bilheteria. E eu estou contando uma história de uma época em que o teatro fazia dez sessões semanais, no mínimo,

trabalhava-se de terça a domingo, com duas sessões aos sábados e duas aos domingos. Simplesmente lotou o Teatro Gláucio Gil, desde a semana de estréia até o último dia de apresentação. *A Resistência* foi um dos maiores sucessos que eu tive na minha carreira, foi a peça do verão de 79, ano da promulgação da Lei da Anistia, ano quando Elis Regina celebrou a volta dos exilados cantando *O Bêbado e a Equilibrista*.

As pessoas na praia comentavam, recomendavam, elogiavam o trabalho de Osmar Prado e de Edwin Luisi. Todos os dias, o Luis Raul Machado, que estava morando no Rio, ia ao teatro ver um pouco de si no seu homônimo personagem, e no meio da temporada, acabou se casando com a Stella Freitas. Dessa união nasceu a Ana, que considero um pouco minha neta. *A Resistência* deu muitos prêmios ao Cecil Thiré e ao Edwin Luisi, ficou dois anos em cartaz, e só teve saldos positivos. O maior foi ter sedimentado minha amizade com a Norma Thiré, o Cecil e sua mãe, Tônia Carrero. E com os atores, naturalmente. Sobretudo com o Edwin e a Stella. Também data dessa época o início da minha amizade com Ariclê Perez.

Só pude escrever *A Resistência* porque conhecia o universo das redações daquele tempo como ninguém. *Bodas de Papel* foi outra coisa. Eu jamais gostei do mundo dos executivos. Era casada com um e, como tal, tinha algumas obrigações que sempre procurei cumprir da melhor maneira. Não sei se consegui sempre, mas o fato é que não era minha turma, jamais foi, ou seria.

Também baseada na minha experiência pessoal como bancária, escrevi *Ossos d'Ofício*. Era 1981, os computadores estavam chegando, e não se sabia o que fazer com o Arquivo Morto, uma seção que não se compunha apenas de pastas, mas de pessoas que iam sendo colocadas lá quando, por assim dizer, não tinham mais serventia. Em geral, eram os funcionários que não havia optado pelo Fundo de Garantia e que estavam protegidos pela antiga Lei Trabalhista que impedia a demissão de um empregado depois de dez anos de trabalho. Eu queria falar da ameaça da informática que estava chegando e reduzindo o trabalho dessas pessoas, já insignificantes, a nada. Era uma tragicomédia, esplendida-

mente dirigida por Silnei Siqueira e com interpretações notáveis da Sônia Guedes, do Antônio Petrin e do saudoso João José Pompeo. Mas apesar de ter recebido boas críticas, não fez o sucesso esperado. E afinal, não seria minha única peça a ficar pouco tempo em cartaz. Escrevi uma comédia chamada *Seja o Que Deus Quiser*, montada no Rio em 1987 pelo Cecil Thiré, que foi um fracasso absoluto. Eu acreditava muito nela, achava o texto inteligente, mas era um tipo de humor ao estilo inglês. Lembro do querido Flávio Rangel dizendo na estréia que *“Isso é uma peça para ser montada em Londres”*. Talvez fosse. Ou talvez fosse apenas um equívoco.



# OSSOS D'OFÍCIO

COMÉDIA DE MARIA ADELAIDE AMARAL



## Capítulo XIV

### New York, New York

O fato é que a carreira de um autor é feita de altos e baixos, e a minha não seria diferente. Ao longo dos anos, ganhei e perdi dinheiro com as minhas peças, começando por *Bodas de Papel*, que, apesar do sucesso inicial, acabou nos dando bastante prejuízo, sobretudo nos últimos meses, quando um dos atores adoeceu e várias sessões tiveram que ser canceladas. O Murillo foi obrigado a deixar a administração do Teatro Brigadeiro e voltar ao mercado de trabalho. Havia muitas dívidas a saldar, e eu precisei pedir para ser demitida, a fim de poder sacar o Fundo de Garantia. Felizmente contei com a compreensão dos meus superiores, o Antônio Silvio Lefèvre e o Roger Karman, diretor da Divisão Cultural, que foram profundamente solidários.

E o Murillo foi trabalhar na Bozzano, que tinha sido comprada pela Revlon; ele tinha uma excelente formação, perfeitamente bilíngüe e se reintegrou fa-

cilmente. Em conseqüência, voltei a freqüentar esse mundo que afinal passou a ter alguns aspectos bem atraentes. O principal é que a sede da empresa era em Nova York, para onde comecei a viajar periodicamente. Viajava em novembro antes do *Thanksgiving*, e ficava até a primeira semana de dezembro. Quase todas as noites eu ia assistir aos espetáculos da Broadway e *off-Broadway*, e conheci cada livraria de livros novos e usados. Adorava garimpar as que eram especializadas em teatro.

96

Por causa das viagens freqüentes, senti necessidade de voltar a estudar inglês, o fiz com Fernando Carneiro da Silva, que me foi indicado por Regina Braga. Era maravilhoso, porque a aula de conversação versava sobre o que estava acontecendo tanto na vida cultural brasileira como na americana, comentávamos as notícias das revistas *Time* e *Newsweek*, as peças em cartaz, e os vídeos com filmes e seriados que sua irmã lhe enviava dos Estados Unidos.

Como o Fernando me encorajou a ler ficção em inglês, comecei pela obra de George Elliott e Jane

Austen, grandes escritoras inglesas do século XIX, e também me atrevi a ler Tacqueray, autor de *Vanity Fair*. Por seu intermédio, também descobri outro escritor, Evelyn Waugh, de quem a TV Cultura exibiria anos mais tarde *Brideshead Revisited*, uma memorável produção da BBC.

Quando o Fernando faleceu no início dos anos 90, seu companheiro Joel Martins, que se tornaria também grande amigo meu, me mandou uma caixa de livros com textos de teatro inglês e americano. *“O Fernando adoraria que esses livros ficassem com você”*. Tenho certeza disso. Lamentavelmente, o Joel morreria poucos anos depois, no momento em que era reitor da PUC.



## Capítulo XV

### Uma História de Amor

Talvez não por acaso o título de minha primeira obra teatral seja *A Resistência*. E, uma vez que a vida não se separa de nossa criação, pode-se transformar incessantemente a vida em arte. Foi em 1979 também que comecei a escrever um romance. De enfiada, escrevi os três primeiros capítulos do livro que se chamaria mais tarde *Luísa*, e pedi para o Caio Fernando Abreu ler. Na época, ele trabalhava na Revista POP da Editora Abril, e entrou na minha vida pelas mãos de Celso Cury, outro grande e querido amigo. Todos os dias, o Caio, que trabalhava no segundo andar, subia para a gente conversar. Um dia, ele me pegou no colo e disse: “*Como você é levinha!*” Eu era muito magra, pesava na época 42 quilos, mas “*levinha*” passou a ser meu apelido em todas as cartas que trocamos ao longo dos anos até a sua morte, tão prematura, em fevereiro de 1996.

O Caio adorou os três capítulos do meu livro, e me estimulou a continuar. Nessa época, eu viajava muito para o Rio para rever, sempre que podia, *A Resistência* e pelo convívio adorável com aquelas pessoas. Lembro de uma vez em que o Cecil foi me buscar no aeroporto e perguntou o que eu andava escrevendo no momento. Respondi que estava escrevendo um romance, mas ele não ficou muito entusiasmado. *“Não se deve mexer em time que está ganhando”*. Segundo Cecil, eu deveria me dedicar apenas ao teatro. Argumentei que escrevia com grande entusiasmo, e ele então me perguntou se o romance não renderia uma peça de teatro. Respondi que não, mas que talvez funcionasse no cinema. *“Tudo que dá cinema dá bom teatro”*, ele disse. Achei estranho. Naquele momento, não me parecia que um material de caráter tão intimista pudesse render uma peça de teatro. Somente depois de alguns anos entrevi essa possibilidade.

Em janeiro de 1984, Irene Ravache, que tinha se tornado uma grande amiga, me chamou para a gente conversar. Em agosto, ela faria 40 anos de

idade, e queria montar uma peça que falasse de perto às mulheres da sua geração. De preferência, um texto sobre amor e desencontro, que discutisse os meandros de uma paixão, e porque duas pessoas, mesmo se amando, se ferem tanto e acabam se separando com tanta dor. Aquilo que Irene pedia era a essência do terceiro capítulo do romance, que afinal estava inacabado. O mais curioso, porém, é que à medida que ela ia falando eu via a peça inteira diante de mim, cena atrás de cena, inteiramente resolvida do ponto de vista formal. Disse-lhe então, *“acho que tenho o que você quer, vou mandar um dos capítulos de um livro que por falta de tempo não consegui terminar. Se for isso que você quer eu escrevo a peça”*. Naquela mesma tarde enviei-lhe os originais, e quando Irene acabou de ler me ligou muito emocionada. Era exatamente o que ela estava buscando.

101

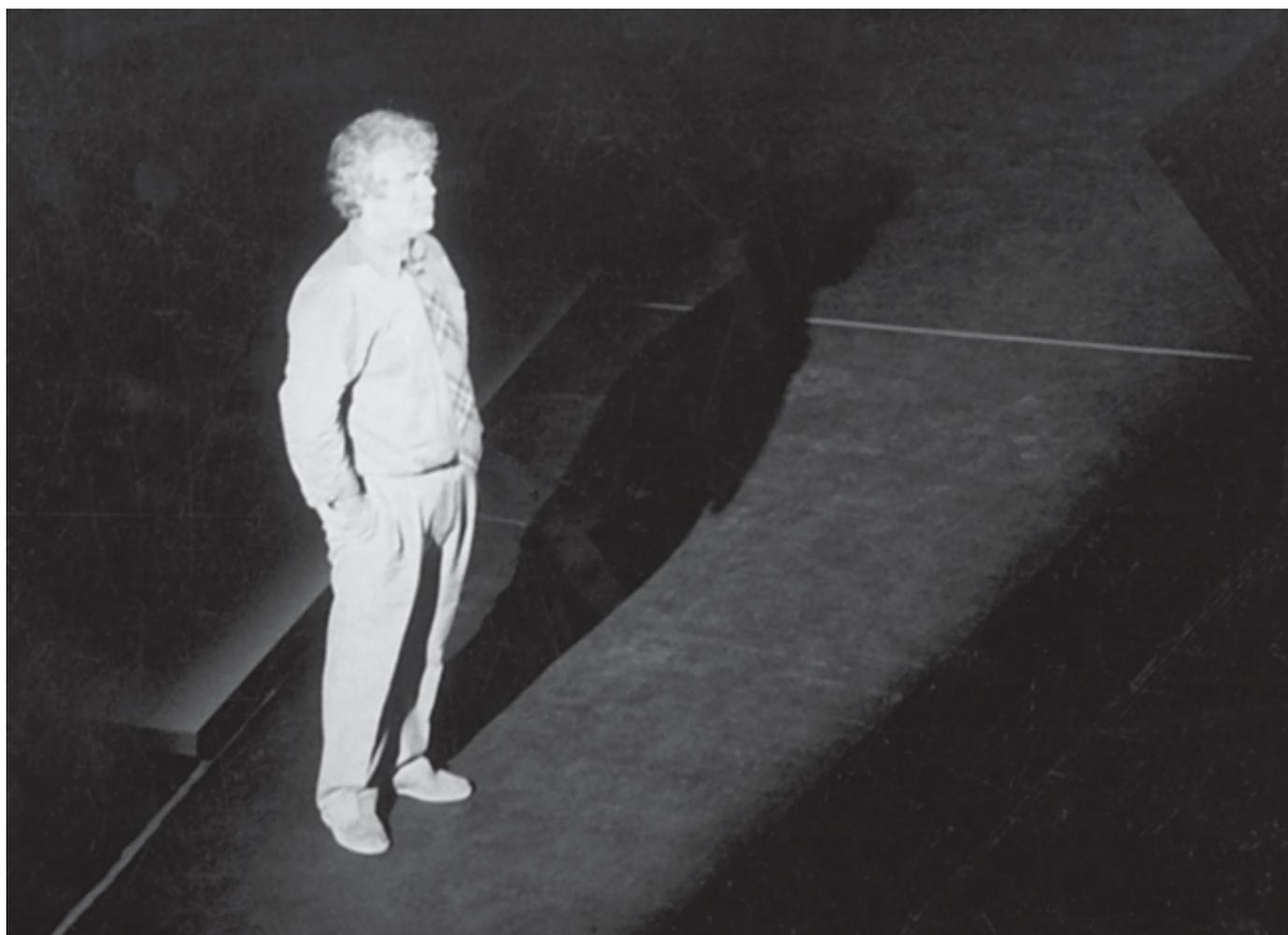
Escrevi *De Braços Abertos* em 15 dias, pois já estava de viagem marcada para os Estados Unidos a convite do USIS, o Serviço Cultural do Consulado Americano em São Paulo, para conhecer várias companhias de teatro em diferentes cida-



“Gosto do teu rosto, desse jeito abandonado  
que você fica quando me quer..”

des americanas, e ficaria 40 dias fora do Brasil. Assim, precisava terminar a peça antes de embarcar, para que Irene levantasse a produção e os ensaios pudessem começar no início do segundo semestre. A peça estreou no dia 12 de outubro de 1984 no Teatro Faap, com Irene Ravache e Juca de Oliveira como Luísa e Sérgio, e direção de José Possi Neto. Foi um sucesso extraordinário.

Quando vi a peça no palco, concluí que estava na hora de terminar o romance. Pedi então uma licença de seis meses na Abril Cultural, e *Luisa, Quase uma História de Amor*, que seria publicado em 1986 pela Editora Nova Fronteira, ganhou o Prêmio Jabuti de melhor romance daquele ano. A peça, por sua vez, ficou mais de dois anos em cartaz e deu à Irene, ao Possi, e a mim todos os prêmios com os quais poderíamos sonhar. Foi um grande momento na vida de todos nós. Na minha memória ficarão para sempre a emoção dos espectadores e a delicadeza de um comentário de Caio Fernando Abreu em uma de suas cartas, logo depois da estréia:



*De Braços Abertos é lindo e poderoso, dá vontade de amar. De amar de um jeito "certo", que a gente não tem a menor idéia de qual poderia ser, se é que existe um.*

IRENE RAVACHE JUCA DE OLIVEIRA

DE BRACOS ABERTOS

DE MARIA ADELAIDE AMARAL  
DIREÇÃO: JOSÉ POSSI NETO  
TEATRO FAAP



## Capítulo XVI

### Tempos de Pesadelo

Quando leio a correspondência do Caio Fernando Abreu, me dou conta do quanto ele participou da minha vida, das horas felizes, das perplexidades e das inquietações que partilhámos, como também a dor e os momentos de desespero. Foi também o Caio a primeira pessoa que, ao olhar o meu mapa astral, previu que, entre muitos percalços, um dia eu seria famosa. Percalços nunca me faltaram, sua gama, aliás, foi bastante variada, e a notoriedade, se é que se pode chamar assim, acabaria vindo no final dos anos 90, devida principalmente ao meu trabalho na televisão.

107

O Caio era um excelente astrólogo e costumava dizer que Fernando Pessoa o era também. Nem era necessária referência tão ilustre. Desde criança sempre tive uma atração especial pelo oculto. Durante anos freqüentei cartomantes, quiromantes, videntes, e adivinhos de toda a or-

dem. Na época em que trabalhava na Abril, íamos em bandos consultar a mais recente e naturalmente fantástica cartomante que alguém tinha descoberto na Vila Matilde, ou onde quer que fosse. Mas como nenhum desses oráculos me disse nada consistente, num determinado momento cansei e deixei de ir.

108

Em 1983, eu estava no Rio de Janeiro pesquisando para a peça *Chiquinha Gonzaga, ó Abre Alas*, que me tinha sido encomendada pelo Teatro Popular do SESI e hospedada na casa de meu cunhado Ramon. Na ocasião, ele estava casado com sua prima Ceci, que me convidou para ir com ela e uma amiga consultar uma cigana no Irajá. Declinei dizendo que precisava trabalhar mas, na última hora, a Edinha Diniz, biógrafa da Chiquinha Gonzaga, ligou cancelando a nossa reunião. E acabei sendo levada ao Irajá e colocada na frente da mal-encarada cigana. Ela abriu as cartas e começou... *“Tem um homem de sua família... Seu pai não é porque seu pai morreu... Mas é seu sangue, então é irmão. Vejo ele preso e não é cadeia, mas tem polícia e*

*muito dinheiro nessa confusão, o que é isso?"*  
Eu disse: *"Sei lá, acho que minha cunhada está brigando com o sócio e eles vão acabar indo pra justiça"*. Mas a mulher sacudia a cabeça e reforçava: *"Não é isso, e você está no meio dessa aflição. Se não aconteceu, vai acontecer, e quando acontecer você vai lembrar de mim"*. E jogou o baralho sobre a mesa e me apontou a porta da rua. Dez dias depois eu estava em minha casa em São Paulo, quando o telefone tocou pouco depois das nove da noite. Era minha mãe dizendo que meu irmão Américo tinha sido seqüestrado. *"Já pediram resgate, deixaram uma carta na caixa de correio do teu irmão Artur"*. Imediatamente me ocorreu a história da cigana do Irajá.

109

Subi correndo para o quarto para contar a meu marido o que estava acontecendo, enquanto repetia, *"Murillo, a cigana do Irajá, Murillo, a cigana do Irajá"*. Polícia. Ela tinha falado em polícia, portanto eu devia avisar a polícia. Desci para a sala ansiosa e liguei para o Dr. Flávio Leme que, além de advogado do Américo, era tio do Silvio Leme, braço direito do Manuel Pedro Pimentel, nada

menos que o Secretário de Segurança Pública. Mas eis que de repente vejo o Murillo na escada aos berros, me chamando de louca por estar acionando a polícia sem perguntar à minha cunhada Anella, se ela assim o desejava. Tarde demais. Uma hora depois uma turma da Delegacia Anti-Seqüestro montava um quartel-general na adega do meu irmão. Para meu alívio, a Anella apoiou integralmente a entrada da polícia no caso do seqüestro do meu irmão.

110

O Américo era um grande joalheiro, talentoso, excelente artesão. Ele fazia parte de um Clube dos Doze, que reunia os doze melhores joalheiros do Brasil, e tinha o toque de Midas. Mas embora fosse rico, acordava às cinco horas da manhã para abrir a fábrica, e sentava para trabalhar de jaleco numa banca ao lado de seus empregados. Porém, como foi marcado na juventude por uma longa fase de privação e de penúria, necessitava se cercar de alguns símbolos de status. Na grande casa, na região do Ibirapuera, havia diversos automóveis, entre os quais um Mercedes Benz. E foi isso que os

seqüestradores viram numa matéria sobre meu irmão publicada meses antes, numa revista especializada em jóias e relógios. Também o que a cigana havia dito, vejo ele preso e não é cadeia, mas tem polícia, só fez sentido completo no final, quando se descobriu que os algozes de meu irmão tinham sido um delegado e um investigador.

Foi uma fatalidade minha mãe, que morava comigo desde 1974, se encontrar em casa do meu irmão quando tudo aconteceu. Mas era quarta-feira, dia de folga da babá das minhas sobrinhas, e ela costumava ir para contar histórias para as meninas. Quando, dias depois, a trouxemos de volta, seu estado era deplorável. E não era para menos. Só quem viveu um seqüestro pode avaliar o horror dessa experiência. Não há palavras de conforto que nos consolem, somente a esperança que vem e vai com as notícias que chegam ou não chegam do seqüestrado, as preces que se fazem, os pedidos desesperados, as promessas, dia e noite o mesmo pesadelo, o sono raro e entrecortado

# Delegado é preso, termina o mais longo sequestro

O mais longo sequestro já ocorrido no Brasil, com 38 dias de duração, acabou na noite de sexta-feira, quando a polícia localizou o bando, que era chefiado pelo delegado de polícia, José Gustavo de Oliveira, do 45.º Distrito Policial. Ele e os outros 4 envolvidos foram presos. A vítima, o jornalista Américo Moreira Santos, de 54 anos, foi resgatada, em precário estado de saúde.

Para não prejudicar as investigações, a imprensa não noticiou o sequestro, que teve até lances internacionais, quando os sequestradores exigiram que a mulher da vítima fosse a Lisboa para pagar o resgate de Cr\$ 250 milhões.

Al surgiu a primeira grande pista: o delegado José Gustavo foi visto no aeroporto da capital portuguesa por um dos policiais que acompanharam a mulher do sequestrado. De início, a quadrilha pediu 100 quilos de ouro. Depois, 50 quilos. Por fim, Cr\$ 250 milhões, em dólares. A demora em esclarecer o caso foi assim explicada pelo delegado-geral, Maurício Pereira: "Isso aconteceu porque era polícia contra polícia."

Américo, sequestrado a 27 de abril, permaneceu todo o tempo numa casa em Riachão Grande, no município de São Bernardo, ao lado de uma via secundária que parte do quilômetro 23 da via Anchieta.

Américo Moreira Santos permaneceu praticamente imóvel durante os 38 dias, atado a uma corrente e detido sob uma barraca que os sequestradores montaram dentro de um dos quartos da residência. Difícilmente os poucos mercedários da vizinhança poderiam perceber algo estranho naquela casa. Há muitos moinhos na área e as demais residências, muitas de veraneio, são cercadas de muros.

Sempre vigiado por dois sequestradores, Nelson Zuffo e Paulo Ferreira, o "Cariquinha", Américo era obrigado a fazer as necessidades fisiológicas no quarto. Para isso, foi colocado um vaso sanitário móvel no cômodo. O contato que teve com os sequestradores foi para gravar mensagens, em fitas cassete, ou escrever bilhetes para seus familiares.

Além do delegado José Gustavo de Oliveira, conhecido como "Guga", ligado ao 45.º DP (Vila Brasilândia), estavam envolvidos o investigador Rubens Ambrósio Teixeira, que trabalhava no Departamento de Administração da Delegacia Geral, e Daniel de Souza, ex-detento.

## A prisão

Os primeiros a serem detidos foram o delegado e o investigador. O Grupo Anti-Sequestro do Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic), que deteve cerca de 30 policiais para afastar diretamente no caso, descobriu o telefonema pú-

co da praça da Sé de onde o delegado José Gustavo falava com o gerente da fábrica de plás de Américo, Antônio.

O gerente foi escolhido pelos sequestradores — depois de falarem inúmeras vezes com diferentes integrantes da família Santos — como intermediário nas negociações para entrega do resgate. Através de vigilâncias em unidades da Telesp, a polícia localizou o aparelho de onde era feita a ligação.

Vários policiais foram acionados e chegaram à praça da Sé às 21h15, em uma viatura disfarçada de ambulância. A polícia já suspeitava da participação do delegado no sequestro porque ele fora visto no aeroporto de Lisboa por policiais que acompanharam a mulher de Américo, Aneli Máizoni Santos, em sua estada de uma semana em Lisboa, por determinação dos sequestradores. Ela levou os Cr\$ 250 milhões pedidos de resgate, mas não houve contatos para a entrega do dinheiro em Portugal, como se esperava.

## "Tem sujeira"

Antes de ser preso, o delegado foi alertado pelo investigador Ambrósio, que lhe disse "tem sujeira", para dizer que já desconfiava da perseguição. O delegado não acreditou e continuou falando com Antônio. A conversação foi gravada e nela se ouve o delegado retrucar ao investigador: "Não tem sujeira não." Os policiais saltaram da "ambulância" e dominaram o delegado e o investigador.

José Gustavo não teve tempo de esboçar reação e afirmou, com ar de indignação: "Está bem, a casa caiu." Quer dizer, admitia que tudo estava perdido. Sob pressão dos policiais, indicou o local onde Américo Moreira Santos era mantido em cativeiro.

Os outros três integrantes do bando foram presos ao mesmo tempo em que a vítima era liberada do cativeiro. Eles foram surpreendidos dormindo. Ao seu lado havia revólveres, que não tiveram tempo de apanhar. Os policiais caminharam pelo mato, cercando a casa.

A porta foi arrombada e os agentes invadiram a residência, com cinco cômodos. Os sequestradores dormiam em um quarto e, para chegar até onde estava Américo, era preciso passar pela cozinha, por onde entrou a polícia. Assim, não havia possibilidade de tomá-lo como refém, como último recurso para fuga. O jornalista, conforme ele mesmo diria mais tarde, assustou-se com a ação da polícia, e chegou a imaginar que seria morto.

## Negativa

O delegado José Gustavo de Oliveira e o investigador Rubens Ambrósio Teixeira negaram, ao depor, qualquer participação no sequestro do jornalista.



O delegado e o investigador (cabeças cobertas para evitar fotos) deixam a 36.ª DP



Américo chegou a pedir que o matassem. "Não aguentava mais."

ro, embora tenham confessado, momentos antes, que cometeram o crime, porque necessitavam de vultosa quantia em dinheiro para saldar dívidas. No entanto, os outros três sequestradores confirmaram que o sequestro foi tramado pelos dois policiais.

## Proteção

Contrariando determinação do secretário da Segurança, que havia autorizado a apresentação à imprensa de todos os sequestradores, na 36.ª Delegacia (Vila Mariana), os repórteres não puderam entrevistar os dois policiais envolvidos. Eles saíram da delegacia com a cabeça encoberta para evitar fotos e foram levados rapidamente para a Penitenciária do Estado.

## Na polícia, satisfação e constrangimento

A notícia da libertação de Américo e prisão dos sequestradores chegou aos demais integrantes da operação pelo rádio da polícia. A partir daí iniciava-se grande movimentação na Delegacia Geral de Polícia, instalada no mesmo prédio onde funciona o Deic. Enquanto o delegado-geral Maurício Henrique Guimarães Pereira dava as primeiras informações, soube-se que o investigador Henrique Perrone Filho havia sido internado. Ele não resistiu à emoção ao saber que tudo estava resolvido. Perrone chefou a operação de rua durante o tempo em que durou o sequestro e teve um problema cardíaco ao saber da prisão dos sequestradores.

Na casa onde Américo ficou no cativeiro, via-se, na madrugada de sábado, uma série de objetos, remédios e alimentação que os sequestradores prepararam para manter a vítima durante muito tempo. Américo declarou que "cheguei a pedir para eles (sequestradores) me matarem, porque eu não aguentava mais aquela situação. Eu fiquei todo o tempo acorrentado em um canto escuro, já não acreditava na minha libertação".

A mulher de Américo, que foi encontrá-lo logo após saber de sua li-

bertação, afirmou que "já desconfiava do envolvimento de policiais no sequestro". Aneli Máizoni Santos argumentou que "eles sabiam tudo o que se passava; em termos de investigação".

Assediado pela imprensa, o casal deixou o prédio do Deic às 6 horas de ontem, escoltado por policiais. O delegado-geral Maurício Henrique Guimarães Pereira, enquanto os sequestradores continuavam prestando depoimentos, disse que "a situação é constrangedora", referindo-se ao envolvimento de policiais no caso. "Mas acho que o trabalho nosso obteve pleno resultado, com todos presos em flagrante e a vítima resgatada com vida e incólume." Sobre a demora no esclarecimento do sequestro, ressaltou: "Isso aconteceu porque era polícia contra polícia."

## Suspeita

A primeira suspeita em torno do envolvimento do delegado José Gustavo de Oliveira surgiu no dia 21 de maio, sábado, quando ele foi visto em Lisboa por policiais que acompanharam Aneli Santos a Portugal. Obedecendo ordens dos sequestradores, ela hospedou-se no Hotel Tivoli. O delega-

do, que estava de férias, tentaria receber o resgate em Portugal.

La ela permaneceu uma semana com o dinheiro, sem que houvesse telefonemas indicando o local da entrega. O delegado Deic Funari, diretor de Divisão no Deic, viajou antes e informou a polícia portuguesa sobre o que se passava. Lá, foi montado "um esquema em cinco horas, que aqui demoraria cinco dias", para interceptação dos sequestradores, observaria mais tarde Funari.

Juste com Aneli, viajaram mais dois policiais. Eles conversaram, de lá mesmo, ter visto o delegado José Gustavo, o "Guga", "ou alguém muito parecido com ele", no aeroporto de Lisboa. Ao receber a informação, as autoridades policiais determinaram a Corregedoria Geral que chamasse o delegado para prestar declarações. Em um telefonema do delegado-corregedor Guilherme Santana à casa de "Guga", soube-se por um de seus familiares que ele estava viajando.

Após dois dias depois, que estava sendo procurado, o delegado José Gustavo compareceu à Corregedoria para afirmar que estava, naquele dia 21, "suma pescaria em Mato Grosso do Sul".

por pavorosos presságios. *Será que ele está vivo? Será que sente frio, fome, será que o estão espancando, será que vão matá-lo, ou mutilá-lo como estão ameaçando? A vida é o momento, o minuto, qualquer acontecimento é interpretado como um sinal. Sim, ele vai voltar para nós. Não, ele nos chegará morto.*

38 dias de cativo

# Familiares negociaram sob tensão

O primeiro telefonema dos sequestradores foi dado no dia 27 de abril

## ANSELMO DE SOUZA

Na tarde de 27 de abril, Américo Moreira Santos saiu de sua fábrica de jóias, na rua Monsenhor João Felipe, 2, na Mooca. Ao contrário do que acontecia normalmente, ele não chegou às 19 horas em sua casa, uma mansão da avenida 4.º Centenário, Jardim Lusitânia, no Ibirapuera.

Por volta das 22 horas, seu irmão Artur Moreira Santos, morador na rua Heitor Peixoto, 218, Bosque da Saúde, que trabalha com ele na fábrica, recebeu um estranho telefonema, ordenando-o a apanhar material deixado na caixa de correspondência. Em dois textos, um datilografado e outro escrito à mão, pelo próprio Américo, a mensagem era a mesma. Ele havia sido sequestrado.

Em 15 linhas datilografadas, endereçadas a Artur e à esposa de Américo, Anela Malzoni Santos, os sequestradores avisavam: "Ele está em absoluta segurança que doravante dependerá da atitude de vocês". Repetindo várias vezes, em outras palavras, essa mesma ameaça, eles frisavam que ninguém — nem a polícia — devia saber o que estava acontecendo.

Alertavam os familiares de Américo para não tentarem "de forma alguma prejudicar nossas negociações, pois caso contrário to-



Diante da vítima, sempre encapuzados

maremos atitudes drásticas. Saiba também que conhecemos todos os hábitos da família". Acrescentavam que "tão logo vimos nossas exigências atendidas, o sr. Américo será libertado incontinentemente, são e salvo para o lar". Diziam que as suas fábricas de São Caetano do Sul (a Vogue) e Mooca estavam sob vigilância, além da casa de Artur e do próprio Américo. "Qualquer movimento estranho será por nós constatado."

No bilhete escrito por Américo, cuja caligrafia foi reconhecida pelos familiares, ele reforçava o conteúdo do outro, pedindo de próprio punho à família que atendessem às exigências.

## A polícia é avisada, a vítima pede à família para que ninguém interfira

O fato chegara ao conhecimento do Grupo Anti-Sequestro (GAS) do Deic, formado após a extinção do Departamento de Ordem Política e Social (Doops) que cuidava desses casos. Inicialmente, os familiares de Américo avisaram um desembargador. Ele falou com o secretário da Segurança, que acionou o delegador-geral, Maurício Henrique Guimarães Perreira, e este, por sua vez, o Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic).

A operação policial consistiu, basicamente, na colocação de três investigadores na casa de Anela, gravando todos os telefonemas, vigilância em torno da casa dela e a de Artur, além das fábricas da Mooca e São Caetano. Inicialmente mobilizou-se cerca de 30 policiais, reunidos apressadamente, já que o GAS ainda não tinha estrutura para esse tipo de ação.

Sábado à tarde, dia 30 de abril, por volta de 15 horas, acontecia a primeira grande movimentação da polícia. Os sequestradores indicaram, por telefone, o primeiro local para entrega do resgate. Em breve contato, eles mandaram Anela ir de carro para a Marginal Pinheiros, com o dinheiro no porta-malas, e se apresentar ao lado do Jockey Club, na parte dos fundos, em frente a um oratório.

A mulher, em um Ford Landau, foi ao local acompanhada pelo cunhado Artur. Dezenas de policiais cercaram o Jockey. Anela ficou cerca de quatro horas no local. Ninguém apareceu para apanhar o dinheiro do resgate. Ela retornou para casa, sempre seguida por policiais que tinham um assalto no trajeto.

Domingo à tarde, 1.º de maio, tudo se repetiu. Em novo telefonema os sequestradores disseram, laconicamente, "vá para o mesmo local, como ontem". Entretanto, mais uma vez ninguém apareceu para apanhar o dinheiro. Ao chegar em casa, à noite, houve outra ligação, em que Anela discute com os sequestradores, reclamando da ausência deles para apanhar o dinheiro. Ela exigiu também que fossem dadas provas de que seu marido estava vivo.

A resposta viria na segunda-feira. Os sequestradores deixaram uma "encomenda", conforme diziam no telefonema, no parque Ibirapuera. Dessa vez era uma fita cassete em que aparecia longa mensagem gravada, onde o próprio sequestrado falava de sua debilitada situação física e insistia para que a polícia fosse libertada.

Após situar-se no tempo, dizendo "não mais ou menos 13 horas do dia 2

Estas só seriam definidas mais tarde, após uma série de comunicados entre os sequestradores e familiares da vítima.

Inicialmente, exigiram 100 quilos de ouro, depois 50 quilos e, finalmente, Cr\$ 250 milhões. Anela Santos reuniu o dinheiro em dois dias, recorrendo a bancos e amigos. Américo foi sequestrado numa quarta-feira e o acerto nas negociações só aconteceu uma semana mais tarde.

Nesse período, houve um intenso diálogo entre os sequestradores e Anela, através de telefonemas, muitos deles pedindo, simplesmente, para aguardar novos contatos. Na tarde de quinta-feira — dia seguinte ao sequestro — por volta das 15 horas, Anela recebeu telefonema em que eles informavam sobre a existência de uma "encomenda", deixada no parque Ibirapuera, ao pé de uma árvore que indicaram com precisão. Ali havia nova carta dos sequestradores e outro bilhete de Américo, "dessa vez com letra trêmula", conforme observou a polícia.

Os sequestradores pediam, dessa vez, 50 quilos de ouro pelo resgate e Américo insistia no atendimento da reivindicação. Na sexta-feira, 29 de abril, houve novo longo diálogo entre Anela e um dos sequestradores, que tinha "leve sotaque português", constatou a polícia, a essa altura já com um esquema pronto para possível interceptação dos sequestradores, na hora da entrega do dinheiro.

de mal", Américo afirma, com voz ofegante, "a polícia não pode complicar a minha libertação, e a polícia está complicando a minha libertação". Ele dirige-se a Artur, pedindo-lhe que convença Anela a impedir a atuação da polícia, e acrescenta: "Não adianta nada a polícia intervir na hora de eles apanharem o dinheiro, porque ali está uma pequena parte do grupo, e se algo sair errado eles me matam."

Na gravação, Américo fala que "eles estão bem equipados em termos de telecomunicações, é uma quadrilha internacional e sabe de tudo que se passa dentro e fora da minha casa". Ele pede ainda, que a família consulte um advogado para afastar a polícia do caso. Implorando: "Entregue o dinheiro que é deles (sequestradores), não tem importância, vamos trabalhar juntos, recomeçar de novo, se Deus quiser."

Américo apresentava estar convicto de que seria libertado após a entrega do dinheiro. "Feito isso eles vão me libertar, no meu automóvel, que está intacto". Pedia uma reunião em família para buscar uma solução para o que deixava claro tratar-se de um impasse: o dinheiro estava pronto para ser entregue, mas a polícia, ao lado dos passos da mulher, impedia que os sequestradores pudessem levá-lo.

Também nós ficamos seqüestrados, os movimentos mínimos, de casa para o trabalho, e do trabalho para a casa do meu irmão, onde ficávamos à espera de alguma notícia, que nunca era precisa nem alvissareira.

114

Felizmente para todos nós, meu irmão foi libertado depois de 38 dias de cativo. Ele estava numa chácara em Riacho Grande, perto da Serra do Mar, trancado num quarto e dentro de uma barraca de *camping*, e com seus pés amarrados. Ele conseguiu sair vivo dessa experiência sinistra, mas com problemas de saúde que iriam concorrer para a sua morte prematura nove anos depois. Contudo, minha modesta participação no seqüestro nos aproximou. Nos tornamos amigos como jamais havíamos sido, e assim permanecemos unidos por um sólido e profundo afeto até ele morrer. O Américo sabia que podia confiar em mim integralmente.

## Capítulo XVII

### *E Pur Si Muove...*

Embora no final da minha adolescência eu tivesse abandonado a prática religiosa, ao longo da vida continuei rezando para o meu Anjo da Guarda. Porém, só fui conhecer a fé verdadeira em 1981. Morávamos numa casa linda no Sumarezinho, que havíamos comprado em 1974, depois de visitar mil e um imóveis. Mas ao descer os cinco degraus que me levaram a uma enorme sala, eu soube que encontrara o meu lugar. *É aqui que eu quero viver*, disse. Era ali que eu queria viver e morrer, olhando através daquelas janelas que se abriam a oeste para uma mata virgem, e ao sul para o Jockey Clube e a Cidade Universitária. Ainda por cima, havia um enorme terraço no piso inferior que seria ao mesmo tempo nosso jardim e nosso quintal. Ali plantei uma árvore e cultivei um caramanchão de madressilvas.

115

No início de 1981, ao entrar no meu carro, percebi que, entre a nossa garagem e a casa do vizi-

nho, havia uma pequena rachadura. Levei o fato ao Murillo, mas ele achou normal que, por ser de concreto, a casa se mexesse. Como, porém, a rachadura fosse aumentando, meu cunhado Cícero, que é arquiteto, resolveu levar um engenheiro. Mesmo que, depois de inspecionar o imóvel, ele tivesse garantido que a casa não corria nenhum risco de desmoronar, eu continuava vendo a garagem se afastar progressivamente da casa do vizinho. E no dia em percebi que as rachas não eram apenas externas, mas haviam se multiplicado pela casa inteira, liguei para o Murillo e lhe comuniquei que estava me mudando para a casa da mãe dele com as crianças.

116

O maior pavor que eu tinha em relação à minha casa era de que ela deslizasse e caísse sobre uma escola que ficava no sopé do morro, aliás, a escola dos meus filhos. Uma grande amiga minha, Ninfa, me propôs percorrer com ela as sete igrejas, na Sexta-Feira Santa. Lembro de ter entrado na Igreja do Carmo no centro de São Paulo e de olhar para o altar-mor e perguntar *por quê? Por que fui expulsada do que amava? Por que me ar-*

*rancaram da minha casa, do lugar onde queria viver e morrer? Que lição esse fato ocultaria, o que teria que aprender? Deve haver um sentido em tudo isso que aconteceu, era esse o pensamento mais recorrente, no momento em que me fixei na imagem do Cristo envolto em tecido roxo. Então fiz um pacto com o Altíssimo, estou voltando, eu disse... preciso tanto de você, por favor faça a Sua parte, que eu comecei a fazer a minha.* E a partir daquele instante de ligação tão intensa e profunda, voltei ao seio da Santa Mãe Igreja. Como teria voltado à sinagoga se fosse judia, ou a um templo se fosse protestante. Mas tinha sido criada na fé católica, as imagens e a devoção aos santos, bem como os rituais, soavam familiares e confortadores. Era um lugar aonde eu pertencia, ou a minha falange de luz, como diz Izabel Telles. De resto, acredito que todos os caminhos levem para Deus. Como também acredito que seremos julgamos pelos nossos atos e não por nosso tipo de fé, ou sua total ausência. A maioria dos meus amigos ateus é, em seu cotidiano, mais cristã que a maior parte dos cristãos praticantes que conheço.

Em virtude do meu retorno à prática religiosa, incentivei meus filhos, então com 13 e 9 anos respectivamente, a fazer a Primeira Comunhão. Depois, que fizessem o que quisessem com as lições do Catecismo. Para mim, o mais importante seria dar a eles os fundamentos de uma religião. Segui-la ou não seria sua decisão. Porque abraçar uma crença é uma questão muito pessoal. Mas eu queria, pelo menos, lhes abrir uma porta, fazê-los entrever uma fé que me valeu quando precisei, e que pudesse lhes valer quando quisessem, ou quando precisassem.

118

Quanto à minha casa, afinal não desabou nem deslizou como era meu temor. A movimentação cessou quando a Sabesp consertou um vazamento que havia na rua, bem em frente à minha garagem. A Rose, que tinha sido minha faxineira, pediu para se mudar para lá e acabou nos convencendo que seria uma vantagem para ela, que não pagaria aluguel, e para nós, que teríamos quem cuidasse da propriedade. A Rose morou vários anos nessa casa e deu lá uma festa de arromba quando o filho casou. Quando ela se

mudou para Ubatuba, julgamos que era melhor vender. E o fizemos mostrando aos possíveis compradores o estado em que se encontrava, sem mascarar os danos. As rachaduras estavam todas lá, as externas e internas para que os eventuais interessados vissem as reais condições do imóvel. Poucos meses depois um casal de amigos da Maria Helena, minha vizinha, comprou a casa. Ele trabalhava no ramo de fundações, a mulher no de arquitetura. Eles fizeram as obras necessárias, se mudaram, e continuam morando lá até hoje.

119

Mas quando sonho com casa, ela sempre aparece no todo ou em partes, símbolo da minha casa psíquica, que afinal continua em pé apesar de tantos percalços.



## Capítulo XVIII

### Os Ossos e os Prazeres do Ofício

Quando você escreve um livro, não existem intermediários entre o autor e o leitor. Não há interferência. O máximo que pode haver é alguma correção de ortografia na revisão. Ninguém transforma o que você escreveu, nem dirá uma frase sem a intenção correta. A relação escritor-leitor é privilegiada mas, em geral, é uma relação muito restrita. Quando se escreve para teatro ou para televisão, seu texto será intermediado pela concepção do diretor, pela interpretação dos atores e, no caso da TV, até pelo editor, que é quem faz, por assim dizer, a arte-final da minissérie ou da novela que vai para o ar. Ou seja, o texto que a gente escreve pode ser transformado, melhorado, deformado, ou engrandecido por outros profissionais. Porque uma peça de teatro e uma obra teledramatúrgica não pertencem apenas ao autor do texto. Como a dança, a música e o cinema, são artes coletivas.

Ao longo da minha carreira, diretores criaram a partir de meus textos e os excederam. Outros, felizmente poucos, fizeram leituras rasas ou equivocadas. A relação autor-diretor pode resultar num grande casamento e, nesse sentido, a vida me contemplou com grandes parcerias, tanto no teatro quanto na televisão, desde a minha estréia em 1978.

122

O entendimento com o Cecil Thiré foi imediato. Tinha visto dele um dos melhores espetáculos da década de 70, *Noite dos Campeões*, e dito a meu amigo Paschoal Forte, no final da peça, “*gostaria tanto que esse sujeito dirigisse minha peça*”. Estava pensando em *A Resistência*, que ele efetivamente dirigiu depois de *Bodas de Papel*. Cecil compreendeu o universo de cada um desses textos, tão diferentes e tão semelhantes na sua essência, e me traduziu plenamente para o público pela primeira vez. Como é um excelente diretor de atores, soube compor os elencos certos, e, quando o pano abria, se estabelecia imediatamente aquela comunhão mágica com a platéia, que é a própria essência do teatro.

O Cecil também foi responsável pela segunda montagem de *Bodas de Papel* no Teatro Maison de France no Rio de Janeiro, em 1981, que fez enorme sucesso e onde Christiane Torloni, em sua segunda atuação no palco, encantou o público no papel de Tetê, interpretado na montagem paulista por Regina Braga. Data dessa época a minha amizade com essa linda, talentosa e valente mulher, para quem muitos anos depois fiz a tradução, junto com meu filho Rodrigo Amaral, de *Joana Dark*, esplendidamente dirigida pelo José Possi Neto, e uma de suas melhores performances.



Com o Possi também tenho uma longa história de amor, que começou em 1984 com *De Braços Abertos* e prosseguiu com *Inseparáveis* e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, adaptação que fiz, a seu pedido, do romance de José Saramago. Vários fatores explicam nosso imediato entendimento, o fato de termos morado na Mooca e comido o pão que o diabo amassou na infância e na adolescência, o mesmo repertório de baixa e de alta cultura, a franqueza e o destempero, a mesma forma de olhar para as pessoas e as coisas.

124

Para a sorte dos meus diretores, não tenho o hábito de freqüentar os ensaios, a não ser o primeiro, quando vou, por assim dizer, levar a minha bênção, e o ensaio geral, naturalmente. Fora isso, só apareço quando sou chamada para resolver algum problema, como cortes ou acréscimos ao texto, por exemplo. Essa atitude não decorre apenas do fato de acreditar que a tarefa do autor se encerra quando ele escreve a palavra “*pano*”, mas também porque a minha ansiedade me impede de sentir prazer no proces-

so, por sua natureza difícil, lenta e, muitas vezes, penosa. Eu prefiro ver o espetáculo pronto, ou no momento em que ele já traduziu devidamente aquilo que estava no texto. A vantagem ou desvantagem disso é que sempre me surpreendo, a maior parte das vezes favoravelmente, em outras, felizmente poucas, desagradavelmente. Poucas vezes também o espetáculo será o que imaginamos. Frequentemente ele é muito melhor. Foi o caso, por exemplo, de *De Braços Abertos*. Mas essa peça, por ser a melhor que escrevi, merece um capítulo à parte.

125

Foi o caso também de *Ossos d'Ofício*, dirigido por Silnei Siqueira, que resultou em um espetáculo muito melhor que o texto, e a crítica foi a primeira destacar isso. Foi essa a minha sensação na noite da estréia, que a transposição para o palco era mais feliz do que a peça que eu tinha escrito. O Silnei é um dos grandes diretores deste país, nos deu dois memoráveis espetáculos nos anos 60, *Morte e Vida Severina* e *O Que Você Vai Ser Quando Crescer*.



E já que falamos do Silnei, cuja família também se tornou a minha, cabe como uma luva ilustrar aqui o que aconteceu com *Intensa Magia*. A primeira montagem aconteceu no Rio, com direção de Paulo César Sarraceni, um homem muito sensível, porém mais afeito ao cinema do que ao teatro.

**BANCO REAL**

*apresenta*

MAURO MENDONÇA & ROSAMARIA MURTINHO

*em*

# *Intensa Magia*

*de Maria Adelaide Amaral*

*direção*  
SILNEI SIQUEIRA

**Prêmio Shell**

*Melhor Ator*

MAURO MENDONÇA



Quando Marcos Montenegro resolveu trazer a peça para São Paulo, pedi que o diretor fosse Silnei Siqueira, que redesenhou o espetáculo inteiramente, começando pelo cenário assinado por Marcos Weistock. Era o mesmo Mauro interpretando o protagonista Alberto, era a mesma Roma, feita por Rosamaria Murtinho, contudo a peça parecia outra. Na verdade, era a tradução perfeita dos sentimentos belos e atrozes contidos nesse texto, um dos melhores da minha carreira, e o mais doloroso pelo que resgata e evoca da figura do meu pai.

## Capítulo XIX

### Chiquinha Gonzaga

Um dos grandes vexames que dei na minha vida foi num dos ensaios de *Chiquinha Gonzaga, ó Abre Alas*, em 1983, no Teatro Popular do Sesi, que Osmar Rodrigues Cruz me chamou para ver, não lembro mais por que razão. Melhor que não o tivesse feito, pois teria evitado o embaraço dos atores e o meu. Num dos entrecos musicais, me levantei na platéia e gritei: “*Não é nada disso!!!*” A música parou, os atores se voltaram atônitos para mim, o Osmar ficou vermelho como um pimentão. Não era nada daquilo que eu tinha imaginado. E jamais o seria a dois meses da estréia. Eu não tinha o direito de fazer isso, tinha obrigação de saber disso na minha quarta peça, que o espetáculo só fica pronto poucos dias antes de estrear, e que às vezes só fica realmente pronto na estréia. Só me restou pedir desculpas, enfiar a viola no saco, e aparecer na noite de gala, onde tudo, da interpretação de Regina Braga aos cenários e figurinos de Flávio Impé-

rio, estava perfeito. Autor, pelo menos os autores como eu, deve se limitar a escrever. O que faço quase sempre desde que, morta de vergonha e de culpa, saí daquele ensaio no Teatro Popular do Sesi.

*Chiquinha Gonzaga, ó Abre Alas* foi a primeira peça que escrevi de encomenda. Ela me foi pedida por Osmar Rodrigues Cruz num jantar em 1982, na época em que estava em cartaz *O Santo Milagroso*, deliciosa comédia de Lauro César Muniz. Respondi, cheia de reservas, que se me apaixonasse pela personagem, escreveria a peça. A verdade é que não conhecia nada de Chiquinha Gonzaga, a não ser que ela tinha sido a primeira maestrina e compositora brasileira, e a única vantagem das biografias que Osmar enviou para mim foi despertar minha curiosidade pelos fatos que evidentemente ocultavam.

130

Essa suspeita despertou minha obstinação. Era necessário descobrir a verdadeira Chiquinha. Não lembro quantos especialistas em música brasileira consultei, mas a última pessoa a quem



pedi ajuda foi o José Ramos Tinhorão, que apontou o caminho certo. Tem uma moça no Rio que há anos pesquisa sobre Chiquinha. A moça era Edinha Diniz, e com ela estava o mapa da mina. Chiquinha, afinal, não era a senhora grave e desinteressante das biografias que eu lera, mas uma feminista pioneira, dona do seu nariz, da sua vida e da sua sexualidade, ou seja, ao longo de sua vida scandalizou seus contemporâneos. Mas ela não era só interessante pelas transgressões morais e sociais em sua épo-



ca, mas havia lutado por todas as causas politicamente justas, começando pela Abolição e terminando na fundação da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais), entidade que protege os direitos autorais das pessoas que escrevem para o teatro.

Sim, eu queria escrever uma peça sobre Chiquinha Gonzaga, e como sua vida se estende da segunda metade do Século XIX à terceira década do Século XX, junto com ela vieram outros personagens notáveis, Artur Azevedo, Paula Nei, Emilio de Menezes, João do Rio, pessoas que tinham sido suas amigas e que, como ela, ilus-

traram a história lítero-musical e boêmia do Rio de Janeiro. Queria fazer um painel, uma espécie de mural da época, onde o teatro, a música, a vida social e urbana, juntamente com os escândalos e a política, fossem o pano de fundo. E Chiquinha ocupando a frente da cena, irreverente e lutadora até a sua morte, em pleno Carnaval de 1935.

Durante meses trabalhei incansavelmente, percorri dezenas de sebos nos quais achei, e comprei, muitos livros sobre a época e os seus contemporâneos, me encontrei com Edinha no Rio inúmeras vezes, vasculhei seus arquivos e no dia 30 de abril de 1983 entreguei, como havia combinado, a peça a Osmar Rodrigues Cruz. Três dias antes, meu irmão tinha sido seqüestrado. Só consegui cumprir a tarefa porque terminara o texto uma semana antes da tragédia. Eu estava na fase de datilografar e fazer a edição final.

O Osmar não entendeu por que era tão telegráfica ao telefone e porque me recusava a ir ao teatro conversar com ele e com Flávio Império,

responsável pelos cenários e figurinos. Eu dizia: *“Não posso, Osmar, não me pergunte por quê, pois não posso dizer”*. No princípio, achou que eu estava maluca, depois concluiu que o caso devia ser sério. O fato é que só fomos nos encontrar em junho, depois do seqüestro.

O elenco era imenso, com direito a um regional, pois se tratava de um musical. Os ensaios demoraram cerca de quatro meses, num dos quais eu dei aquele vexame. O espetáculo todo, da música à parte visual, resultou deslumbrante. Ficou dois anos em cartaz, e deu a Regina Braga, a Chiquinha dessa montagem, o prêmio Molière de melhor atriz, e a mim o de melhor autora daquele ano.

134

Em 1998, a peça recebeu nova roupagem, com Rosamaria Murtinho no papel de Chiquinha e o jovem e talentoso Charles Moeller na direção. Ao seu lado, respondendo pela parte musical, o brilhante Cláudio Botelho. Marcos Montenegro se encarregou de prover os meios para a superprodução que estreou no Rio, no Teatro Villa-

Lobos, em agosto daquele ano, e depois percorreu o Brasil. O sucesso da minissérie *Chiquinha Gonzaga*, de Lauro César Muniz, impulsionou o sucesso da montagem.





## Capítulo XX

### Violência e Compaixão

Às vezes parece que os deuses do teatro se unem para que tudo no espetáculo dê certo. A gente sabe que isso vai acontecer quando, desde o início, as coisas fluem harmonicamente. Sabe, bate na madeira, e não conta para ninguém com medo de que a magia se quebre. Foi assim, por exemplo, em *De Braços Abertos*, peça sobre a qual já contei a gênese. O tema é banal: um casal de ex-amantes que se reencontra depois do rompimento, e revisita a sua paixão, e as causas que levaram ao rompimento.

137

Quando a cortina do teatro FAAP se abriu e a luz do Possi recaiu, bela e refinada, sobre o copo de *dry martini*, fui percorrida por um arrepio de emoção e de prazer, que voltou muitas vezes ao longo do espetáculo, impulsionado pela entrega generosa, despudorada, e brilhante de Irene Ravache e Juca de Oliveira aos personagens de Luísa e Sérgio. Esses grandes atores, a direção

do Possi, o cenário de Felipe Crescenti, a música da Tunica, tudo se conjugou para criar um raro momento de magia.

A emoção que tomou conta da platéia na estréia continuou meses adentro. Olhos marejados, choro convulso, riso tenso, gargalhadas nervosas, pessoas que se levantavam abruptamente da cadeira para chorar lá fora, homens e mulheres que me escreviam, cartas datilografadas ou manuscritas, escrita elegante e correta, ou mal-traçadas linhas a lápis com erros de ortografia, as flores que recebi de pessoas com quem jamais cruzei, as histórias que se repetiam quase todas as sessões com os atores, às vezes confundidos com seus personagens... Poderia escrever um livro inteiro sobre o quanto a peça repercutiu na alma de tantos espectadores, os casos extraconjugais que terminaram, e os que se transformaram em casamento, os psicanalistas que me procuraram para comentar o quanto a trama afetava os seus pacientes, o homem que esperou Irene Ravache no final para lhe dizer: *“Muito obrigado por me mostrar o que sou; tenho um caso há anos e não sabia que podia fa-*

*zer sofrer a mulher que amo dessa maneira...”* O sujeito devia ter uns cinqüenta anos, casado há não sei quantos, e tinha um caso extraconjugal, e abriu sua vida para Irene enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto.

Uma peça como *De Braços Abertos* me trouxe talvez mais do que todas as manifestações de esperança e gratidão que emocionam um autor. Há incontáveis histórias parecidas em que, aparentemente perdida no tempo, uma história de amor perde o rumo em que se encontrava e, como diz a música do Chico Buarque, *errou de veia e se perdeu*. Vinte anos ou até mais tempo depois, as pessoas se reencontram rindo até do longo hiato de amor, dos rumos bifurcados, da sua solidão infeliz, se iluminam pelo perdão que a distância se encarregou de processar, e resgatam o seu amor dos corredores do tempo. Então, o beijo do passado renasce com o gosto do primeiro beijo.

*De Braços Abertos* foi também a primeira em que mudei o foco do social para mergulhar de-

cisivamente no mundo dos sentimentos. Amor e ódio, admiração e inveja, ciúme e indiferença, impotência e medo de romper o círculo vicioso, mas confortável, da mediocridade. Críticos, psicólogos, psicanalistas escreveram muito sobre *De Braços Abertos* e depois sobre o romance que a originou, *Luisa*, e todos os que o fizeram destacaram o modo impiedoso como tratei os personagens e, ao mesmo tempo, a minha compaixão por eles e pelas suas fraquezas. O que quer que tenha sido, brotou da minha alma e atingiu em cheio o coração das pessoas. Elas se viam, se identificavam, se reconheciam, e muitas mudaram sua vida por causa dessa peça. E me senti recompensada pelas emoções que esse texto mobilizava, e pela força do teatro capaz de interferir de maneira tão contundente na vida das pessoas. Não é por acaso que, durante séculos, os tiranos controlaram e censuraram o teatro. Os regimes totalitários reconhecem sua força subversiva, sua ação sobre a consciência das pessoas e seu poder de transformação.

## Capítulo XXI

### O Que Mantém o Homem Vivo

E já que estamos falando de regimes totalitários, eu tive muita sorte até de ter esperado tanto tempo para ver montada a minha primeira peça. Em 1978, a censura começou a mostrar suas primeiras hesitações, sinal que as linhas e as alas se digladiavam no seio do poder, e que a ditadura militar afinal chegava a um impasse. Ao mesmo tempo em que proibiu na sua totalidade a Feira Brasileira de Opinião, organizada por Ruth Escobar, da qual *Cemitério sem Cruzes*, uma pequena peça minha fazia parte, a censura não cortou uma linha de *Bodas de Papel*, que era uma crítica aberta ao milagre brasileiro e à crise econômica que já se anunciava.

141

A produção teatral brasileira dos anos 70 não tinha apenas o caráter de denúncia, numa época em que os jornais também não podiam fazê-la. Muito poucos leitores sabiam que a inesperada receita de suflê ocupava o espaço de uma matéria

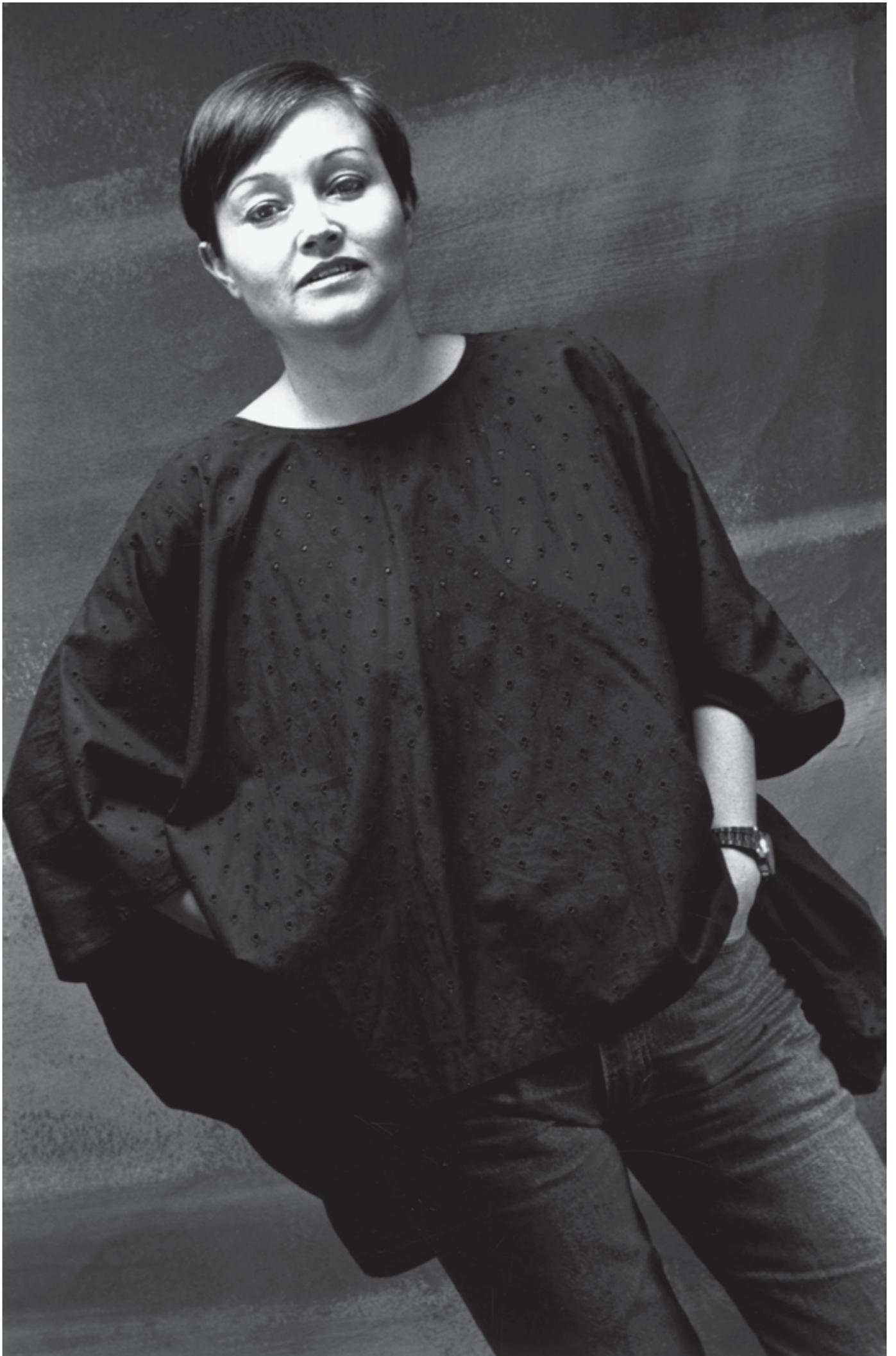
censurada. Os fatos importavam, mas para nós, autores, não bastava mostrá-los. Queríamos discuti-los, ainda que a perspectiva histórica fosse precária, ainda que alguns assuntos fossem tabus, inclusive para a esquerda.

142

Lauro César Muniz ousara, em *Sinal de Vida*, fazer a autocrítica do intelectual de esquerda, numa época em que esse personagem era uma das vítimas do regime. Em *O Grande Amor de Nossas Vidas*, Consuelo de Castro apresentou a classe operária contaminada pela mentalidade pequeno-burguesa. Em *Rasga Coração*, Vianinha fez uma análise impiedosa e comovente da esquerda conservadora, e da sua atuação nos últimos trinta anos. Em *Um Grito Parado no Ar*, Gianfrancesco Guarnieri mostrou a crise do teatro dentro do teatro, sem medo de revelar certas mazelas da classe. Mas o final era otimista, apesar da conjuntura. Na verdade, queríamos acreditar em dias melhores e o fato desses autores continuarem a escrever ao longo dos anos de chumbo era um sinal de esperança. Plínio Marcos costumava dizer que, apesar deles serem

muitos, a gente caminhava para frente, e que iríamos chegar lá. *Quando um cai, aparece outro e a gente leva a coisa para frente.* Conseguimos levar.

A partir de março de 1979, a dramaturgia brasileira retornou aos palcos com todo o vigor, apesar dessa produção ter sido escrita durante o período mais negro da ditadura. Afinal, naquele ano, o público pôde ver algumas peças liberadas, como *Papa Highirte* e *Rasga Coração*, de Vianinha. *A Resistência* só conseguiu ser encenada porque os ventos da liberdade começavam a soprar. Lembro do Cecil ligando para mim no início dos ensaios, e pedindo para que eu aprofundasse uma discussão entre Leo e Luis Raul. *Vá fundo que eles não vão cortar.* Não cortaram. Na verdade, por ter estreado praticamente no final da década de 70, a única peça minha realmente censurada foi *Cemitério sem Cruzes*, que tratava do drama de operários da construção civil. Ela nunca entrou no circuito comercial, mas foi montada por sindicatos, vezes incontáveis.



## Capítulo XXII

### A Lição dos Amigos

Eu tive muito de tudo, o bom tempo e o mau tempo, mas no geral a vida me deu mais êxitos do que fracassos, e mesmo destes também procurei tirar proveito. Cada montagem teatral, bem-sucedida ou não, me trouxe novos amigos, a maior parte dos quais permanece até hoje. Como a Abril também me cumulou de bons amigos, e anos depois a televisão, muitos desses amigos me abriram portas e me ajudaram quando precisei. Afetivamente, profissionalmente, ou financeiramente. E precisei muitas vezes, inclusive em fases nas quais a maior parte das pessoas imaginava que eu estava muito bem.

145

Houve um momento, na época em que *De Braços Abertos* estava em cartaz, que imaginei ser possível viver de teatro. E quando voltei da licença que solicitei à Abril Cultural para escrever o romance *Luisa*, resolvi pedir demissão. Eles me fizeram uma contraproposta.

Eu trabalhava em uma publicação para crianças sobre o mundo animal que era um sucesso de vendas, e então me propuseram continuar na editora como *freelancer* até concluir a coleção. Passei então a ir uma vez por semana à Cultural, o que era muito prazeroso porque me permitia continuar o contato com as pessoas da Redação. Mas a coleção acabou e isso coincidiu com o fim de *De Braços Abertos*. A peça saíra de cartaz porque a Irene Ravache havia contraído escarlatina e, sem a minha parte na bilheteria, fui obrigada a procurar meus amigos da Cultural e continuar fazendo *freelancer*. Para complicar, o Murillo tinha saído da Bozzano e vivia numa fase complicada do ponto de vista profissional.

146

Em 1987, eu me vi em casa, com sérios problemas financeiros, e me sentindo profundamente sozinha, pois carecia de interlocutores. Ao deixar a Cultural, deixara também um cotidiano onde vivia cercada de pessoas, com as quais trabalhava, conversava, trocava confidências e conhecimento, e me vi em casa sem companhia, salvo a dos meus filhos e a do meu marido, que

andava às voltas com seus problemas profissionais. Havia minha mãe, de quem procurava esconder as nossas agruras, porém ela sempre sabia quando as coisas andavam mal e se punha a rezar. Quando passava pelo seu quarto, invariavelmente ela estava agarrada ao terço, a pedir por todos nós. Um pouco como faço agora, terço na mão nas horas difíceis a rezar pelos filhos, noras, e netos, e para todos quantos estejam necessitando de oração.

Um dos aspectos positivos dessa fase é que meus filhos eram adolescentes, precisavam de mim e eu estava presente. Porém, quando saíam para o colégio, ou para as suas atividades extracurriculares, eu voltava para a máquina de escrever, suspirando de saudades da Redação. Embora soubesse que, em 1987, o tipo de redação em que havíamos trabalhado não existia mais. Vivia-se sob o signo de Reagan e da globalização, mudara o espírito das pessoas e, com elas, o espírito das redações. Encerrara-se a era *hippie* e instalara-se a era *yuppie*, onde a regra era cada um por si, e muito rara a confraternização. Já

em 1984, entrando no prédio da Av. Luiz Carlos Berrini para visitar alguns amigos da Editora Abril, me chamara a atenção o silêncio das pessoas. As risadas, o clima ruidoso, a informalidade que reinava na Rua do Curtume estavam para sempre sepultadas com as batatas de tecido indiano, as barbas, e as bolsas coloridas da década anterior.

148

Mas na solidão do meu escritório, eu continuava evocando, saudosa, o tempo quando a Abril era risonha e franca, e os dias que eu saía para trabalhar alegre e ansiosa, como se fosse para uma festa. Afinal, tudo o que escrevera, até então, de certa maneira se nutria das pessoas e do clima que me cercavam. Havendo secado a minha fonte de inspiração exterior, não me restava outra alternativa senão voltar-me para dentro de mim.

Foi nesse período que comecei escrever peças mais densas, *Para Tão Longo Amor*, *Intensa Magia* e *Querida Mamãe*, que só interessaram às pessoas alguns anos depois.



Felizmente, nesse meio tempo fui salva por Ruth Rocha, que me chamou para ser editora da área de Literatura e Teatro da Enciclopédia Larousse Universal. Trabalhava em casa de segunda a quinta-feira, e na sexta ia para a redação povoada de egressos da Abril que, como eu, tinham vivido o clima descontraído e ruidoso dos anos 70. Lá estavam Renato Pompeu, Terezinha Deuscht, Ana Jover, Regina Gomes, Adones de Oliveira, e outros queridos colegas com quem redescobri o prazer do encontro e da troca. Ruth Rocha, em particular, foi um bálsamo na minha vida; ela, que também estava vivendo um momento difícil, me ensinou a enfrentar os problemas com bom humor e colaborou para que a minha travessia fosse menos penosa. A Ruth, que tem um pendor extraordinário para sempre ver o melhor em tudo, foi um grande aprendizado, ela nem imagina o quanto me ajudou.

Meus grandes amigos Sérgio Viotti e Dorival Carper também foram fundamentais nesse período, pois sua casa tinha o poder de me transportar para um lugar encantado. Era como se

estivesse entrando numa comédia musical dos anos 30, os problemas desvaneciam e eu descobria o significado da palavra “borbulhante”. Sim, era possível deixar o abatimento e as vicissitudes lá fora. Durante algumas horas, a vida se transfigurava e eu era acometida de um estado de quase euforia.

Também Joe Kantor, na casa de quem íamos jantar freqüentemente, tinha o poder de me encantar com as suas histórias sobre o Nick Bar, fundado por ele no fim dos anos 40, ao lado do Teatro Brasileiro de Comédia, o Festival Internacional de Cinema de 1954, suas relações com atores da Broadway e de Hollywood. No fim da noite, Joe sentava ao piano e tocava para nós. Acabávamos à sua volta cantando *Night and Day* ou qualquer outra canção de Cole Porter, Irving Berlin, Rodgers e Hart, ou de qualquer outro grande compositor americano. O Joe tinha conhecido muitos deles pessoalmente.

Quando o Fernando vinha me dar aula, procurava desfrutar ao máximo aquele momento. E lhe

dizia no fim, *you saved my day*, ele tinha salvado meu dia, porque o prazer em conversar com ele ia muito além das lições de inglês. Esses notáveis interlocutores abriam para mim as portas de um mundo mágico, o mundo do cinema, do teatro e da literatura, nos quais eu penetrava, como na infância, agradecida e consolada.

## Capítulo XXIII

### Depois do Vendaval

No final dos anos 80, apesar de ter três Molières e tantos outros prêmios prestigiosos, apesar de ser autora de dois sucessos estrondosos, *Chiquinha Gonzaga*, *ó Abre Alas* e *De Braços Abertos*, nada do que eu escrevia conseguia interessar a ninguém. Tinha feito *Electra*, uma adaptação de Sófocles, a pedido de Jorge Takla, que não teve a menor repercussão. *Seja o Que Deus Quiser* fora um malogro completo.

153

No início de 1989, Yara Martins Rodrigues, então diretora da Abril Cultural, me chamou para ser a editora de uma publicação alusiva aos cem anos da História da República. Aceitei prontamente e constituímos, mais uma vez, uma redação com os antigos colegas da Editora Abril, como a Bel Raposo, o Luís Gonzaga Seixas, Renato Pompeu e seu irmão Sérgio, de saudosa memória. Quando o trabalho terminou, estava relativamente tranqüila do ponto de vista finan-

ceiro, pois o que havia ganhado pagaria as contas do ano seguinte. Talvez fosse possível até ir à Inglaterra e conhecer Stratford-upon-Avon, pois o Antônio Fagundes havia me encomendado uma peça sobre Shakespeare. Seria um presente final para o público, depois de três consecutivas montagens de peças de Shakespeare.

154

Mas eis que o senhor Fernando Collor de Mello assume a presidência e ordena o confisco da poupança da nação. E, como a maior parte dos brasileiros, fiquei sem nada e, portanto, em condição de aceitar, alguns meses depois, o convite de Cassiano Gabus Mendes para escrever com ele a novela *Meu Bem, Meu Mal*. Embora precisasse de trabalho, houve alguns momentos em que hesitei entrar para a Rede Globo de Televisão. Tinha receio de repetir a breve e malograda experiência de 1979.

## Capítulo XXIV

### Um Parêntese Importante

Onze anos antes, Lauro César Muniz havia ligado me convidando para ser o seu estepe em *Os Gigantes*. Perguntei, *o que é isso, estepe?* E ele explicou, *se eu ficar doente você assume, mas fique tranqüila porque isso não vai acontecer.* Ele sabia que nós estávamos em maus lençóis por causa do prejuízo de *Bodas de Papel* e, solidário, oferecia uma maneira de nos ajudar. Eu teria apenas que passar no banco todo dia 5, e receber. Porém, quando meses depois, efetivamente ele precisou dos meus préstimos, arregacei as mangas e fui ajudá-lo. Mesmo sem assistir a novela, mesmo desconhecendo a trama, mesmo trabalhando em sua casa depois do meu expediente na Abril, mesmo atravessando a noite em claro e chegando em casa com o padeiro, mesmo dormindo apenas duas horas durante semanas, fiz o que ele esperava que eu fizesse. Porém minha saúde se ressentiu da experiência. Foi nessa época que meu peso baixou tanto que

o Caio Fernando, ele próprio um caniço, me pegou ao colo e me chamou de “Levinha”.

Com essas condições tão insalubres, eu só poderia ter detestado a experiência. Além disso, a novela não era exatamente um sucesso e o Lauro sofria as pressões de praxe e outras que vinham de setores familiares. Eu não queria a sua vida, não queria escrever telenovela, queria apenas que aquela experiência terminasse o mais rápido possível. E depois de cumprir meu papel de amiga, voltar alegremente para o seio da Redação, onde podia escrever minhas peças sem ser chateada pelos índices do IBOPE. Vista daquela maneira, a Abril parecia o sétimo céu perto da Rede Globo de Televisão.

## Capítulo XXV

### Aos Mestres com Carinho

Afinal, a peça que escrevi sobre Shakespeare, *Will*, jamais foi montada, mas acabei indo à Inglaterra em setembro de 1990, em boa parte devido ao contrato que assinara com a Rede Globo de Televisão, cuja negociação foi acompanhada de perto pelo próprio Cassiano. E na volta mergulhei de cabeça em *Meu Bem, Meu Mal*, que já estava no ar.

157

De fato, é muito trabalhoso escrever telenovelas, mas com o Cassiano acabou sendo muito divertido, porque era um homem leve e bem-humorado e, o mais importante, parecia não levar o que fazia tão a sério. É claro que levava, mas o tom era de bonomia. Com ele, descobri que era perfeitamente possível escrever para a televisão e ser feliz. Ele escrevia os capítulos das segundas, quartas e sextas e eu escrevia os das terças, quintas e sábados. Ao final de cada capítulo, naquele tempo pré-Internet, nós trocáva-

mos cartinhas deliciosas. *“Olha, resolvi mudar a decisão do Toledo, acho que ele vai ter um caso com o Lázaro Venturini... Não concordei com o que você fez com a Isadora no último capítulo, e mandei-a para o cabeleireiro”*, era um pingue-pongue muito divertido. Aliás, essa correspondência, apesar das gozações e das fabulações, era uma aula de teledramaturgia. Foi um privilégio para mim aprender com esse mestre, cuja história se confunde com a da própria história da televisão brasileira. Ele dirigiu o primeiro programa que foi ao ar, e foi o criador de tantos programas que encantaram a minha adolescência, como o *TV de Vanguarda*, na extinta TV Tupi, onde trabalhou anos e anos. O Cassiano queria que eu escrevesse suas memórias. *Vou contar tudo, Adelaidinha*, me disse num de nossos últimos jantares. Eu me senti tão curiosa quanto honrada, mas infelizmente ele morreu antes que começasse a ditá-las.

O Cassiano e o Sílvio de Abreu, com quem fui trabalhar logo depois, me ensinaram tudo o que sei sobre televisão. Mas o Sílvio é mais centra-

lizador. Exatamente um tipo de autor que vim a ser. Com ele, aprendi verdadeiramente a fazer uma escaleta de capítulo, ou seja, a roteirização, cena a cena, inclusive com os personagens presentes, e a intenção do diálogo. Para mim foi uma novidade, pois o Cassiano não fazia escaleta, ia escrevendo conforme a inspiração, me passava a bola e eu a mandava de volta para ele, sem muito rigor.

Nas duas novelas em que fui colaboradora do Sílvio, *Deus Nos Acuda* e *A Próxima Vitima*, trabalhava também o Alcides Nogueira, o querido Tide. Entre as várias qualidades do Sílvio, destaco a sua determinação de só se cercar de gente capaz, a criatividade, é claro, e a escaleta, que ele faz como ninguém. Além disso, tem muitos anos de janela. Quando ele diz isto não vai funcionar, ou isto não vai levar a nada, sabe o que está dizendo. Eu nem discuto. A única vez em que discordei não deu certo.

*Anjo Mau*, a primeira telenovela que escrevi sozinha, só foi possível porque contei com a sua

supervisão até o capítulo 30. Como ele não quis nome nos créditos, aproveito esta oportunidade para fazer o registro desse fato. E também para dizer que, ao longo da minha carreira na televisão, ele sempre me ajudou e me encorajou. Começando pela própria *Anjo Mau*, cujo original era do Cassiano. Comecei a escrever cheia de dedos, preocupada em não me desviar da história que tinha feito um sucesso louco em meados dos anos 70. Mas estávamos em 1997. O tempo era outro e o público de televisão também.

160

O primeiro capítulo que escrevi não agradou ao Carlos Manga e à Denise Sarraceni, que iriam dirigir a novela. Na sala do Boni, o Manga foi taxativo ao dizer: *“Eu não tenho o menor interesse em dirigir esta novela”*. Olhei para o Sílvio perdida e ele sorriu satisfeito. *“Você não entendeu? É isso que o Manga quer, que a Denise quer, eles não querem apenas um remake, Adelaide, eles querem a sua novela. Portanto, não tenha medo de ousar”*.



*Anjo Mau (1997): Glória Pires (acima), Bel Kutner, Ariclê Perez, Gabriel Braga Nunes e Beatriz Segall*



O Sílvio também queria que eu fizesse a minha novela e, além de me estimular a criar novos personagens e novas tramas, me encorajou a subverter a história principal. A Nice afinal não era uma vilã terrível e maquiavélica, mas apenas uma moça pobre que se apaixonou por um homem rico, como é o sonho da maior parte das moças de sua condição. Deveria crucificá-la por causa disso? Não se pode condenar ao suicídio uma Cinderela, porque no fundo era isso que ela era, inclusive no original do Cassiano. Meu colaborador Vincent Villari e eu lemos todos os capítulos à procura das maldades de Nice, e só encontramos expedientes bisonhos ou ingênuos. Por que diabos a Nice teria sido tão temida e odiada jamais saberemos. Ou talvez o fato dela querer ascender socialmente fosse razão suficiente para ela ser castigada. Nos anos 70, uma babá devia saber o seu lugar. No final dos anos 90, ela seria uma boba se não lutasse com as armas disponíveis por uma condição mais privilegiada. Ainda assim, como na primeira versão, algumas patroas reclamaram que se tratava de um péssimo exemplo para as suas empregadas. A minha Nice não se matou.



Anjo Mau: *Glória Pires e Cláudio Correa e Castro*

Foi suficientemente lúcida para se desencantar com o Rodrigo. Namorei a possibilidade de lhe dar o destino de Nora, de *Casa de Bonecas* de Ibsen, e terminar a novela com ela indo embora com o seu bebê, deixando o marido para trás. Ele não estava mais à altura da mulher que ela se tornara. Mas aí seria transgredir por demais as regras do folhetim, ainda mais do horário das seis. A fuga de Nice fica na tentativa, porque antes do avião levantar vôo o Rodrigo entra e lhe diz que a seguirá até o fim do mundo. O que acontece depois do abraço final pertence à imaginação dos telespectadores. A melhor versão foi da minha manicura: para mim, na primeira escala, ela vai dispensar aquele pentelho.

164

O mais importante, quando *Anjo Mau* terminou, não foi o destino da protagonista, mas a sensação de que afinal havia escrito uma novela com a minha cara. Tal como queriam o Manga, a Denise, o Sílvio de Abreu e talvez, se fosse vivo, o próprio Cassiano. Quem o conhecia, bem sabia que provavelmente ele seria o primeiro a reconhecer que os tempos haviam mudado.

## Capítulo XXVI

### *Querida Mamãe*

Nos anos 90, diversas peças minhas foram montadas, *Querida Mamãe*, *Para Tão Longo Amor*, *Intensa Magia*. A maior parte das pessoas ficou muito impressionada com essa absurda produção, sobretudo porque eu já fazia televisão. Mas, na verdade, esses textos foram escritos no final da década anterior, e só despertaram interesse nos anos 90. A primeira foi *Querida Mamãe*, e sua origem é bastante peculiar.

165

Em 1989, quando a atriz Regina Braga comprou os direitos da peça de Lolleh Bellon, na qual as personagens eram mãe e filha, chamada *De si tendres liens*, me mostrou uma tradução já feita por uma amiga dela, jornalista. A tradução era boa, mas não tinha a fluência da linguagem teatral. Eu enxuguei e conferi linguagem teatral a uma tradução correta, embora não suficientemente fluida para as atrizes dizerem no palco. Na verdade, o que fiz foi uma edição e sugeri

que o título, *Laços de Ternura*, fosse *Uma Relação Tão Delicada*, de modo a não ser confundido com o filme americano, *Terms of Endearment*, que no Brasil havia recebido o mesmo nome. Muito gentil, Regina quis me dar um crédito no programa, e não podendo ser a tradução, ela sugeriu que fosse dramaturgia, pensando naturalmente no sentido da palavra dramaturgo no teatro anglo-saxão. Mas isso originou alguma confusão.

166

A peça foi um enorme sucesso e inúmeras pessoas me ligaram emocionadas com o texto. Em vão eu cansei de dizer que *Uma Relação Tão Delicada* não era de minha autoria. *Só pode ser seu*, muita gente dizia. Evidentemente, era gente que me conhecia mal. Eu jamais poderia ter criado um texto tão suave e sobre uma relação tão delicada entre mãe e filha. Para esclarecer de uma vez o equívoco, escrevi a minha versão de uma relação mãe e filha, *Querida Mamãe*, uma relação nada delicada. Foi escrita depois de *Intensa Magia*, uma peça inspirada em meu pai, e pela difícil relação

dele conosco, sua família. Ambos os textos e *Para Tão Longo Amor*, que também escrevi nessa fase, só foram montados a partir de 1993, quando o pior já tinha passado. E por pior leia-se também a era Collor.



*Querida Mamãe, com Eva Wilma e Eliane Giardini*

*Querida Mamãe* foi montada em 1994, no Rio de Janeiro, com duas magníficas atrizes, Eva Wilma e Eliane Giardini, e a direção de José Wilker. E talvez seja o texto de minha autoria

que mais dividiu a crítica. Enquanto Armindo Blanco, em *O Dia*, aplaudiu irrestritamente, e Maksen Luiz no *Jornal do Brasil* destacou que, embora não sendo a minha melhor peça, mantinha as minhas qualidades de autora, Bárbara Heliodora me demoliu em *O Globo*. Começando pelo título, *Uma Relação Tão Previsível*. A peça era repetitiva, monótona, *déjà vue*, os diálogos nem sempre soavam autênticos, nem suficientes para que se pudesse encontrar nas duas personagens duas individualidades, e não dois tipos conhecidos. Em resumo, eu não contribuíra de forma alguma para a compreensão do quadro das relações conflituosas entre mãe e filha, e a peça era um saco. Salvava naturalmente a Vivinha e a Eliane e, se a direção era modesta, era devido naturalmente à estatura do texto, etcetera.

Não há nada pior que uma crítica negativa, sobretudo quando ela é escrita por uma pessoa que respeitamos, como é o caso de Bárbara Heliodora. Mesmo quando se trata de um grande sucesso de público, precisamos do aplauso da

crítica, é importante o aval, o reconhecimento da nossa importância. E quem disser que não se importa está mentindo, ou é dono de um extraordinário sangue frio. Não é meu caso. Posso me ressentir menos quando não tenho nem consideração, admiração, ou respeito pelo crítico. Mas ainda assim nos indignamos contra o editor, ou o dono do jornal que designou aquele imbecil para nos julgar. Mas quando se trata de alguém que reverencio, admiro e cuja opinião considero, a crítica me afeta e me deprime, num momento fico praguejando contra o crítico, e no momento seguinte lhe dando razão. *É isso mesmo, eu sou uma fraude, um dia alguém iria descobrir...*

169

Eu tive a sorte... Meu Deus, quantas vezes já disse isso, tive sorte ou tive a sorte? Mas é isso mesmo, eu tive a sorte de estreiar numa época em que a crítica de teatro era tão respeitada quanto respeitadora do trabalho da gente. Eram pessoas de imensa cultura, que amavam o teatro e torciam por nós. Mesmo quando assinalavam as falhas de um espetáculo, texto,

interpretação ou direção, não deixavam de ressaltar as qualidades. Assim eram Sábato Magaldi, Décio de Almeida Prado, Yan Michalski, Paulo Mendonça e tantos outros. A essa geração sucedeu a de Maksen Luiz, Mariângela Alves de Lima, Alberto Guzik, Ilka Marinho Zanotto, Fausto Fuser, Aimar Labaki e outros que respeitávamos e respeitamos, porém alguns deles saíram de cena quando a imprensa passou a dedicar cada vez menos espaço ao teatro, ou para se dedicar a outras atividades. Foi o caso de Aimar, que se tornou autor, e de Guzik que abraçou a literatura com a mesma competência com que fazia crítica teatral.

Sobraram poucos nomes e o de Bárbara Heliodora, a que demoliu *Querida Mamãe*, considero digno de nota. O texto foi mais bem acolhido pela crítica paulista, mas curiosamente acabei ganhando o prêmio Mambembe, o Molière e o Shell também no Rio de Janeiro, por essa peça. E Eva Wilma arrebatou todos os prêmios existentes no país pela sua interpretação de Ruth, a querida mamãe.

## Capítulo XXVII

### Querido Papai

Poucas vezes me emocionei tanto com uma interpretação como a de Mauro Mendonça, fazendo o papel do meu pai em *Intensa Magia*. Ele foi brilhante na montagem carioca, e soberbo na montagem paulista. A peça é uma ode ao meu pai, que faleceu em 1970, cinco anos antes de eu descobrir que era uma dramaturga. Quando isso aconteceu, lamentei que ele não estivesse vivo, ele que em sua mocidade tinha sido “ensaiador”, nome que se dava aos diretores, quando eles ainda não eram senhores do espetáculo.

171

Meu pai, como todos os bons personagens, era uma figura contraditória. Socialmente, exibia sua máscara mais agradável, para a família seu lado pior. Ele sempre deixou claro que família era bom num retrato pendurado na parede, e que considerava seu casamento uma prisão. De modo geral, não tinha minha mãe nem a nós

em grande conceito, se considerava mais inteligente, mais culto, e interessante do que nós, e o era de alguma maneira. Os filhos homens herdaram seu talento de joalheiro, e eu herdei sua língua afiada, mas jamais ousei ir tão longe no sarcasmo e na sua mordacidade, sempre impiedosa, sobretudo com os de casa. Os de fora sempre foram mais poupados do que a gente.

172

Não havia nada mais angustiante do que a celebração da família no Natal, nos aniversários, no dia do pai e da mãe. Estávamos sempre preocupados com o que aconteceria. Podia ser que ele estivesse bem-humorado e nos encantasse com os seus casos divertidos. E quando meu pai resolvia ser encantador, ninguém o era mais do que ele. Porém o mais comum era ele começar com seu humor ferino, passar para a ironia e depois, cada vez mais cáustico, começar a atingir cada uma das pessoas em seus pontos fracos, criando uma tensão e um clima de ressentimento que acabava em queixas e em insultos.

*Intensa Magia* é isso, uma reunião de família com sua cota de mágoa e de gratidão, de generosidade e de amargura. Na primeira leitura pública, no Restaurante Orvietto, Juca de Oliveira fez o pai e naquela noite levou muita gente às lágrimas. Gente que reconhecia aquele pai e se reconhecia nas suas vítimas. Mas a peça não é um libelo raivoso, é um ato de reconciliação. Com essa peça, eu procurei compreender meu pai, além da sua dureza, e mostrar, ao mesmo tempo, o tirano e o sedutor, e revelar no final a tragédia de sua vida fracassada. Ele dizia freqüentemente que era um fracassado, foi tão empreendedor, realizou tanto e morreu sem conseguir ser, ou fazer, o que tinha sonhado para si mesmo.

173

Pouco antes de morrer de um AVC, filhos, noras, genro e mulher ao redor de sua cama, ele já sem falar, voltou para mim os olhos aflitos e fez um sinal com a mão direita, a única parte do corpo que ainda se movia. Queria um lápis e um papel. Então escreveu *deixem-me só*. Essas palavras resumiam não só o que ele era, mas o des-

conforto de se sentir invadido por nós naquele momento. Foi quando entendi meu pai, como jamais o havia entendido antes. *Intensa Magia* é isso, um resgate, e um abraço póstumo nesse pai a quem me assemelho tanto.

174

Mauro Mendonça não podia tê-lo feito de maneira mais tocante. E Daniel Filho o fez brilhantemente quando a peça foi adaptada para o cinema em *Querido Estranho*. Foi uma experiência nova e extremamente prazerosa para mim, a iniciativa de se fazer um filme inspirado em *Intensa Magia*. O filme do Ricardo Pinto e Silva conseguiu captar o universo da peça. Discordo do título, mas a escolha do elenco não podia ser mais acertada. Todos estão perfeitos, Ana Beatriz Nogueira, Suely Franco, Cláudia Neto, Emílio de Mello e o esplêndido Mário Schoemberger. Quando o Ricardo me disse que o protagonista seria o Daniel Filho, minha primeira reação foi achar que ele talvez fosse muito jovem para o papel. Mas durante o filme ele vai se transfigurando tanto, que acaba se parecendo com meu pai.



Querido Estranho: *Daniel Filho (ensaiando), Ana Beatriz Nogueira, Mário Schoemberger, Cláudia Neto e Suely Franco (gravando a narração dos créditos finais)*



Sua atuação foi um presente para mim, e creio que um grande momento na sua carreira.

Eu gostaria de ver mais filmes brasileiros que abordassem as relações cotidianas e as pequenas mazelas familiares. De um modo geral, o cinema nacional tende a ser grandiloqüente, mais focado em questões sociais, e dispensando pouca atenção às pessoas comuns e aos seus problemas. É uma pena, porque é possível fazer excelentes filmes sobre essa matéria, que encontram uma boa repercussão junto ao público. O cinema argentino está aí para provar isso, basta lembrar de *O Filho da Noiva*, *Lugares Comuns*, *Histórias Mínimas*. Os títulos são extremamente reveladores dos conteúdos. Acho que *Querido Estranho* pertence a essa linhagem de filmes.

176

Muitas vezes me perguntam por que não escrevo roteiros, e uma das razões é essa. Eu tenho um fraco por lugares-comuns e por histórias mínimas. Resta encontrar um cineasta brasileiro que se interesse por isso.

## Capítulo XXVIII

### Minhas Peças em Portugal

Mais ou menos como a velha senhora de Dürrenmatt, eu acalentava o sonho de voltar à terra natal para exhibir meu sucesso aos meus conterrâneos, porém as coisas não aconteceram exatamente como imaginei. A única peça que realmente obteve boa repercussão foi *Para Tão Longo Amor*, que o Roberto Lage dirigiu a pedido da Seiva Trupe. Eu não consegui ver a montagem, mas fez uma razoável carreira no Porto e tinha no elenco Antônio Reis, um dos maiores atores do Norte de Portugal.

177

O fato é que quando, em 1993, fui a Lisboa para a estréia de *De Braços Abertos*, a temporada de *Para Tão Longo Amor* já se havia encerrado, porém em janeiro de 1994 viajaria para Lisboa onde se apresentaria por um mês na sala menor do Teatro D. Maria I, privilégio concedido aos melhores espetáculos do ano.

Por sua vez, a montagem de *De Braços Abertos* prometia, uma vez que seria montagem da Baraca e teria Maria do Céu Guerra no papel de Luísa. Mas apesar do seu talento, do empenho de Sinde Filipe e do esforço da diretora Fernanda Lapa, a peça não resultou, o que para mim foi muito decepcionante, considerando o brilho e a importância da montagem brasileira. Mas teatro é isso, uma fonte de prazer e de dissabores e, afinal, um texto não garante sozinho um bom espetáculo.

178

*De Braços Abertos: Sinde Filipe e Maria do Céu Guerra, Portugal*



Na verdade, suas melhores qualidades só afloram quando as demais partes funcionam. E a química entre os atores tem que ser perfeita. Se não for, o público não acredita ou fica indiferente à relação dos dois.

E já que falamos em química, me ocorre que a montagem paulista de *Para Tão Longo Amor*, que também contou com a direção sensível de Roberto Lage, não aconteceu porque a química entre Antônio Petrin e Vivianne Pasmarter não funcionou.

179



Eu adoro o Petrin como ator, adoro a Vivianne como atriz, sobretudo na televisão, mas os dois em cena não estabeleciam a ligação e a intimidade, ambas necessárias para mobilizar a empatia da platéia. Trata-se de uma história de amor, que envolve um editor apaixonado por uma poeta muito mais jovem do que ele, que ele mesmo descobriu e publica, e a qual tenta salvar do abismo. Acho que está na hora de se remontar essa peça, que considero um de meus melhores textos.

180

*Querida Mamãe* também teve uma montagem portuguesa em 2001, com Elisa Lisboa e Maria José Pascoal nos papéis que pertenceram a Vivinha e Eliane Giardini, e a direção da querida Cristina Pereira. Era um lindo espetáculo, aliás, adorei os cenários e os figurinos de Ronald Teixeira, mas talvez por ter sido levada no Teatro Malaposta, que é fora de Lisboa, e em curta temporada, a peça teve uma modesta repercussão.

Inevitavelmente, toda vez que alguém me procura interessado em montar um texto meu em

Portugal, fico pensando naquela famosa frase da Bíblia, *ninguém é profeta em sua terra*. É claro que teve a peça *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, apresentada no Teatro São Luis, em Lisboa, com imenso sucesso. Mas o *Evangelho* não é meu, é do Saramago.

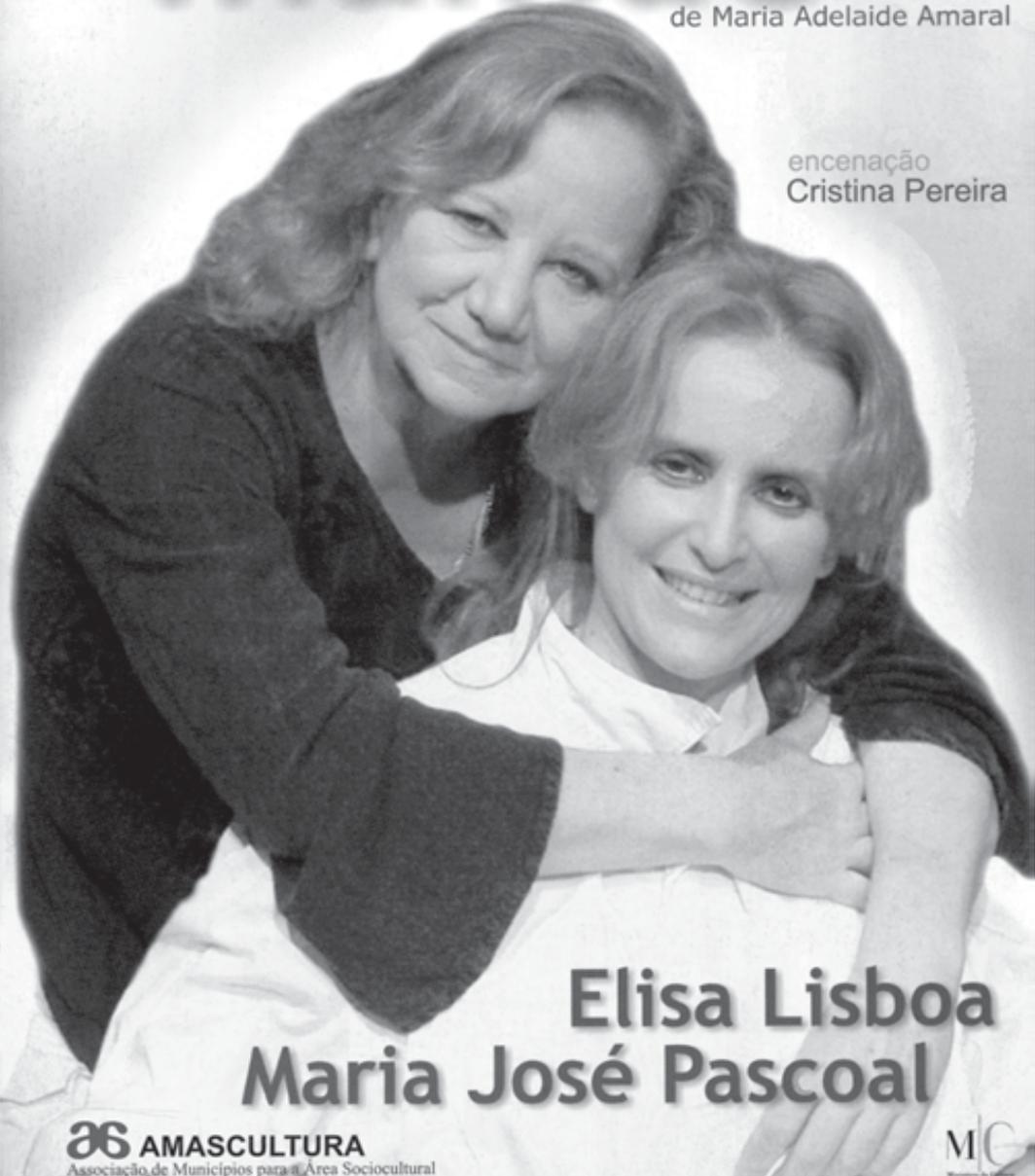


teatro malaposta  
49ª Produção

# Querida mamãe

de Maria Adelaide Amaral

encenação  
Cristina Pereira



Elisa Lisboa  
Maria José Pascoal

AMASCULTURA  
Associação de Municípios para a Área Sociocultural

MIC



*O Evangelho... em 24/11/01: Maria Adelaide abraça José Saramago, ao lado do elenco e do diretor, José Possi Neto*

## Capítulo XXIX

### O Evangelho Segundo Jesus Cristo

Era uma tarefa impossível adaptar qualquer livro de Saramago para o teatro. Foi mais ou menos o que eu disse quando me propuseram fazer a adaptação. Mas o Possi, que ia dirigir, e a Julia Catelli, que iria produzir, insistiram em que eu lesse o romance. E quando o fiz, fui fisgada imediatamente. Era irresistível; os diálogos eram riquíssimos e eu percebi que era possível destacar os grandes momentos dramáticos e sintetizar a história, mantendo, entretanto, a essência principal dessa obra notável. Mas havia outra razão para fazer a peça. Sendo uma obra condenada pela Igreja, queria preservar Jesus Cristo na leitura humana de Saramago, resguardando-o de qualquer outro interventor que não o amasse tanto quanto eu. Como cristã, não me importava a heresia, mas o desrespeito. Era melhor, portanto, que eu fizesse a adaptação, pois comigo, pensei onipotente, Jesus estaria a salvo.

Quando o Saramago veio para a estréia, confesso que fiquei apreensiva. Uma adaptação, mesmo permitida, mesmo fiel à obra original, como foi *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, é sempre uma interferência e uma intrusão na obra de outro autor. Mas, para meu alívio e alegria geral, ele aprovou. E no final da peça, quando o público do Teatro do Sesc Vila Mariana se levantou e aplaudiu entusiasmamente, o Possi o chamou à cena. E, em seguida, muito amavelmente, ele mesmo solicitou minha presença no palco para que todos recebêssemos os aplausos da platéia.

184

A peça fez uma linda carreira; ao longo dos anos, o elenco foi mudando e finalmente acabou sendo montada em Portugal, onde a cena do embate entre Deus e o Demônio fez o público delirar. Era o grande momento do romance, e foi também o grande momento da peça. Nessa cena como, aliás, em quase toda a peça, não fiz mais que editar e enxugar aqui e ali o extraordinário texto de Saramago. Paulo Goulart, José Rubens Chachá, e Sérgio Mam-

berti foram intérpretes notáveis de Deus. Celso Frateschi e Luís Melo fizeram divinamente, se posso dizer assim, o Diabo. E Thiago Lacerda, nosso Garibaldi em *A Casa das Sete Mulheres*, sucedeu a Eriberto Leão no papel de Jesus. Foi, portanto, um belo reencontro com o Possi e atores tão queridos e admirados.

Acho que o grande privilégio do nosso trabalho é a possibilidade desses encontros notáveis. Anseio tanto por eles, que muitas vezes aceito fazer traduções e adaptações movida pela minha admiração por autores, diretores e atores. Foi assim com *A Última Gravação*, de Beckett, que fiz para Antônio Petrin, *Cenas de um Casamento*, de Bergman, que traduzi para Regina Braga, *Letti e Lotte*, de Peter Shaffer, a pedido de Marcos Montenegro para Rosamaria Murtinho. Traduzi *Kean* de Jean Paul Sartre, para ficar perto de Marco Nanini e *Joana Dark* para estreitar cada vez os laços com Christiane Torloni. *Decadência*, de Steven Berkoff, sem dúvida o texto mais escatológico e difícil que traduzi, e eu não poderia tê-lo feito sem o socorro dos meus amigos

ingleses; foi um pedido de Victor Garcia Peralta, diretor argentino e um amigo querido. Escrevi o *sketch* da viúva para o espetáculo *Casada, Solteira, Viúva, Desquitada*, em virtude do carinho que tenho por Lília Cabral. Traduzi *Seis Graus de Separação* não apenas porque gostava muito da peça, mas, sobretudo, por causa do Jorge Takla. E, finalmente, abracei *Três Mulheres Altas* pela reverência e paixão que tenho por Edward Albee, e pela oportunidade de me encontrar, mais uma vez, no palco com José Possi Neto.

<sup>21</sup>  
*Embratel*



apresentam

*Rosamaria Murtinho  
e Nathalia Timberg*

na comédia

**Letti e Lotte**

*de Peter Shaffer*

*Tradução de Maria Adelaide Amaral*



*Direção: Bibi Ferreira*

com *Magaly Evangelista e Rodrigo Mendonça*

*Participação Especial Nelson Dantas*

Dezembro de 2000 - Janeiro e Fevereiro de 2001

de JOHN GUARE

tradução

MARIA ADELAIDE AMARAL

6

graus

DE SEPARAÇÃO

ILEANA KWASINSKI

LUIZ CARLOS de MORAES

LUCIANO QUIRINO

Benjamin Cattan  
Amilton Monteiro  
Ariel Moshe  
Luiz Santos Baccelli  
Tuna Dwek  
Cazé Campos  
César Ribeiro  
Dinho Aguiar  
Elaine Carvalho  
Lara Cárdula  
Marcelo Médici  
Rodrigo Lopéz

música

Luiz Gustavo Petri  
produção executiva  
João Roberto Simões  
administração  
Marga Jacoby

direção geral

JORGE TAKLA

DE  
EDWARD ALBEE  
TRÊS  
MULHERES  
ALTAS





## Capítulo XXX

### *Para Sempre*

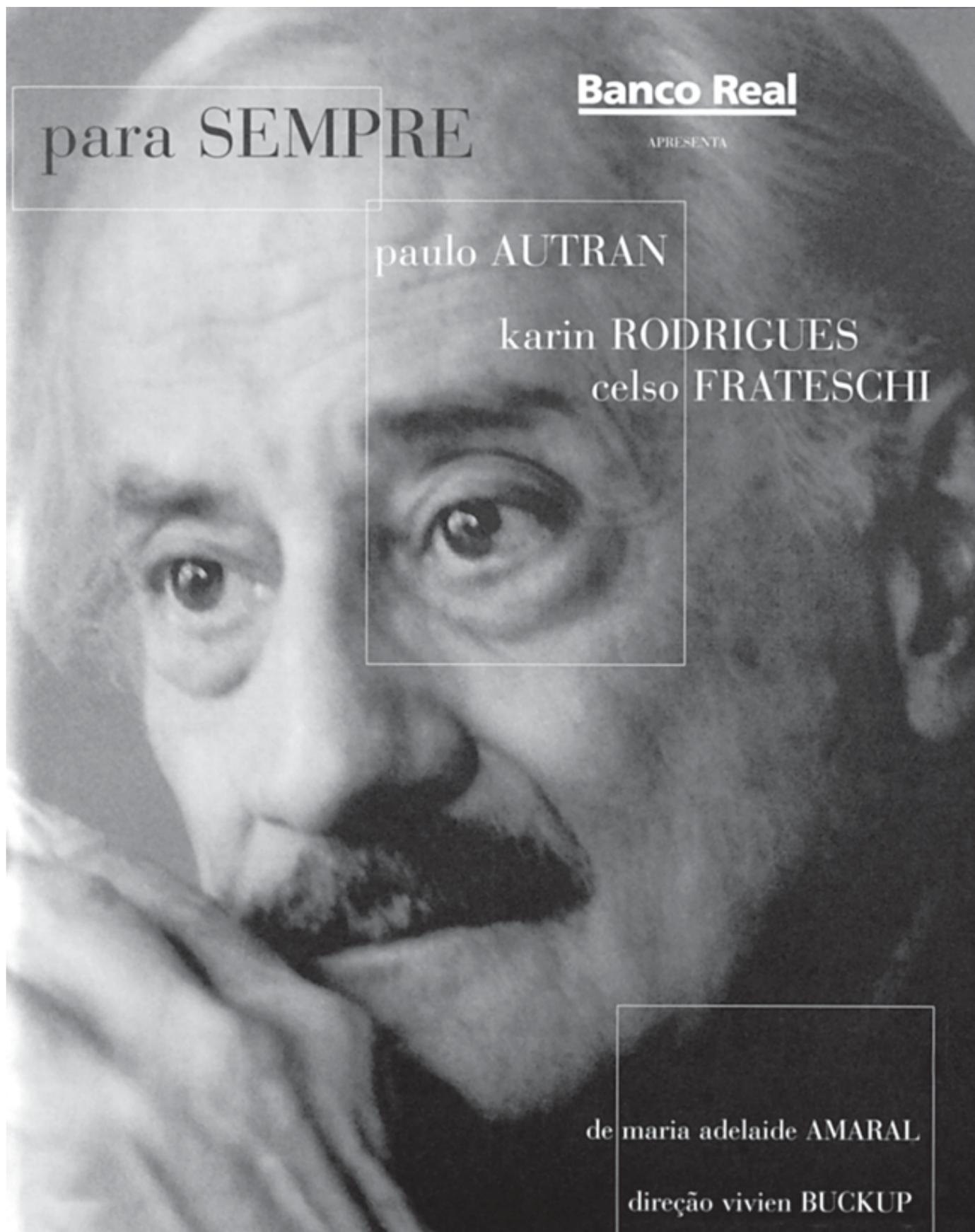
Uma vez, alguém, que não lembro mais, disse que não se faz amizade depois dos quarenta anos. No que me diz respeito, o rol de amigos só cresceu depois dessa idade. Felizmente, não perdi a curiosidade de conhecer novas pessoas, nem o sabor das amizades novas. O teatro, e depois a televisão, foram fontes de novos amigos e de estreitamento de laços com pessoas que sempre admirei.

191

Foi, por exemplo, o caso de Paulo Autran, que durante anos desejou que eu escrevesse uma peça para ele e depois de duas frustradas tentativas me disse: *Você não sabe escrever para mim*. Movida pelo desafio, escrevi *Para Sempre*, baseada numa história sobre um casal de homossexuais que acompanhei de perto. Era uma relação bastante assimétrica, o mais velho, professor universitário e o mais jovem, simples escriturário.

Mas, apesar das diferenças, a relação durou muitos anos, e quando terminou, a iniciativa partiu da parte mais simples e mais fraca, o que se submetia, o que servia, o que parecia amar o intelectual incondicionalmente. Lembro-me da crise que tomou conta desse velho amigo, pela primeira vez ele enxergou o parceiro como um ser pensante e senhor da sua vontade e das suas decisões. Achei que o tema se prestava a uma peça e pensei que o personagem do professor podia assentar em Paulo Autran. Não sei se era exatamente o que o Paulo esperava, mas levou-a à cena numa produção impecável. Porém a peça não aconteceu, e embora louvassem as interpretações dos atores, a maior parte dos críticos foi severa comigo. E tinham razão, porque não é das minhas melhores peças. Mas a montagem de *Para Sempre* me aproximou de Paulo e Karin Rodrigues, e selou minha amizade com Celso Frateschi, a quem admirava desde sempre. E se não foi enfim o êxito tão aguardado, foi o veículo para o Celso conhecer a Silvia Moreira na abertura da temporada em Porto Alegre. Ambos se casaram meses depois, com Paulo e Karin como padrinhos e eu, que não pude ir à cerimô-

nia, sou considerada a madrinha honorária dessa união.



para **SEMPRE**

**Banco Real**

APRESENTA

paulo **AUTRAN**

karin **RODRIGUES**

celso **FRATESCHI**

de maria adelaide **AMARAL**

direção vivien **BUCKUP**



## Capítulo XXXI

### O Afeto Que Se Encerra

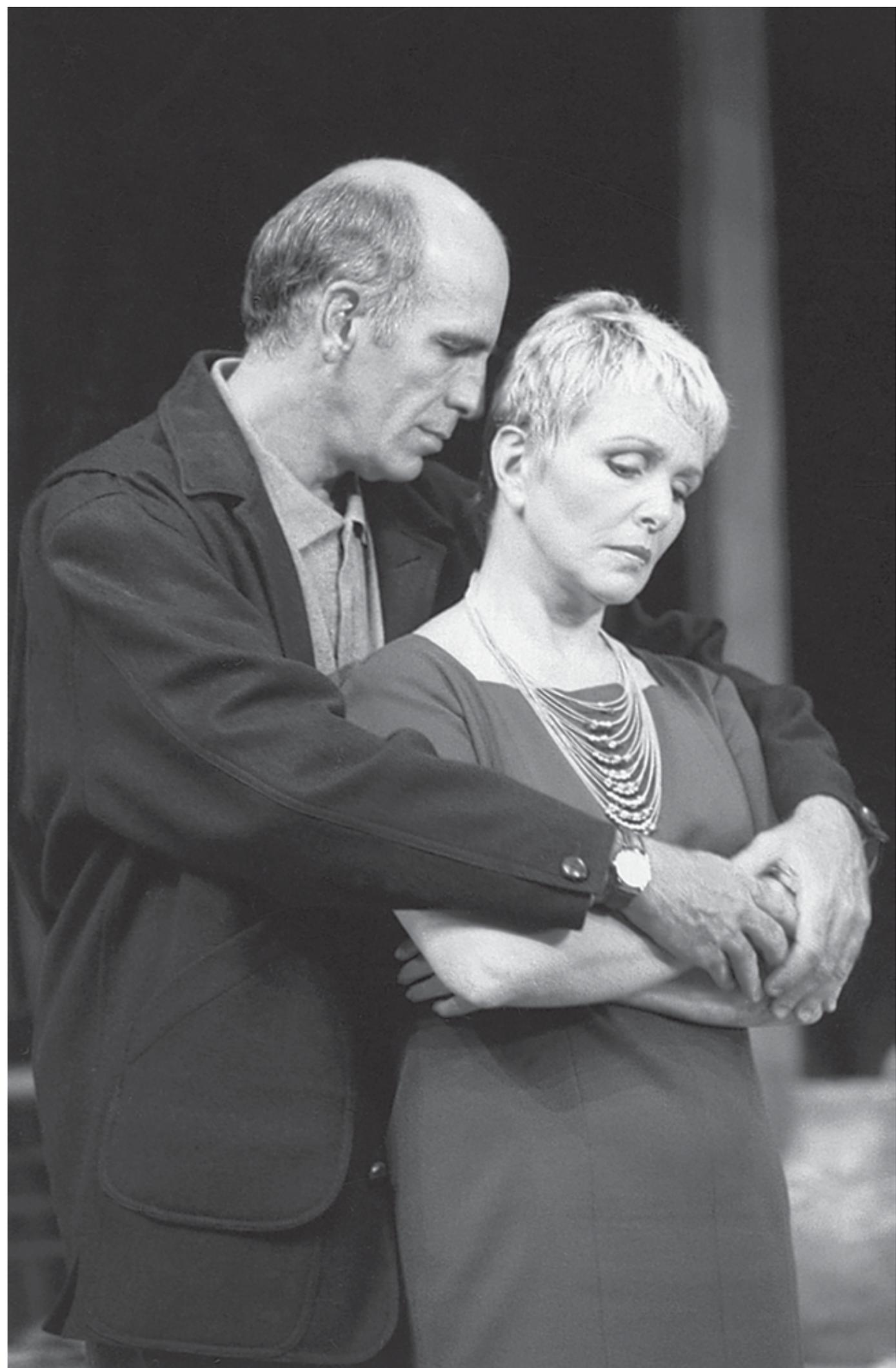
Voltei a reencontrar Irene Ravache e José Possi Neto no palco do teatro FAAP em *Inseparáveis*, uma peça que trata sobre um assunto que me é particularmente caro, a amizade feminina. Duas amigas se reencontram depois de anos de afastamento, e ambas revêem suas vidas e suas escolhas. Em princípio, *Inseparáveis* era um drama que, progressiva e deliciosamente, Irene Ravache e Jussara Freire transformaram numa comédia com alguns momentos sérios. Os cacos que elas acrescentaram eram hilariantes e tão pertinentes que parte deles acrescentei ao texto. *Inseparáveis* teve cenário de Filipe Crescenti e música de Tunica e Eduardo Conde, no papel de Guto, marido da personagem de Irene Ravache, que aparece em cena quase no final.

195

Querido e saudoso Eduardo Conde, que se tornou parte da minha família desde os ensaios de *Inseparáveis*.

Inseparáveis: *Jussara Freire,*  
*Irene Ravache e Eduardo Conde*





De vez em quando saíamos, ou ele aparecia para almoçar. Ficou muito amigo do meu filho Guilherme, de quem era cliente na oficina mecânica. Num determinado momento da festa de casamento do meu filho, ele começou a me fazer perguntas sobre religião. Se eu ia à missa, se tinha fé, se acreditava em algum santo... e no final pediu: *Promete que vai rezar por mim quando eu morrer?* - *Ficou maluco, eu disse, quem disse que você vai antes de mim, cara?* Foi uma dor imensa em todos nós quando ele faleceu. Mas, como prometi, todas as semanas coloco seu nome na lista de intenções da missa da Capela do Colégio Sion. Ele, Mazé Crescenti, Cassiano Gabus Mendes, Carlos Zara, Artelino, Myriam Muniz, Paulo de Almeida, Guilherme Cunha Pinto, Caio Fernando, e tantos outros que participaram da minha vida e que se foram também. Mas deixaram, porém, o legado do seu trabalho e a memória dos momentos bonitos que vivemos juntos.

## Capítulo XXXII

### Todos os Homens São Mortais

Outro desses encontros memoráveis, porém bem mais breve, foi com Nelson Rodrigues. Em 1976, eu trabalhava na *Coleção Teatro Vivo*, exatamente no prefácio do seu volume que incluiria a peça *Bonitinha, Mas Ordinária*, e fui ao Rio de Janeiro para entrevistá-lo. O Sábato Magaldi sempre dizia que eu tinha que conhecer o Nelson, e aquela era uma ótima oportunidade, mas ele já estava bastante doente e morando na casa da irmã.

199

Quando lhe estendi a mão e lhe disse da honra que significava estar ali, ele disse com a sua voz rouca: *“Sábato disse que você escreve muito bem”*. Naquela altura, eu já tinha escrito *A Resistência* e *Bodas de Papel*, mas não sabia o que responder. E disse: *“Muito obrigada, é bondade do Sábato”*, e depois fiquei achando a frase de uma total mediocridade, eu devia ter procurado alguma coisa melhor para externar minha humildade e minha insignificância.

Na verdade, eu era e ainda sou siderada pelo Nelson Rodrigues. Eu me apaixonei quando tive oportunidade de ler toda a sua obra durante o trabalho que fiz para a *Coleção Teatro Vivo*. Mas o encontro com uma pessoa que a gente admira é sempre embaraçoso pela falta de intimidade e de assunto. Depois do primeiro “*adoro tudo o que o senhor escreve*”, fico procurando o novo tema para não insistir no chavão laudatório.

200

Quando conheci Jorge Semprum nos bastidores do Teatro Municipal, numa noite em que fui receber um prêmio Molière, foi o mesmo desconforto. Eu gostava muito de seus livros, li entusiasmada *A Segunda Morte de Ramon Mercader*, e arrebatada *A Grande Viagem*, um livro que gosto tanto que faço o personagem do Sérgio evocar algumas de suas passagens em *Luísa, Quase uma História de Amor*. Mas, quando ficamos frente a frente, não consegui mais do que manifestar pobremente a minha admiração. Com o agravante de o fazer em francês. E, quando me sinto insegura e/ou ridícula, desaparece tudo, até o meu português.

Mas para ser franca, também não sei muito o que dizer quando alguém se aproxima de mim e diz que gosta do que faço. Agradeço, me sinto sinceramente grata, mas logo procuro mudar de assunto. Deve ser por isso que me espantam astros e estrelas que têm a seu redor um bando de admiradores a todo o momento, reiterando seu talento ou qualquer outro tipo de superioridade. Essa fauna, a que incensa e é incensada, para mim é verdadeiramente intolerável. Decididamente, prefiro continuar habitando o mundo dos mortais.



## Capítulo XXXIII

### Acidente de Percurso

Sempre que evoco a época em que estava escrevendo *Anjo Mau*, me lembro do Rio de Janeiro, aonde cheguei a passar vinte dias consecutivos em novembro de 1997. Nesse ínterim, minha mãe entrou e saiu duas vezes do hospital e não pude vir para São Paulo para confortá-la. Lembro também da tarde em que Mila Moreira me ligou para dizer que eu largasse tudo que estava fazendo, e ligasse imediatamente para o astrólogo Assuramaya, de cujo consultório ela tinha acabado de sair absolutamente impressionada. *“Esquece tudo que você já viu e escutou. Ele é extraordinário”*.

203

Claro que depois da cigana do Irajá, eu tinha deixado de freqüentar cartomantes e adivinhos de modo geral, mas a astrologia estava noutra patamar, não era determinista, apenas apontava tendências, por isso continuei anos a fio consultando alguns astrólogos sem qualquer

medo. Portanto, resolvi ligar para o extraordinário Assuramaya, decidida a vê-lo, se ele pudesse me receber imediatamente. Ele mesmo atendeu ao telefone e como se estivesse me esperando disse: *“Venha!”* Fui movida por enorme curiosidade e, de fato, a impressão da Mila se justificou plenamente. Ao examinar a minha progressão solar, sugeriu que procurasse meu médico, pois eu estava com um nódulo na mama direita. Eu já sabia, aliás estava convivendo com ele desde 1995, quando foi detectado numa das mamografias de rotina. A partir de então, todos os anos eu repetia os exames, mas seu tamanho e sua forma não haviam alterado.

Quando lhe disse que o nódulo de fato existia, mas estava sob controle, ele insistiu novamente que eu procurasse meu médico, pois previa uma cirurgia no ano seguinte, em julho, agosto o mais tardar. *“Você vai ter que mexer nisso”*, ele falou. A Dra. Vera Aguilar, comparando as novas chapas com a mamografia anterior, constatou que a forma do nódulo havia se alterado.

Numa hora dessas, tudo passa pela cabeça. Acordar sem um seio era o de menos. Era a vida, a minha vida que estava em questão. No dia seguinte, fui operada e submetida a isso que chamam de quadrantectomia. Saí da cirurgia muito bem, e até satisfeita pelo fato de não terem retirado o meu seio. *Podia ser pior*, pensei. Fiquei quatro dias no hospital e em todos recebi a visita do Dráusio, que ficava conversando comigo durante um longo tempo. Jamais esquecerei o carinho desse grande amigo. Ele acreditava que eu fosse fazer 28 sessões de radioterapia e uma quimioterapia *light*, mas acabou levando meu caso para um congresso nos Estados Unidos, e um grande especialista em câncer de mama recomendou apenas a radioterapia. A quimioterapia era dispensável, pois seria um remédio maior do que a doença.

205

Embora considerasse a possibilidade da morte, no fundo sempre achei que era um acidente de percurso. É claro que isso é uma atitude onipotente, pois se morre de qualquer coisa, inclusive de câncer...

De qualquer maneira, fiz tudo o que precisava ser feito, e além da radioterapia, durante dois anos me submeti a aplicações de Arédia, medicamento criado para tratar de osteoporose, mas que se revelou muito eficaz para evitar o câncer ósseo.

206

Jamais esquecerei de Xuxa Lopes entrando na saletinha onde me preparavam para a primeira aplicação de Arédia. Estava ali para me fazer companhia, ela veterana acompanhante dos inúmeros tratamentos de seu marido, Hector Babenco. Também jamais esquecerei as amigas que foram passar as noites comigo no hospital, a Graça Medeiros, a Vanda Guerreiro e a Graziella Marraccini, queridas, generosas, solidárias companheiras de todas as horas. Eu sempre tive muita sorte com os amigos.

## Capítulo XXXIV

### *Bliss...*

Quando saí do hospital e fui para casa, experimentei um tipo de bem-estar que eu nunca mais vivenciei. Jamais sentira isso antes, e nunca mais voltei a sentir depois. Entre setembro e fim de novembro, quando terminou minha radioterapia, eu senti aquilo que em inglês se chama *bliss* – bem-aventurança – e que também é o título de um conto de Katherine Mansfield.

207

Era uma plenitude, uma felicidade aliada a uma serenidade, parecia que eu tinha atingido aquilo que os budistas e os não-budistas lutam a vida inteira para conseguir. Um estado de quase nirvana. Lembro de ter pensado: *Se tive que passar pelo que passei para sentir esta maravilhosa sensação, então valeu a pena*. Nunca mais voltaria a me sentir assim. Ao contrário, quando acabei a radioterapia, caí numa terrível depressão. De onde advinha tanta tristeza de repente? O maior problema é que eu não me permitia

ficar deprimida, porque sempre tive claro tudo que a vida me deu. Eu conhecia o oposto disso, sabia muito bem o que era a privação, porque a vivi durante muitos anos. Nunca fiz a apologia do sofrimento e jamais suportei a auto-piedade. Estar triste, mesmo tendo sido contemplada tão generosamente pela vida?

208

Então um dia resolvi ligar para Costanza Pascolato, que dois anos antes tinha vivido o mesmo problema, e pedi que me explicasse por que me encontrava naquele poço sem fundo. E ela disse *“porque você não tem mais que lutar, meu bem. Você pode relaxar, pode se dar ao luxo de deprimir, não necessita mais da tua força”*. Imediatamente comecei a tomar erva-de-São João, um antidepressivo natural que, no meu caso, funcionou maravilhosamente e retomei o trabalho que, afinal, nem a operação nem o tratamento haviam conseguido interromper. Quinze dias depois da minha cirurgia, eu tinha sido chamada para ser um dos escritores da segunda fase do seriado *Mulher*, protagonizado por Eva Wilma e Patricia Pillar.

Quem sabia da minha condição era o Antônio Calmon, e eu serei grata, até o fim dos meus dias, a ele e ao Álvaro Ramos, que foram de uma solidariedade impressionante. O Calmon supervisionava os vários autores, e de cada um de nós foram pedidos seis episódios. Eu tive que me munir de uma força extraordinária, porque a radioterapia me dava um tremendo cansaço. Não sei se teria conseguido cumprir a minha tarefa sem o conforto e o estímulo que recebi dos dois. *O Bruxo*, romance que escrevi dois anos depois, registra essa fase.

209





## Capítulo XXXV

### Aos Meus Amigos

A televisão, sobretudo no período em que era colaboradora, não me privou do teatro e da literatura. Prosegui escrevendo ou traduzindo peças, e produzindo ficção. Em agosto de 1992, estava terminando o romance *Aos Meus Amigos*, quando meu irmão Américo faleceu. O seqüestro havia minado a sua saúde, ele saíra diabético do cativeiro num grau tão elevado que era necessário tomar diariamente injeções de insulina. A trombose que sofreu levou-o em poucos dias, e todos nós ficamos muito abalados com a sua morte, sobretudo minha pobre mãe, obrigada a viver a experiência brutal de perder um filho.

211

No ano anterior, eu havia perdido meu amigo Décio Bar. Ele se jogara pela janela, ou caíra acidentalmente. As opiniões divergiam, mas a maioria das pessoas acreditava que tinha sido suicídio. O que quer que fosse, estava morto e, ape-

sar de o ver muito raramente, sentia que uma parte da minha juventude tinha ido com ele. As caminhadas pelo centro de São Paulo, o prazer que tínhamos em nos debruçar no Viaduto do Chá para olhar as luzes da cidade, ou ir ao Centro Anarquista Espanhol do Brás ouvir Cláudio Willer falando dos modernos pensadores, os filmes da *Nouvelle Vague* no Cine Coral, as sessões de *jazz* na Folha, o deslumbramento com o Cinema Novo, as longas conversas regadas a *gin fizz* e Rimbaud na Confeitaria Vienense.

212

Nunca me passou pela cabeça ser genial, nem jamais tive a menor aspiração a esse respeito. Fiz coisas de boa qualidade no teatro e na televisão, escrevi um bom romance, *Luísa, Quase uma História de Amor*, mas devo admitir que muitas vezes me surpreendi com as reações do público e da crítica, pois o ato de escrever sempre foi mais importante em si mesmo do que o produto que ele gerou. Acima de tudo, sempre estará a absoluta, imperiosa e vital necessidade de escrever. E sei que não sou a única escritora a pensar dessa maneira. *Mais que a*

*paixão, os seus motivos*, é uma frase das *Novas Cartas Portuguesas* que traduz perfeitamente o que estou querendo dizer. Mais que o livro e a peça, a razão que me levaram a escrevê-los.

Escrevo para dizer o que não consigo de outra maneira, para saber como sou e o que penso. Escrevo para ser amada, para não enlouquecer, escrevo para resgatar e transmutar através da ficção o que não foi possível transmutar na vida real. Mas jamais me sentei com a intenção de escrever obras definitivas. Talvez por isso tenha escrito tanto, e com tanto despudor, gêneros tão variados.

Quando o Décio morreu, senti uma grande necessidade de falar sobre ele, sobre a nossa amizade, e sobre a sua importância na minha vida. *Aos Meus Amigos* foi o título do romance que comecei a escrever na semana em que faleceu. Ele é o Léo, o protagonista desse romance que se ambienta em menos de 24 horas. Compreende um dia, uma noite, e uma madrugada, e foi

saudado pelo crítico José Castello como um romance de geração. E de fato é, daquela geração que nasceu nos anos 40.

## Capítulo XXXVI

### Por Quem os Sinos Dobram

Como a maior parte do romance era ambientada no enterro e no velório do Léo, eu precisava saber como funcionavam essas cerimônias para poder descrevê-las. Foi nessa altura que comecei a frequentar o velório do Araçá, e tomei gosto em passear em cemitérios. Dito assim pode parecer bizarro, mas abstraída da morbidez que, em geral, acompanha a idéia da última morada, vejo apenas um lugar agradável e arborizado, repleto da memória de pessoas comuns. De alguma maneira, seus túmulos nos contam uma história notável ou singela, o zelo ou o desmazelo denunciam a saudade ou o esquecimento, e me remete inevitavelmente para a nossa humana e passageira condição. Não há nada mais inexorável e absoluto do que a morte. Quando entro no seu território, tudo fica relativo, e nada parece ter importância. Só a vida, a nossa vida. Talvez por isso saio do cemitério tão renovada, e tão consciente de que a maior parte das minhas preocupações é vã.

Quando comecei a freqüentar o cemitério do Araçá, levava comigo um caderninho onde fazia anotações que seriam úteis para o romance. Então me postava diante dos coveiros e começava a fazer perguntas sobre os procedimentos do enterro, que incluíam detalhes sobre a profundidade da cova, e o momento da colocação dos tijolos e do cimento. No início, me olharam desconfiados, e antes que começassem a imaginar que eu era maluca, expliquei que estava pesquisando para uma novela. Quando eu aparecia, comentavam entre si que tinha chegado a moça da novela.

No verão, costumava ir de óculos escuros e de chapéu para me proteger do sol, porque quase sempre ia e voltava a pé para casa. Mas para não chamar a atenção, antes de entrar no velório, tirava o chapéu e o enfiava num saco plástico. Depois me sentava num canto e ficava observando discretamente. Com tantos velórios acontecendo simultaneamente, era natural que as pessoas concluíssem que eu era da família de outro morto.

E eu ficava lá tranqüilamente tomando nota do que se fazia e do que se dizia, sinceramente penalizada quando o falecido era jovem, e muitas vezes divertida com as lágrimas de crocodilo e os lugares comuns. *Descansou, meu bem. Está melhor do que nós...*

Mas no domingo de Carnaval de 1992, ao entrar no velório do Araçá, vejo a Raquel Régis, jornalista e colega de Faculdade, de braços abertos caminhando na minha direção. *Que bom que você veio!* ela disse, emocionada. Eu caíra de pára-quedas no velório de um jornalista que tinha trabalhado na Editora Abril, mas com o qual não tinha a mais remota familiaridade. Porém, como filhos e amigos viessem falar comigo, eu, embaraçadíssima, não tive outra alternativa senão lamentar o passamento, dar os pêsames, e retribuir os abraços. Estava me sentindo numa saia cada vez mais justa quando o Fernando Moraes se sentou ao meu lado e, ao ver o meu enorme chapéu espremido no saco plástico, não se conteve, e perguntou com um sorriso sacana: *“Vais para o Sambódromo?”*

E resolvi me abrir. *“Não é nada disso, estou escrevendo um livro, entrei no velório para fazer umas anotações, a Raquel me abraçou, a família agradeceu minha presença, estou me sentindo péssima porque nem era amiga do morto, mas agora não sei o que fazer para cair fora”*. Ele começou a rir. *“Pode botar o chapéu, que a viúva é mais maluca que você”*. Eu não queria pôr o chapéu, queria ir embora dali e foi o que fiz, gentilmente escudada por ele e ainda a tempo de ouvir a viúva berrar para quem quisesse ouvir: *“Isso que vocês estão vendo é só matéria, ele desencarnou faz duas semanas”*.

## Capítulo XXXVII

### Est-Ce Que Vous Cherchez la Tombe de Proust?

Uma vez, em Paris, resolvi ir ao *Cimetière du Père-Lachaise*, que recebe diariamente um grande número de turistas que vão visitar os túmulos de pessoas famosas, como Oscar Wilde, Chopin e Allan Kardec, que estão enterrados ali. Eu fui por causa do escritor Marcel Proust. Era 1996, e eu estava hospedada em Paris em casa da minha querida amiga Paola Prestes, e fomos de automóvel, porque ela também tinha algumas tumbas para visitar. Mas como o trânsito estava complicado, quando chegamos mal deu tempo de ela ver o túmulo de Jim Morrison. Antes de sair correndo para apanhar a filha no colégio, me deixou o mapa do cemitério, que de pouco me serviu, pois sou totalmente incapaz de ler mapas e manuais de instrução de um modo geral.

Estava eu perdida numa daquelas alamedas, sem ninguém à vista a quem pudesse pedir uma in-

formação, quando se plantou diante de mim um homem de idade que me perguntou com sotaque estrangeiro: *“Madame, est-ce que vous cherchez la tombe de Proust?”* Atônita disse que sim, buscava o túmulo de Proust, ao mesmo tempo em que pensava intrigada: *“Como diabos ele pode saber disso?”* *“Venha comigo”*, ele disse. E enquanto me conduzia até lá, explicou que era italiano, tinha chegado a Paris depois da Segunda Guerra, tinha sido operário, e agora estava aposentado. Anos antes fora-lhe diagnosticado um problema cardíaco e o médico lhe receitara caminhadas diárias. Como morava perto, escolhera andar no cemitério, e pouco a pouco aprendera a localizar os túmulos e a reconhecer as pessoas que os procuravam. Logo que me viu, teve certeza de que eu buscava Proust. Depois me mostrou os túmulos de Edith Piaf, de Simone Signoret e de Oscar Wilde. Eu não podia ter tido um guia mais perfeito. Embora, é claro, nem todos acreditem que essa história aconteceu tal como a contei. Porém vivi muitas histórias curiosas, surpreendentes e estranhas.

## Capítulo XXXVIII

### Os Últimos Serão os Primeiros

No final de abril de 1999, depois de ter escrito os seis capítulos para o seriado *Mulher*, fui chamada por Daniel Filho, então diretor artístico da Rede Globo, para uma reunião no Projac. Eu fazia parte dos cinco autores que ele havia convocado, que produziriam cinco minisséries no ano seguinte, com os cinco diretores que estavam na sala. Em 2000 se festejariam os 500 anos do Descobrimento do Brasil e, como parte da homenagem, a Rede Globo celebraria os cinco séculos de existência do país com uma produção diferente. Para concretizar esse projeto, lá se encontravam Dias Gomes, que morreria semanas depois, Lauro César Muniz, Sérgio Marques, Ferreira Gullar e eu, muito lisonjeada de me encontrar em tão ilustre companhia. A regra do jogo estabelecia que seriam minisséries de oito capítulos no mínimo e de 24 capítulos no máximo, e que poderia ser sobre temas já propostos ou sinopses de minisséries já aprovadas ou já escritas.

Imediatamente, o Dias anunciou que a dele já estava escrita, era sobre Getúlio Vargas, ou seja, sobre o século XX. O Lauro, em seguida, disse que já tinha uma sinopse aprovada: faria Castro Alves, portanto o século XIX seria dele. Sérgio Marques lembrou seu antigo projeto de escrever sobre Chico Rei e a mineração no século XVIII. Quando Ferreira Gullar manifestou o desejo de falar sobre as Invasões Holandesas, fiquei em pânico. Era o período histórico que eu queria abordar. Tinha levado comigo inclusive um livro sobre o assunto, que no final da reunião acabei dando a ele. Então quando chegou a minha vez, o Daniel me disse: *“Bom, sobrou o século XVI e o que é que você vai fazer?”* Eu disse: *“São Paulo”* - assim, sem nem muito pensar. Ele me perguntou o que seria São Paulo do século XVI, e respondi sem pensar: *“A Muralha”*. A Denise Sarraceni, com quem eu faria parceria, disse que era boa idéia. Mas a melhor coisa, naquele momento, era saber que ela seria minha parceira. Desde a sua brilhante direção em *Anjo Mau*, havíamos nos tornado amigas e profissionalmente afinávamos muito bem.

Porém, *A Muralha* foi um romance que eu tinha lido logo que chegara ao Brasil, e tinha sido escrito em 1954 para homenagear o Quarto Centenário de São Paulo. Ainda nos anos 50, fora transformado em rádio-novela na Rádio Bandeirantes e, nos anos 60, numa telenovela da TV Excelsior. Acontece que *A Muralha* não se passava no século XVI, e sim no início do século XVIII, na época da Guerra dos Emboabas, quando os bandeirantes, já tendo descoberto as Minas Gerais, entraram em conflito com os portugueses e com brasileiros de outras regiões, que com eles disputavam a exploração de ouro e de pedras preciosas.

223

Quando cheguei a São Paulo e descobri que a ação se desenrolava em 1708 e não no século XVI, meu primeiro pensamento foi: *Me ferrei!* Porém, logo em seguida concluí que o equívoco poderia ser contornado. Conservaria os personagens e a idéia central das tramas e mudaria o pano de fundo histórico. Ao invés de falar sobre as Minas Gerais e sobre a Guerra dos Emboabas, iria falar sobre o início do Movimento Bandeirantista, ou seja, so-

bre aqueles homens que primeiro avançaram para o interior em busca de mão-de-obra indígena, quando o ouro ainda não era o objetivo principal. Era isso que iria fazer. Falar sobre os avós de Raposo Tavares e de Fernão Dias Paes.

224

Estava posta em sossego, como costume dizer, mas naturalmente já havia começado o garimpo pelos sebos da cidade, quando me ligaram do Rio de Janeiro e me perguntaram quantos capítulos eu iria escrever. Respondi vinte e quatro, pois era o máximo que renderia o livro de Dinah Silveira de Queiroz, se ficássemos na sua história. Estava claro que *A Muralha* teria então aquele número de capítulos estipulados. Nenhum a menos, e nenhum a mais.

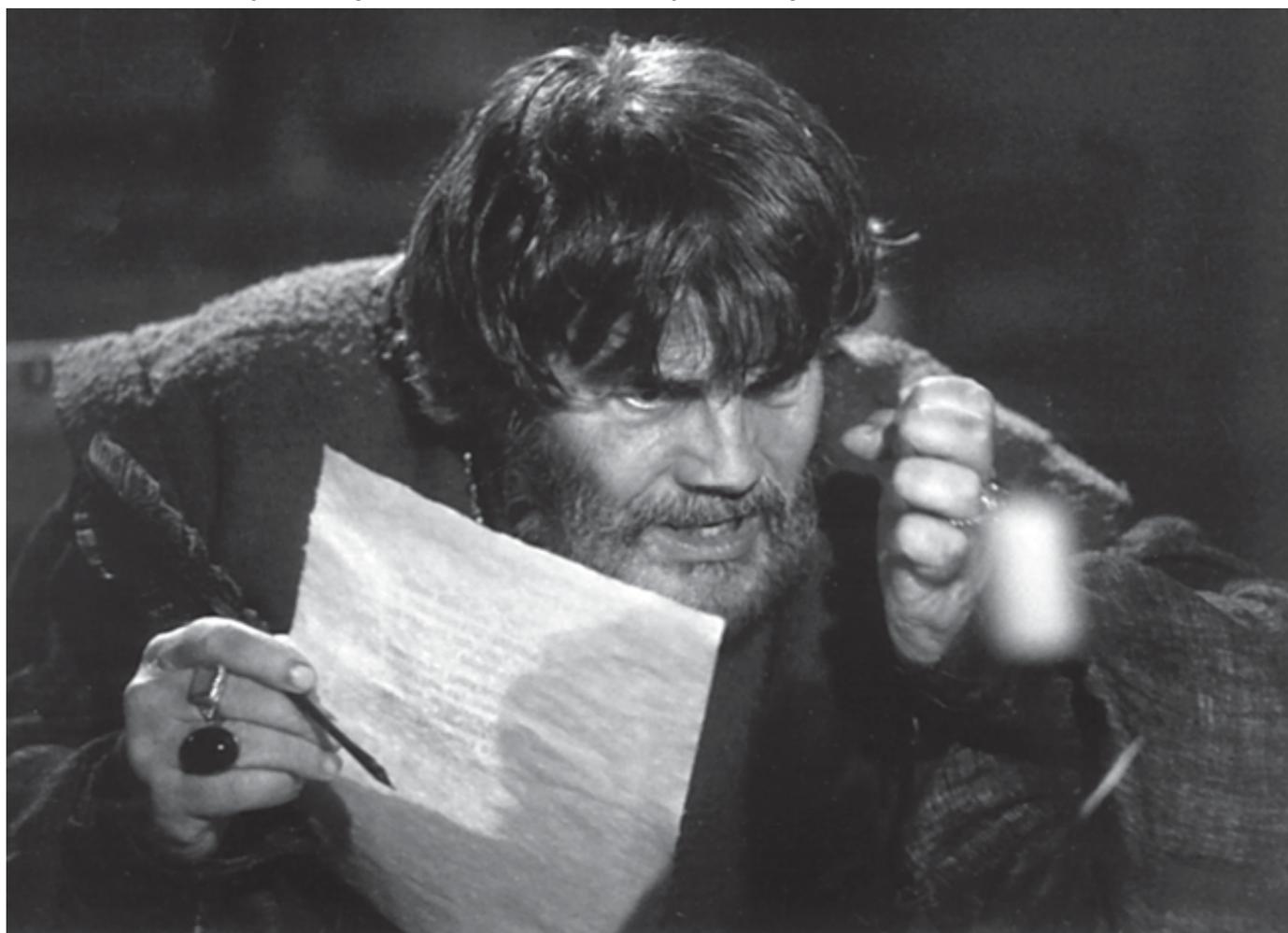
Já de posse do material recolhido percorrendo os sebos, continuei pesquisando e descobri que São Paulo era um grande produtor de marmelada, que não só distribuía para outros lugares do Brasil, como exportava para Buenos Aires. E, lendo as atas da Câmara Municipal de São Paulo de Piratininga, eu descobri também que

nosso principal produto de exportação já era adulterado no século XVI. Ou seja, no século XVI já se acrescentavam chuchu e outros produtos espúrios, para indignação dos honestos cidadãos. Como você vê, a fraude nasceu praticamente com o país, por isso é uma coisa tão difícil de ser erradicada.

E lá estava eu me deliciando com as histórias das primeiras décadas de São Paulo, quando me telefonaram outra vez da Rede Globo, dessa vez para perguntar se *A Muralha* daria 48 capítulos. Perguntei por que, e me disseram que apenas a minha permaneceria nos planos da emissora, uma vez que as outras exigiriam demasiados recursos técnicos e financeiros, e que seria bastante problemático produzir cinco minisséries ao mesmo tempo. Em resumo, eles haviam deliberado que apenas *A Muralha* seria feita. Eu que tinha sido a última a me manifestar, que praticamente não tivera escolha, tinha sido a escolhida. Ou melhor, o que havia sido eleito era a minha sugestão. O livro da Dinah, que mencionei sem pensar, tinha sido uma excelente idéia.



*Cenas de A Muralha, com Alexandre Borges e Cláudia Ohana (acima) e Tarcísio Meira (abaixo)*



Mas a pergunta era: eu poderia fazê-la render 48 capítulos? *Claro que sim*, respondi, desde que pudesse acrescentar novos personagens e novas tramas à história original. Me deram total liberdade, a Globo já tinha comprado os direitos autorais, e quando você compra os direitos o contrato já pressupõe que a história será modificada de acordo com as necessidades teledramatúrgicas. Em geral é o que acontece em minisséries mais longas. Nas curtas, os autores costumam se ater ao livro.

*Paulo José e Mateus Nachtergaele, em A Muralha*



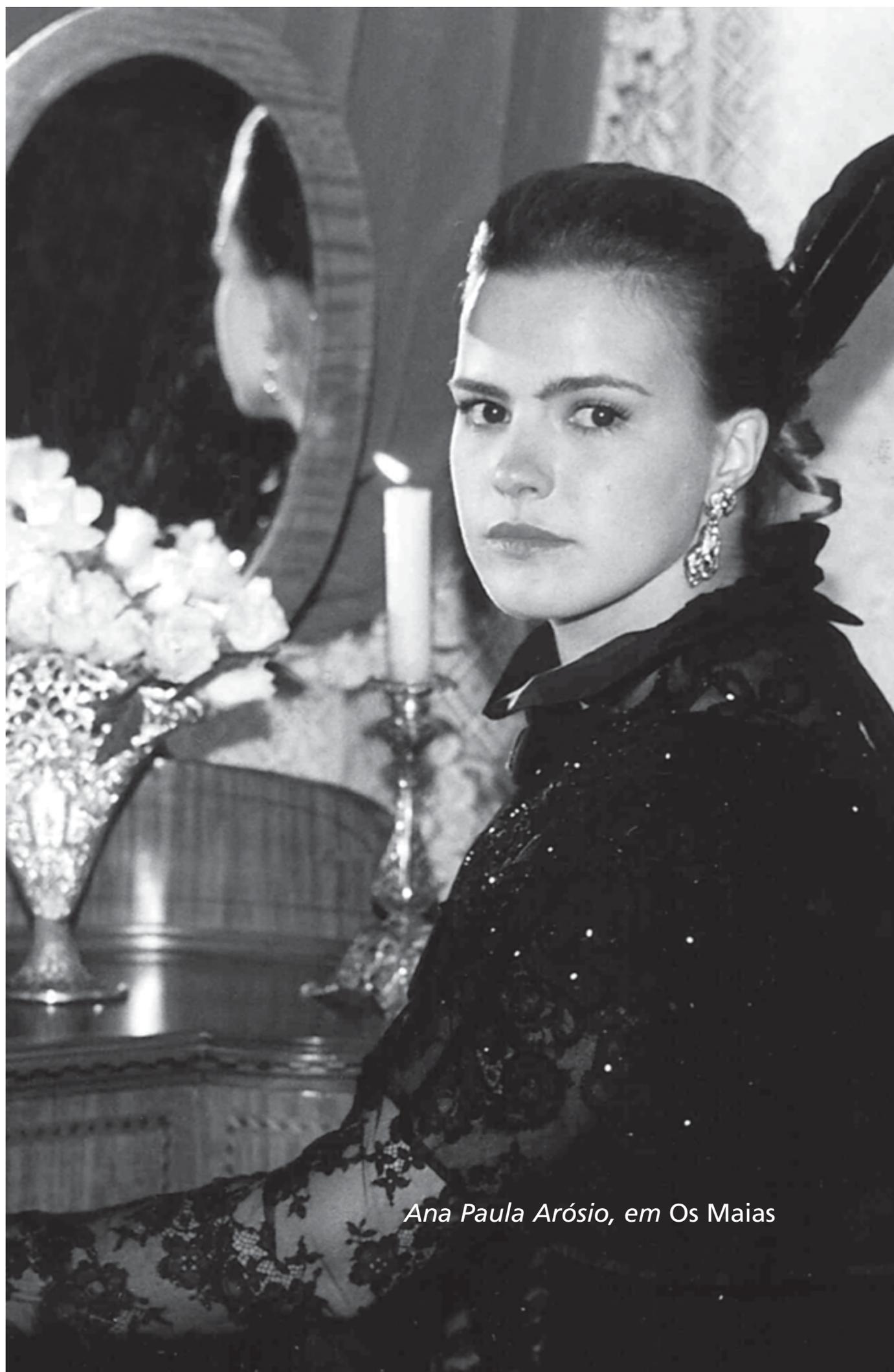
E foi assim que eu criei os personagens da Ana, interpretada por Letícia Sabatella, o Dom Jerônimo, de Tarcísio Meira, que abordei os marranos, ou seja, os judeus que seguiam seus rituais clandestinamente, que criei os personagens de Padre Simão e Padre Miguel, respectivamente representados por Mateus Nachtergaele e Paulo José. Abordei o drama do que a evangelização representou, apesar das boas intenções da Companhia de Jesus de poupar os índios da escravidão porque eles tinham alma. Mostrei o que significou essa assimilação em termos de desintegração e de perda de referência cultural, o drama que foi essa catequização dos indígenas.

Era um assunto que sempre me seduziu e que, como no caso dos cristãos-novos, eram temas pouco conhecidos pelo grande público de televisão. O resultado foi um enorme sucesso e é claro que grande parte desse crédito pertence a Denise Sarraceni, que dirigiu e escalou o elenco primorosamente. E ela teve a coragem de fazer um produto totalmente “desglamourizado”

como era, de fato, a vida dos primeiros habitantes de São Paulo. E o livro da Dinah Silveira de Queiroz se transformou em *best seller*.

*A Muralha: Alessandra Negrini, Celso Frateschi, Caco Ciocler e Mauro Mendonça*





*Ana Paula Arósio, em Os Maias*

## Capítulo XXXIX

### *Os Maias*

Foi em função desse grande sucesso que, em maio de 2000, Daniel Filho me perguntou se eu tinha alguma idéia para a próxima minissérie. Rapidamente respondi *Os Maias*, de Eça de Queiroz. Ele quis me demover da idéia dizendo que dificilmente daria certo, pois os brasileiros não têm familiaridade com o universo português e os portugueses abominam se ver falando “brasileiro”. Além do mais, sempre iria aparecer um especialista em Eça de Queiroz pronto a encontrar defeitos. Ele já havia feito o *Primo Basílio* e se deparara com esses e outros problemas. O principal é que não tinha sido um sucesso de público.

231

Mas insisti na idéia argumentando que era portuguesa e praticamente uma estudiosa de Eça de Queiroz, cujos romances lia desde a adolescência. Além disso, conhecia sua vida, lera toda a sua correspondência e sua obra jornalística,



*Selton Mello e Fábio Assunção, em Os Maias*

o que era absolutamente verdadeiro. Uma das vantagens de ter trabalhado na Cultural é que ler era parte do trabalho e eu tinha lido muito para fazer o verbete de Eça de Queiroz para a Enciclopédia Abril.

Em princípio, faria parceria novamente com a Denise Sarraceni, mas ela foi alocada para dirigir *Torre de Babel*, novela do Sílvio de Abreu, e Daniel apresentou Luiz Fernando Carvalho como o meu novo parceiro.

E semanas depois partimos para Portugal para dar início a esse projeto ambicioso. Começando pelo fato que boa parte da minissérie seria rodada lá.

Logo no início surgiu o problema da extensão da minissérie. *Os Maias* não daria mais do que 24 capítulos e a Globo precisava de 48. Doía-me o coração interferir no original do Eça como havia interferido em *A Muralha*; *Os Maias* era uma obra-prima de um dos meus ícones da literatura universal. Alterar, acrescentar, esticar soavam como uma profanação.

*Fábio Assunção, Ana Paula Arósio e Marília Pêra, em Os Maias*



Porém os 48 capítulos eram necessários. Era isso ou não haveria minissérie. Foi então que me ocorreu acrescentar *A Relíquia*. Seria um contraponto cômico que seguiria paralelo à trama da família Maia, e seus personagens só iriam interagir com os personagens periféricos de *Os Maias*. Confesso que a solução me deixava desconfortável, mas todos concordávamos, inclusive o Luiz Fernando, que era a única possível. Afinal, Carlos Reis tinha me dito em Lisboa que era intenção do Eça fazer com os personagens de um romance migrassem para outras obras.

Claro que especialistas e puristas ficaram escandalizados. Por que inserir o humor de *A Relíquia*, se em *Os Maias* há humor suficiente? Realmente tem humor, desde que se conheça profundamente a história de Portugal e o universo da classe aristocrata e sua posição em relação aos problemas políticos que o país atravessava na segunda metade do Século XIX. Eu me divertia muito com o Eça, mas tinha feito o curso primário em Portugal, e sabia, portanto, que Campo

de Ourique era o nome de uma importante batalha. Perdi a conta do número de pessoas a quem dei satisfações e explicações sobre a inclusão de *A Relíquia* em *Os Maias*.

Era evidente que, se dependesse apenas da minha vontade, não o teria feito. Mas num determinado momento, farta de cobranças, comecei a subir nas tamancas e dizer: “*Você que é tão purista, que diabo fez por Eça de Queiroz? Eu transformei-o num best seller*”. De fato *Os Maias* ficou durante meses na lista dos livros mais vendidos no país.

235

Mas os puristas não foram o único problema de *Os Maias*. Logo no primeiro capítulo, ficou claro que o grande público não fora seduzido pela história. A audiência despencou e acabou se fixando em 14 pontos, e essa foi a massa de telespectadores que nos acompanhou até o final, independentemente da hora que a minissérie fosse ao ar. E em alguns dias, sobretudo na quarta-feira, ela ia ao ar muito tarde.

Independente da audiência, *Os Maias* foi um marco de qualidade na televisão brasileira. O rigor artístico, as imagens belíssimas, a fotografia, o guarda-roupa, a cenografia, a música, a direção de arte primorosa de Yurika Yamasaki, e a história, tudo se combinou para que o resultado fosse uma obra superlativa.

236

Também foi a primeira minissérie em que praticamente só me ative ao livro. A primeira e única até agora em que realmente se podia dizer “baseada em”. A única interferência de monta foi a volta de Maria Monforte, que no romance de Eça foge com o italiano e não mais reaparece em Portugal. Mas a fiz retornar às portas da morte, e descobrir tragicamente o incesto de Carlos Eduardo e de Maria Eduarda.

A crítica adorou *Os Maias* e, apesar dos percalços, eu adorei ter escrito a minissérie. Para satisfação geral, inclusive a minha, o Luiz Fernando expurgou *A Relíquia* do DVD, e *Os Maias* é apresentado em todo o seu esplendor.

## Capítulo XL

### A Dança Que Dançou

Quando terminei *Os Maias*, a Rede Globo me pediu e aprovou a sinopse de uma novela para o horário das seis. E novamente faria dobradinha com Denise Sarraceni. A novela entrou em produção em agosto, mas em outubro foi subitamente cancelada por ter sido considerada forte para o horário. A novela se chamaria *A Dança da Vida*, cujo mote seria “*a arte salva*”, ou seja, a arte pode incluir socialmente crianças e adolescentes marginalizados.

237

Num primeiro momento, o cancelamento da novela me deixou arrasada. Mas como já disse, não tenho paciência para ficar deprimida por muito tempo, nem posso me dar ao luxo de permanecer assim mais de uma semana. Aciono uma voz interior que me diz *levanta, vai trabalhar e vai inventar outra coisa!* Foi exatamente o que fiz.

Em meados daquele ano, Esther Góes e o diretor Sérgio Ferrara tinham me procurado para pedir um texto sobre Tarsila do Amaral. Havia ficado encantada com a idéia, mas expliquei que iria fazer uma novela e só poderia escrever a peça no ano seguinte, ou seja, em 2002. Era a hora de antecipar o projeto. Liguei para a Esther e disse: *“Sabe a peça sobre a Tarsila que ia fazer o ano que vem? Vou começar agora”*.

238

Comecei a pesquisar sobre o tema em novembro de 2001, e em maio de 2002 terminei *Tarsila*. Raramente um período e um trabalho me deram tanta satisfação. A serenidade combinou com o prazer dos novos encontros com a família Amaral, Tuneu, Telé Ancona Lopes, com Antônio Cândido, a quem fui levado por Marlyse Meyer. E a alegria de voltar a escrever teatro, meu Deus! Eu era feliz e sabia.

Mas é claro que minhas férias de televisão não durariam muito tempo. Em junho de 2002, recebi um telefonema de Mário Lúcio Vaz, que marcou o início do próximo projeto de minissérie, *A Casa das Sete Mulheres*.

## Capítulo XLI

### Assim Estava Escrito

Denise Sarraceni e eu tínhamos um projeto de minissérie sobre *O Capitão Mouro*, baseada na obra homônima do jornalista Georges Bourdoukan, que já tinha sinopse aprovada, mas, devido ao custo altíssimo, havia sido adiada. A verdade é que não haveria possibilidade de se fazer uma minissérie de baixo orçamento contando a saga do muçulmano Saifudin, cuja aventura se inicia na África, em 1694. Saifudin embarca num navio que naufraga, é recolhido por um navio negreiro, chega ao Brasil, se associa ao Quilombo dos Palmares e acaba construindo suas fortificações. A história também contaria a amizade de Saifudin com o judeu Ben Suleman, com o senhor de engenho Epaminondas Conte, seu amor pelo escravo Gaspar, do Zumbi, e a história de uma de suas mulheres, a branca Maria Paim, tendo por cenário a Capitania de Pernambuco, a Inquisição, a Revolta dos Escravos, e claro, as epidemias. Além disso, trataria

dos diários de bordo dos navios negreiros explicando também o significado da letra F e da cruz, marcadas com ferro em brasa na testa e no peito dos escravos. Eu lamentava que a Rede Globo tivesse desistido da minissérie, mas estava conformada com a idéia. Além disso, Denise, que tinha me trazido o projeto, já estava alocada para mais uma novela do Sílvio de Abreu.

240

Porém Jayme Monjardim, que havia terminado a novela *O Clone* de Gloria Perez, leu a sinopse do *Capitão Mouro* e ficou louco com a idéia. E disse a Mário Lúcio que a minissérie deveria ser feita. Era esse o teor do telefonema, retomar o projeto de *O Capitão Mouro*, que de fato era muito mais da Denise do que meu. E assim sendo, não me sentia à vontade para tocar esse trabalho com outro diretor, que não fosse ela. Mas estava plenamente aberta a fazer outra minissérie com o Jayme. O Mário argumentou que não havia outra tão interessante quanto *O Capitão Mouro* e eu disse claro que *há, tenho certeza*. Eu estava falando com ele pelo telefone sem fio, defronte a uma estante quando, de

repente, vi um romance que me tinha sido dado alguns meses antes no Rio de Janeiro, com a recomendação de que essa história daria uma ótima minissérie. Só que eu recebo dezenas de romances com essa observação. Eu não tinha lido, mas disse num estalo, *por que a gente não faz uma minissérie com A Casa das Sete Mulheres?* E o Mário imediatamente gostou do título e perguntou do que se tratava. Dei uma olhada na contracapa e orelha do livro e comecei... é ambientado no Rio Grande do Sul durante a Revolução Farroupilha... é sobre as mulheres da família do Bento Gonçalves, que saíram de Pelotas, foram para uma estância imaginando ficar alguns meses e acabaram ficando dez anos... São os amores delas, e mais a história do Garibaldi com a Manuela...

241

O Mário achou muito interessante e disse que o Walter Negrão estava há dois anos pesquisando sobre o Rio Grande do Sul. *E por que ele não se junta a mim nesse projeto?* perguntei. *Eu adoro o Negrão!* Então ele sugeriu que eu fizesse o convite e apresentasse a sinopse em uma semana.

Liguei correndo para o Negrão e disse *“vá correndo a uma livraria comprar A Casa das Sete Mulheres”*. E ele, sem entender, *“que diabo é isso?”* E eu falei: *“É a minissérie que vamos escrever... Acabei de propor, o Mário adorou, mas também não li o livro. Deve ser bom, a autora é loira e linda, Letícia Wierzchowski, você vai adorar tenho certeza. E vê se corre porque temos de mandar a sinopse na semana que vem! E, se você topar ser meu parceiro nesse projeto, vou adorar”*.

242

Uma gostosa gargalhada do outro lado e o Negrão: *“Na semana que vem? Você é maluca!”*

## Capítulo XLII

### A Mais Sólida Mansão

Dois dias depois, começamos a trabalhar. O livro de fato prestava-se divinamente para uma minissérie. O curioso é que, como no caso de *A Muralha*, eu tinha sugerido sem pensar ou saber direito o que estava sugerindo, movida unicamente pela intuição. Curioso, mas não estranho. Tanto quanto a minha, foi também a intuição do Mário, que despertou seu interesse pelas sete mulheres. Porque, em qualquer trabalho criativo, procuro seguir a minha intuição e na televisão ainda mais, pois, como é um veículo de massa, devemos estar continuamente antenados com o inconsciente coletivo. E suponho que não exista melhor canal para isso que a nossa intuição. É claro que não tenho a menor base científica para provar o que acabei de dizer. Mas também não tenho nenhum compromisso com a teoria de comunicação de massas. Meu compromisso é com a criação, e é assim que sinto.

*A Casa das Sete Mulheres: Giovanna Antonelli, Thiago Lacerda e elenco.*





E afinal a nossa intuição estava certa. *A Casa das Sete Mulheres*, de Letícia Wierzchowski, resultou em uma excelente minissérie.

Contribuíram para isso o belo romance de Letícia Wierzchowski, e a regência de Jayme Monjardim, que também é um intuitivo. E quando falo de regência, estou me referindo àquilo que um diretor geral é: o principal responsável pela escalação dos atores, o que escolhe o fotógrafo, o figurinista, o cenógrafo, o diretor de arte e o diretor musical. Aquele que se cercou de uma

246

equipe de produção capaz de transportar, instalar, e prover elenco e técnicos em qualquer lugar do Rio Grande do Sul. A mesma que providenciava centenas de figurantes, armas e cavalos para uma batalha que seria gravada em lugares praticamente inacessíveis. Foi necessária uma grande dose de estoicismo para todas as pessoas envolvidas nas cenas externas, pois algumas delas, a princípio, se configuravam impossíveis. Como a cena da travessia dos lanchões em que a tempestade que o público viu na tela foi absolutamente real.

É verdade que ela estava no texto e tinha sido relatada nas memórias de Garibaldi. Mas quando a escrevemos imaginamos que ela seria produzida por efeitos especiais. Mas não. Durante a gravação ela apontou furiosa. O dia escureceu, os raios rasgaram o céu, e a água começou a cair inclemente. As juntas de bois que puxavam os barcos atolavam na lama, os cavalos relinchavam apavorados pelos relâmpagos, e Thiago Lacerda, fustigado pela chuva, incitava os homens a prosseguir como faria o próprio Garibaldi.

*A Casa...: Werner Schünemann e elenco*





*A Casa...: Camila Morgado, Bete Mendes, Nívea Maria, Daniela Escobar, Eliane Gardini, Samara Felippo, Mariana Ximenes*

Foi a intuição do Jayme também que o levou a escolher Camila Morgado para o papel de Manuela. Que grande atriz, que prazer era ouvi-la dizer o meu texto. Que sorte a dela ter estreado na televisão daquela maneira, cercada de grandes atrizes, a maior parte como ela, vindas do palco, como Eliane Gardini e Jandira Martini, ambas queridas amigas de tantos anos, ambas tendo representado minhas personagens no teatro.

São cálidos e doces esses caminhos que se cruzam tantas vezes de tantas maneiras. É essa sensação que nos leva a sentir que pertencemos à mesma tribo e à mesma família.

Em *A Casa das Sete Mulheres* e *A Muralha* me sentia dessa maneira, participando de uma grande fraternidade. Éramos felizes no trabalho e fora dele, e no trabalho tudo dava certo. Aliás, é assim que funciona quando o clima entre as todas as pessoas é harmônico. Tudo conflui para que as coisas funcionem, como se estivessem protegidas por forças superiores, como se movidas por uma invisível Providência. Que, para mim, cristã, é a Divina Providência.

249

Foi um paraíso a minha relação com Jayme Monjardim e com meu parceiro Negrão. Logo no começo viajamos para Pelotas para assistir às primeiras gravações na Estância São João, cenário da Estância das Sete Mulheres. E terminamos no Palácio Piratini em Porto Alegre com um jantar oferecido pelo Governador a todos nós, uma forma do Rio Grande do Sul manifestar sua gra-

tidão pelo resgate de uma página da sua história. Como *A Muralha*, *A Casa das Sete Mulheres* foi um estrondoso sucesso.

E quando terminou fui ao Rio de Janeiro pedir minhas férias à Rede Globo.

## Capítulo XLIII

### São Paulo Meu Amor

Quando entrei na sala do Mário Lúcio Vaz, onde estavam Ari Nogueira e Sílvio de Abreu, fui saudada de uma surpreendente maneira. *“Que bom que você veio porque íamos te ligar. Você tem alguma sugestão de minissérie sobre São Paulo?”* Respondi: *“A Muralha”*. Não, *A Muralha* não servia e já tinha sido feita, eles precisavam de outra idéia. O Departamento Comercial acabava de informar que, como São Paulo completaria 450 em janeiro de 2004, a Globo a homenagearia com uma minissérie. *“Você quer pensar a respeito?”*

251

Comecei a pensar naquele momento, e enquanto almoçava com o Érico Magalhães, Diretor da Central Globo de Pesquisas e Recursos Humanos, descobri subitamente que o modernismo e os modernistas deveriam ser o foco dessa minissérie. Esse *insight* teria sido impossível se eu não tivesse escrito *Tarsila*, que tinha envolvido uma lon-

ga e fascinante pesquisa sobre ela, seus amigos e seu tempo. No mês anterior, *Tarsila* estreara em São Paulo, e estava fazendo muito sucesso no SESC Consolação. Foi, na verdade, o encanto e empatia do público com esse universo, em geral restrito aos meios intelectuais e acadêmicos, que me levaram a propor uma minissérie que contasse a História de São Paulo sob o viés da cultura. Quando voltei à sala do Mário Lúcio, disse a ele e ao Ari: *“Vamos contar uma história que começa na Semana de Arte Moderna de 1922 e termina em 1954 com o IV Centenário e a Segunda Bienal”*.

*“Vai dar certo, ela faz esse tipo de coisas muito bem”*, disse o Sílvio que havia assistido *Tarsila*.

E tem mais, a heroína e eixo principal da minissérie é Yolanda Penteado que assistiu e agitou todos esses eventos. Mas afinal quem era Yolanda Penteado? Uma mocinha que começa a vida como Sissi, tem sua fase Scarlett O’hara, e termina como Tia Mame. Era arregaçar as mangas e começar a escrever a sinopse. Então o Mário perguntou se eu iria escrever sozinha.

Não, respondi de chofre, “pretendo trabalhar com Alcides Nogueira. Quem mais senão o Tide para se juntar a mim nesse projeto?” Era de família quatrocentona, tinha escrito uma peça sobre a Revolução de 32, *Paris-Belfort*, outra sobre a Semana de Arte Moderna, *Tietê, Tietê*, e conhecia esse universo como ninguém. Além disso, era meu amigo, culto, leal, bom caráter. Eu tinha certeza que ele seria um excelente companheiro, como o havia sido Walter Negrão. Depois, acreditava que duas cabeças pensam melhor que uma.

253

E foi ótimo, foi uma parceria irretocável. Eu já tinha trabalhado com o Tide nas novelas *Deus Nos Acuda* e *A Próxima Vítima*, do Sílvio de Abreu. É impossível não criar uma grande amizade num trabalho como esse que fizemos. O Sílvio é agregador e, como também sou assim, só consigo trabalhar bem com gente que soma. Estou falando de gente que fecha incondicionalmente com você, pessoas que conhecem o significado da palavra ética. E a exercitam no dia-a-dia sob quaisquer condi-

ções. Foi um prazer enorme trabalhar com o Tide, sempre será e por isso vamos escrever outra minissérie, juntos novamente, dessa vez sobre a vida do Presidente Juscelino Kubitschek.

*Um Só Coração: Ana Paula Arósio e Erik Marmo*



## Capítulo XLIV

### Um Verso de Paulo Bomfim

A sinopse foi aprovada, mas não se conseguia chegar a um título definitivo. *São Paulo de Todos Nós, O Salão e a Selva, Terra Prometida* foram algumas das idéias, todas recusadas pelo Mário Lúcio. Finalmente, lendo um poema de Paulo Bomfim, vimos no final de um verso: “*um só coração*”. Era isso, claro, a cidade para onde confluíam tantas pessoas de origens e etnias tão diversas, mas movidas pela mesma vontade de vencer. *Um Só Coração* seria o título da minissérie, e mais uma vez tudo concorreu para o resultado fosse um enorme sucesso.

255

Sob a direção de Carlos Manga e Carlos Araújo, com quem já trabalhara, o primeiro em *Anjo Mau* e o segundo em *A Muralha*, levamos a cabo a tarefa de contar a história de São Paulo entre 1922 e 1954, com direito à Revolução de 24 e 32, mas focada nos grandes acontecimentos culturais e nas figuras que os levaram a cabo.

De repente, Tarsila, Anita Malfatti, Oswaldo de Andrade, Mário de Andrade e Pagu ganharam vida e entraram quatro vezes por semana na casa das pessoas. *“Olha o Oswald de Andrade!”*, disse uma criança apontado o José Rubens Chachá no aeroporto. E, por conta dessa quase intimidade, cresceu o interesse pela arte e literatura e aumentou a freqüência nos museus da cidade.

Era tudo que a gente queria. Fazer um produto de qualidade que fosse também o produto de massa, e o foi.

*Herson Capri e Ana Paula Arósio*





*Herson Capri, Tato Gabus, Fernanda Paes Leme, Selma Egrei, Pedro Paulo Rangel e Tuna Dwek, entre outros*

Os atores da minissérie até hoje morrem de saudade da alquimia que aconteceu. Foi muito bom convidar uma grande leva de atores paulistas para participar desse trabalho, foi um prazer e uma honra resgatar Yolanda Penteadó, Ciccilo Matarazzo e tantas personalidades importantes, porém esquecidas, através dessa minissérie. Foi um privilégio que vivemos. E o elenco primoroso, o guarda-roupa extraordinário de Emília Duncan, raramente se viu na televisão a reunião de tantos talentos.







*Ana Paula Arósio e Edson Celulari*



Ana Paula Arósio, inesquecível no papel de Yolanda, Edson Celulari, divino na pele de Ciccilo Matarazzo, Antônio Calloni, inigualável como Chateaubriand, Herson Capri na melhor interpretação dos últimos anos, Leandra Leal num papel pequeno, mas difícil e como sempre brilhante. Todos deram o melhor de si. Os modernistas, Eliane Gardini em Tarsila, Betty Goffman como Anita, e Pascoal da Conceição, o perfeito Mário de Andrade.





De Tarcísio Meira, mais uma vez no papel de vilão, a Marcello Antony, passando por esse grande talento que é Daniel de Oliveira. E Maria Fernanda Cândido, que nos emocionou em cenas tão dramáticas, Ariclê Perez e Claudio Fontana que nos divertiam, Selma Egrei, Cássio Scapin, Pedro Paulo Rangel, que nos encantavam, Sergio Viotti que nos levava às lágrimas, Cassia Kiss, mais que perfeita como mãe de Yolanda. Letícia Sabatella, Leopoldo Pacheco e Ana Lúcia Torre estavam soberbos. Como também o estavam Paulo Goulart e Mika Lins no papel mais maduro de sua carreira. Todos, os mais jovens e os mais velhos, os estreantes e os veteranos, todos se uniram de fato em um só coração, para dar de presente a São Paulo essa minissérie. Até hoje me comovo com certas cenas e a dimensão humana das personagens.





## Capítulo XLV

### Sempre em Meu Coração

Gosto muito desse tipo de minissérie de época, desse filão com muitas possibilidades, que une a história real com a ficção, personagens reais e inventados, gosto muito de fazer e acho que faço bem. É freqüente cruzar com pessoas na rua que me perguntam: *“Então, sobre o que vai tratar a sua próxima minissérie?”* Ou gente que me diz: *“Aprendi tanto sobre a Revolução de 32”*, ou: *“Aprendo tanto com as suas minisséries”*. E constato que tenho um público que espera que as minhas minisséries lhe ensinem alguma coisa.

267

É muito confortador sentir que a cada trabalho estamos apresentando uma página da História do Brasil e que, embora seja um produto teledramatúrgico, seja basicamente de entretenimento, pode ser um meio muito eficaz de informação. O Brasil se reconhece nas histórias que contamos, reconhece a própria História e se torna mais consciente da sua identidade.

O que aconteceu em *A Casa das Sete Mulheres*, por exemplo. Os gaúchos têm consciência do que são e da sua história, e, por conta da minissérie, muitos voltaram a usar distintivos e o típico lenço vermelho dos farrapos. A satisfação de ver resgatado o orgulho gaúcho permanecerá dentro de nós para sempre.

268

Além disso, nessa época eu recebi cartas emocionantes de pessoas muito simples, pedindo indicações de livros sobre a Revolução Farroupilha, a História do Rio Grande do Sul e Giuseppe Garibaldi. Uma menina de 14 anos, sem recursos financeiros, que mora numa cidade litorânea de Santa Catarina, tinha se apaixonado pelo Garibaldi e perguntou se eu tinha algum livro que eu pudesse mandar para ela. Eu peguei uma sacola enorme, reuni vários livros e mandei para ela. É fantástico isso. Teses de mestrado, dissertações e trabalhos literários surgiram a partir dessa e de outras minisséries.

E, afinal, as previsões de Caio Fernando Abreu acabaram se concretizando. De uma certa maneira

me tornei conhecida, mas, para mim, o mais importante é ser respeitada. A notoriedade é passageira, o trabalho permanece e, mais do que ele, a consciência de fazê-lo bem feito e de prestar, através dele, um serviço a tantas pessoas.

A Tarsila que Eliane Giardini fez na minissérie *Um Só Coração* a entusiasmou tanto que ela resolveu interpretá-la no teatro. Pascoal da Conceição e José Rubens Cháchá se entusiasmaram e aderiram ao projeto. A atriz Agnes Zuliani se integrou ao elenco para interpretar uma excelente Anita Malfatti. E com um orçamento mínimo eles fizeram as malas e se puseram na estrada. No dia 2 de julho de 2004 a peça estreou no Teatro São Pedro em Porto Alegre, e no final do espetáculo o diretor Sérgio Ferrara anunciou que eu estava presente. O público, de pé, aplaudiu calorosamente os atores, a peça e a mim, mas, quando subi ao palco para agradecer, senti também que eles estavam aplaudindo, gratos, *A Casa das Sete Mulheres*.



## Capítulo XLVI

### Os Bons Companheiros

Já falei do Negrão e do Alcides, mas ainda não mencionei meus outros colaboradores ou co-autores, como foram realmente tantas vezes. Vou começar pelo Vincent Villari, que veio trabalhar comigo em *Anjo Mau*. Tinha apenas 17 anos, cabelos encaracolados, ele mesmo parecia um anjo, embora fosse conhecido como Tadzio, personagem do livro de Thomas Mann, *Morte em Veneza*, soberbamente adaptado para o cinema por Luchino Visconti.

271

Ele me chegou com a referência de que havia feito, com louvor, uma oficina de roteiro no Rio de Janeiro. Fora isso sabia tudo de novelas de televisão. Talentoso e voraz, fez bom uso de alguns conselhos e começou a ler e ir ao cinema. Acabou se tornando uma espécie de filho adotivo e foi um colaborador precioso em grande parte dos trabalhos de *O Anjo Mau*, *A Muralha*, *Os Maias* e *A Casa das Sete Mulheres*. Em *A*

*Muralha* conheceu João Emanuel Carneiro, que o convidou para ser seu colaborador na novela *Da Cor do Pecado*, e não se arrependeu. Creio que fará alguns trabalhos com o João, e depois escreverá sua própria telenovela, pois talento não lhe falta para isso.

272

E já que estamos falando do João Emanuel, ele é outro capítulo importante. Ele entrou na minha vida em *A Muralha*, vinha do sucesso do filme *Central do Brasil*, do qual tinha sido roteirista, por insistência de Daniel Filho, que achava que naquela minissérie eu precisava trabalhar com alguém de cinema. Veio para uma reunião em minha casa cheio de idéias, algumas brilhantes, como foi o caso da personagem da índia Moatira, através da qual narramos a ação dos bandeirantes e a evangelização dos jesuítas na minissérie.

O João não tinha papas na língua para dizer que tal cena ou tal seqüência estava chata. Rapidamente percebi que ele tinha razão, passei a tomar cuidado com as partes chatas e torná-las interessantes. O público pode tudo, menos se en-

tediar tarde da noite, quando entram no ar as minisséries. Porque fatalmente irá mudar de canal ou simplesmente desligar o aparelho e ir para a cama.

A amizade e respeito profissional, que nasceu durante nosso convívio em *A Muralha*, continuaram em *Os Maias*, na qual o João respondia pela parte de *A Relíquia*. Foi um companheiro leal e solidário, com quem conversava todos os dias depois da minissérie, e me confortava e animava quando me sentia desanimada.

273

Nos tornamos muito amigos, e quase todas as vezes que vou ao Rio de Janeiro saímos para jantar e conversar. Ele se tornou uma espécie de irmão mais novo, um irmão sábio, talentoso e sensato, com quem continuo trocando informações, e muitas vezes pedindo colo e conselho. Porque neste trabalho há muitos momentos de alegria, porém também há momentos em que ficamos muito frágeis, e momentos em que temos que nos controlar para não pôr o principal a perder, e o principal no caso é sempre o trabalho que fazemos.

E entre tantas pessoas maravilhosas existem também aquelas que deixam a desejar. Porque o talento nem sempre está acompanhado de “bom-caratismo”, muitas vezes cruzamos com pessoas de enorme talento, que cedo ou tarde nos decepcionam profundamente, e não importa que o façam, desde que não nos decepcionem no trabalho. Porque em nome dele engolimos sapos e desaforos, suportamos guerras de poder, embates de egos nem sempre brilhantes, pretensão, prepotência, carência, arrogância de tiranos e medíocres, e o que mais for necessário. Engolimos tudo desde que o resultado na tela seja primoroso, desde que o público continue se encantando com tanta emoção e tanta beleza. É claro que preferimos trabalhar com aqueles que, além de profissionais competentes, a gente confia e ama. Mas quando se trata de compor uma grande equipe, nem sempre se pode escolher. Entretanto, a experiência nos ensina a identificar rapidamente os bons companheiros, e os que jamais o serão. E a estabelecer com estes uma relação estritamente profissional.

O João Emanuel faz parte da turma dos amigos, e para a minha alegria alçou seu primeiro vôo solo na TV em *Da Cor do Pecado*. Como eu, teve a sorte de contar com Sílvio de Abreu para supervisionar os primeiros capítulos, e com a Denise Sarraceni para dirigir a novela. O resultado foi o que se viu. Um dos maiores sucessos do horário das sete.

Bosco Brasil foi outro amigo com quem trabalhei. Tinha visto *Budro* no teatro, e ficado encantada com o seu trabalho. Quando ele e Ariela Goldman criaram a Editora Caliban, publicaram o texto de *Intensa Magia*, e ficamos bastante ligados desde então. Em *Anjo Mau*, foi um leal e competente colaborador. Depois trabalhou com o Sílvio e continuou sua brilhante trajetória como dramaturgo. Considero sua peça *Novas Diretrizes em Tempos de Paz* um dos grandes textos do teatro brasileiro. Por conta das mais variadas circunstâncias, não voltamos a nos encontrar profissionalmente, mas quando houver oportunidade vou me acercar outra vez desse bom companheiro e parceiro de trabalho. Porque um co-autor acaba se

tornando uma espécie de pai, filho, irmão, psicanalista, adivinho e saco de pancadas. Descarregamos e desabafamos todas as pressões e todas as decepções em quem está mais próximo, ou participa do trabalho que realizamos. A audiência, as observações pertinentes ou impertinentes sobre o capítulo, a fala que o ator resolveu cortar ou esqueceu, o caco que acrescentou ao texto, o figurino inadequado, a trilha sonora que não tem nada a ver, a direção canhestra de uma cena, todos os problemas que verificamos, todas as pressões que sofremos e que se refletem no nosso humor, partilhamos com os nossos colaboradores e nem sempre de maneira gentil.

Lembro da cara do Lúcio Manfredi quando veio trabalhar comigo e com o Negrão em *A Casa das Sete Mulheres*! Eu avisando que era um trator, que não tinha a menor paciência com incompetência ou burrice, que trabalhava de segunda a segunda, sem sábado, domingo ou feriado, a partir do momento em que começava a escrever, e assim continuava até o final. E ele: *“Sim Adelaide, tudo bem, Adelaide!”*

Felizmente, nunca perdi a paciência com o Lúcio Manfredi, que é calmo o bastante para agüentar as minhas explosões, e sábio o suficiente para entender que palavrão para mim é interjeição. E no final, todos sabem que, tão rápido quanto a minha fúria, é o meu desejo de reconciliação. Se for necessário peço desculpas, como pedi tantas vezes à Denise, ao Vincent e ao João, pois tenho consciência e humildade para saber quando errei, ou exacerbei. E com a graça de Deus nenhum deles é de alimentar mágoas ou ressentimentos. Até porque as pessoas que alimentam mágoas e ressentimentos não servem para trabalhar comigo. Eu não sou de olhar para trás, e não suporto vítimas. Sobretudo aquelas que usam o fato de eu as ter magoado para me fazer sentir a mais cruel das criaturas. Aquelas, em suma, que não têm o menor senso de humor porque os meus acessos de fúria têm seu lado cômico, que o digam o Negrão e o Tide. E a Carmem Righetto, que me conhece desde que entrei na Abril Cultural. Trinta e cinco anos de amizade e de respeito profissional. Minha pesquisadora desde *Anjo Mau*, grande Carmem, que desbravou o Brasil de Norte

a Sul para mapear a iconografia de Grandes Personagens da Nossa História. Grande Carmem, que conhece todos os médicos, delegados, juízes que podem nos subsidiar com informações fundamentais. Grande Carmem, que me agüenta domingo de manhã pedindo uma pesquisa imediata sobre difteria, ou a principal *causa mortis* em Portugal do Século XVI.

278

Mas quem me conhece, como a Carmem, sabe com quem está lidando e onde está pisando. Quem aprecia minha franqueza, gosta de modo incondicional, e quem não gosta, odeia. O que muita gente não sabe é que meus limites, tanto na vida quanto na arte, são muito elásticos. As minhas explosões para valer, aquelas em que não falo palavrões, aquelas em que vou para o telefone e digo tudo o que está atravessado, ou vou para o computador e escrevo longos e-mails com cópia para todas as partes envolvidas, na verdade são muito raras. Quando resolvo “*botar o Jabaquara em campo*” dessa maneira é porque já engoli demais, tolerei demais, relevei demais, já segurei até não poder mais. No meu dia-a-dia, nas minhas re-

lações com amigos, conhecidos e parentes, também funciono da mesma forma, porque afinal o comportamento no meu trabalho é reflexo do meu comportamento na vida.

Na época de *A Casa das Sete Mulheres*, o Negrão carinhosamente começou a me chamar de Sargenta, e o Jayme logo em seguida me promoveu a Generala. São essas as pessoas com quem gosto de trabalhar, as que sabem a hora de me levar a sério, ou de rir das minhas diatribes. As que enxergam, atrás da casca grossa, o meu coração de manteiga.



## Capítulo XLVII

### Deliciosa Dercy

Foi exatamente o mesmo coração de manteiga, protegido por uma grossa e defensiva carapaça, que encontrei em Dercy Gonçalves, a quem conheci em 1993, num almoço em casa da Nilu e do Homero Kossak, de quem ela é amiga desde os anos 50. Sentei ao seu lado, começamos a conversar e então, subitamente, ela me diz: *“Você fala palavrão direitinho, você parece minha filha...”* Não que Decimar, sua filha de fato, fale palavrão, aliás jamais o faz. O que Dercy estava tentando me dizer é que eu podia ser sua filha, tal a naturalidade como que transitava pelo baixo calão. Ela me considerava uma intelectual, e de repente estava diante de, por assim dizer, uma quase igual. Foi essa identificação que a fez ligar para o Boni, no Rio de Janeiro, dizendo que finalmente tinha encontrado a pessoa para escrever sua biografia. Na época, o Boni era Vice-Presidente de Operações da Rede Globo e, amigo de Dercy, havia lhe prometido bancar a sua

biografia, desde que naturalmente ela encontrasse a pessoa certa.

Descobri que eu era essa pessoa quando o Boni me telefonou para acertar os ponteiros, e dizer que Dercy estava muito feliz com a sua escolha. Na época, fazia parte da equipe de *Sonho Meu*, novela de Marcílio Moraes para o horário das seis. Disse que só podia começar a trabalhar depois da novela terminar, e em junho fui para o Rio de Janeiro, munida de gravador e dezenas de fitas, e praticamente me instalei em casa de Dercy.

282

Logo no primeiro dia lhe disse que escreveria na primeira pessoa, como se fosse ela a narrar sua vida, e expliquei que dessa maneira podia até me dar ao luxo de errar alguma data. *“Bom mesmo, porque eu não sou boa de data”*, disse ela concordando imediatamente com a idéia. Devo ter ficado duas semanas gravando, cerca de oito horas por dia, às vezes mais, às vezes um pouco menos. Gravei inúmeras fitas, conversávamos horas, e, quando achei que tinha material suficiente para iniciar o livro, voltei para São Paulo.

A “santa” Carmem transcreveu as fitas, comecei a decupar e, enfim, escrevi de um fôlego as primeiras páginas que mandei para ela ler. Era importante saber se era assim que ela desejava que seu livro começasse. Quando ela disse: *Você pegou meu espírito direitinho*, eu relaxei e fui em frente. Mas acontecia uma coisa curiosa. Às vezes ela contava o mesmo caso com cinco versões diferentes. Eu telefonava e perguntava “*Dercy, qual é a versão certa?*” E era divertidíssimo, porque ela respondia: “*Você escolhe porra, não enche o saco*”, e eu escolhia a mais engraçada, a mais interessante, que pode muito bem ter sido também a mais imaginosa e não a real. Mas, em se tratando de Dercy Gonçalves, quem se importa com a versão real dos fatos?

283

Quando terminei o livro, o Boni sugeriu o título, *Dercy de Cabo a Rabo*. Parece que ele se inspirou numa revista do Walter Pinto, e o achei perfeito, pois traduzia perfeitamente o espírito leve e informal da biografia. Também foi o Boni que sugeriu que o livro fosse publicado pela Editora Globo, e todas as partes ficaram felizes,

principalmente a biografada. O melhor de tudo é que nos tornamos amigas, até hoje ela fala com muito carinho de mim nas entrevistas que concede à imprensa e à televisão.

284

Da minha parte, só tenho que agradecer o privilégio de ter escrito a vida dessa mulher, considerada por Sábato Magaldi como a mais legítima representante da *Commedia del'arte*. O fato é que ela fez e ainda faz o Brasil rir. Desde a minha adolescência Dercy me faz rir, não apenas pela sua irreverência, mas pela sua iconoclastia. O texto é mero pretexto, e não importa quem seja o autor. Ela não tem nenhuma reverência, a não ser por seu ofício. Em um dos seus últimos espetáculos que eu vi, ela contava a sua vida e levava o público do Teatro João Caetano ao delírio. Dercy é popular e seu domínio sobre a platéia é absoluto, prerrogativa dos grandes comediantes como ela, com um estilo tão pessoal quanto original. Foi um grande encontro.

## Capítulo XLVIII

### *Mademoiselle Chanel*

A peça *Mademoiselle Chanel* pertence à mesma categoria dos acontecimentos misteriosos ou excepcionais que marcaram minha vida. E como *Chiquinha Gonzaga* e *Tarsila*, tratou-se de uma encomenda.

No início de 1991, fui procurada pelo meu amigo Tércio de Freitas, que veio à minha casa acompanhado pelo diretor Ulysses Cruz, com o propósito de me convidar para escrever uma peça sobre Coco Chanel. O texto deveria ser um monólogo para ser interpretado especialmente por Cleyde Yaconis, na opinião de ambos, uma *Mademoiselle* mais que perfeita. A princípio recusei, porque o mundo da moda não fazia parte do meu universo de interesses. Mas espertamente, Tércio e Ulysses deixaram alguns livros sobre ela, entre os quais uma biografia de Luchino Visconti, que me intrigou. O que é que ele teria a ver com Chanel?

Foi a leitura das memórias de Visconti e um mergulho nas biografias sobre Chanel que me fizeram descobrir essa grande personagem e sim, claro, eu faria a peça. E em novembro daquele ano ela estava pronta. Tarefa cumprida, eu fui para Nova York, e quando voltei fui informada que Tércio tinha falecido. *E agora, o que fazemos com a peça?* pensei. A primeira providência foi ligar para o Ulysses, que enviou o texto para a Cleyde, mas ela não se identificou com a personagem. Desanimado, Ulysses me disse que o texto me pertencia, e que eu fizesse o que bem achasse melhor. Ele não tinha condições de produzir, e estava envolvido com outros projetos no Rio de Janeiro.

Em 1992, liguei para o Jorge Takla, que me pareceu o diretor certo para a peça. Ele se mostrou interessado e enviou o texto para Tônia Carrero, que absolutamente não se interessou. Da minha parte já estava trabalhando para a televisão, escrevendo o romance *Aos Meus Amigos*, portanto por demais ocupada para continuar procurando eventuais interessados.

E o tempo foi passando.

Porém a Irene Ravache conhecia a peça. Aliás, foi a primeira que leu o texto a meu pedido antes de entregá-lo ao Tércio. E no final, emocionada, ela tinha dito, *“tomara que ninguém faça essa peça para que daqui a quinze anos eu possa fazer”*. Em 1996, num jantar em casa de José Maurício Machline, onde Ocimar Versolato estava hospedado, ela mencionou o texto, todos ficaram curiosos, e na noite seguinte nos reunimos para fazer a leitura. No final, entusiasmado, Zé Maurício disse que iria produzir e enviar a peça para Fernanda Montenegro.

287

Mas a Fernanda estava muito ocupada fazendo cinema. Gostou da peça, mas o problema era encontrar uma data. Um mês depois, em Paris, fui à Igreja da Madeleine com minha amiga Paola Prestes, que é perto do *atelier* de Chanel na Rue Cambon, e mandei rezar uma missa para *Mademoiselle*. A partir daquele momento, estaria em suas mãos.

E o tempo continuou passando, sem que a montagem acontecesse. No final de 2002, quando José Maurício desistiu de produzir a peça, lembro de ter pensado: *o espetáculo vai acontecer quando ela quiser*; ela, claro era Chanel. E creio que assim foi. Na verdade, ela estava à espera de Marília Pêra que, por incrível que pareça, não conhecia o texto.

288

Mas quando em novembro de 2003 o Jorge Takla me disse que ela estava interessada, pois tinha recebido a peça das mãos de Marcos Montenegro, eu acreditei que seria mais uma tentativa baldada de montagem dessa peça, e não dei muita importância. E continuei trabalhando em *Um Só Coração*, totalmente alheia ao que estava acontecendo entre eles. Para minha surpresa, em março de 2003, o Jorginho me liga para perguntar se eu tinha o texto em francês. “*Por que?*”, perguntei. “*A Maison Chanel está pedindo, para aprovar a remessa dos figurinos*”. O projeto já estava avançado quando enviei não apenas a versão em francês, mas também a versão em inglês, feita pela Paola Prestes.

Logo em seguida a montagem recebia o aval da *Maison* e a autorização para usar o nome Chanel. Eles tinham adorado a peça. Os céus conspiravam a favor da peça.

Eu costumo dizer que esperei treze anos para ver Mademoiselle encenada, e Coco Chanel esperou por Marília Pêra, para abrir não só os caminhos, mas as históricas escadarias da *Maison*. Foi determinante a paixão instantânea de Marília Pêra pela personagem, e o desejo imperioso de montá-la imediatamente. Eu adoro a Fernanda, meu Deus, como eu sonho em escrever uma peça para ela! Adoro a Cleyde e a Tônia, mas, quando um texto não atende às expectativas de um intérprete, não deve ser feito. Nem que tenha sido encomendado com destino certo, como foi o caso de *Mademoiselle*. O mais impressionante é que, durante anos, a peça circulou por várias atrizes, inclusive Tereza Raquel, que ainda não tinha mencionado, todas de primeira grandeza, e não havia chegado às mãos da Marília Pêra. Por que, não sei. Nem é o caso de saber.

As coisas são como têm que ser, e foi muito bom que tivesse sido dessa maneira.



Outro dia, na ponte aérea, encontrei o Odilon Batista, que nos ajudou enormemente nessa

questão dos figurinos com a *Maison Chanel*, e ele me disse: “*Você tem que mandar rezar outra missa na Madeleine, porque Mademoiselle deve estar muito contente lá no céu, ou onde estiver*”. Contente? Ela deve estar felicíssima, porque a Marília incorpora Coco Chanel. É ver para crer. Além disso, a direção do Jorge Takla traduz com delicadeza, sutileza, elegância, refinamento e sensibilidade todas as matizes de uma personalidade forte, controversa, milimétrica. O casamento de todos nós nessa peça não poderia ser mais fértil. Praticamente durante todo o ano de 2004 a história da órfã pobre, independente, voluntariosa, que criou um estilo eterno, se concretizou no palco e por quase um ano lotou o Teatro FAAP com uma espera de algumas semanas para se conseguir um ingresso.

291

E quando me perguntam o que mais me fascinou em Chanel, eu respondo que tenho muito em comum com ela. Como tenho também com a Dercy e com a dona Emília, que trabalhou dezoito anos na minha casa. Pertencemos à mesma linhagem de mulheres lutadoras, castigadas

pela vida na infância e na adolescência. Todas nós somos muito diferentes, porém muito semelhantes, duras às vezes, conscientes do que construímos, gratas a quem nos ajudou, ciosas do nosso trabalho, e com a altivez de quem caiu e se levantou muitas vezes, mas continuou e continuará seu caminho até o fim.

292

Além da inevitável identificação com Chanel, havia evidentemente minha admiração pela revolução na indumentária que ela efetuou, e sobre a qual eu não tinha a menor idéia antes de ler o que havia sido escrito a seu respeito. Ela foi alguém que enxergou no uniforme das órfãs não um estigma, mas o despojamento e a praticidade que poderiam facilitar a vida da mulher. E acabou sendo a primeira a criar uma roupa que era possível vestir sozinha, sem a ajuda de um bom número de criadas. Como se não bastasse, patrocinou os balés russos de Diaghilev, no qual brilhavam estrelas como Nijinsky, ajudou Stravinsky, e transitava com desenvoltura pelos diversos segmentos da cultura. Como Dercy, ela contava o mesmo fato de várias maneiras, ou simplesmente

te inventava ou fantasiava. Muito se disse e escreveu sobre Chanel, bem e mal, mas todos concordam que ela foi uma estilista genial. Ela não criou apenas moda, mas um estilo, porque, como ela mesma afirmou, a moda passa, o estilo permanece como uma árvore. As folhas caem, mas ela volta a florescer na primavera seguinte. O estilo Chanel sobreviveu à sua morte e continua reconhecível e perene.



## Capítulo XLIX

### Chão de Estrelas

Uma das maiores alegrias da minha vida foi o prêmio Jabuti pelo meu primeiro romance, *Luísa, Quase uma História de Amor*. Foi o reconhecimento de que eu também podia escrever literatura, que sempre foi, ao mesmo tempo, como você já deve ter concluído, um refúgio e uma paixão. Porém, por razões de tempo e de sobrevivência, ela acabou se tornando uma atividade bissexta. Escrevo quando é possível, no intervalo entre um trabalho e outro na televisão. Mas esses intervalos estão cada vez mais curtos e raramente tenho o tempo para escrever ficção. Entretanto, a pedido de Edla Van Steen acabei escrevendo para uma coleção juvenil da Editora Global, *Coração Solitário*, um pequeno livro, no qual falo das agruras e das atrapalhadas da minha adolescência. E, a pedido de Luís Antônio Aguiar, escrevi *Estrela Nua*, uma novela para a Coleção Amores Extremos, publicada pela Record. Que será provavelmente o meu próxi-

mo projeto de teatro, em parceria com Marcio Aurelio, um dos meus diretores preferidos, mas com quem nunca trabalhei.

*Estrela Nua* foi, originalmente, uma tentativa de romance, depois se tornou uma tentativa de peça, e acabou dormindo inacabada junto com outros textos igualmente interrompidos pelas mais diferentes razões. Eu já tinha me esquecido totalmente desse texto quando o Luís Antônio me fez o convite e, procurando entre meus guardados, descobri que ele seria um excelente ponto de partida, pois se prestava como uma luva ao espírito da coleção. Um pianista jovem descobrindo novas possibilidades musicais, sexuais e existenciais, durante o curso de sua convivência com uma velha cantora.

296

Isso do romance gerar uma peça que gera um romance e suas variações só acontece porque sou basicamente uma autora de teatro, que de vez em quando excursiona pela literatura. E, segundo críticos e amigos, o melhor da minha ficção transparece nos meus diálogos, ou seja, a maté-

ria-prima de qualquer obra dramaturgica. Mas o fato é que as minhas peças também se enriquecem da literatura e, aliás, algumas delas estão cheias de citações. E quando algum jovem me pergunta o que fazer para se tornar um autor eu respondo: *Leia muito*, e faço uma lista dos escritores que foram fundamentais para a minha formação, na esperança que também seja para a dele. Dostoievski, Machado de Assis, Thomas Mann, Tolstoi, James Joyce, Joseph Conrad, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Virginia Woolf, Stendhal, Gustave Flaubert, Marcel Proust, Lawrence Durrell são alguns dos nomes que sugiro.

297

Uma das coisas mais prazerosas da minha vida era escolher um tema, época ou autor e mergulhar fundo. E algumas vezes dividir com um amigo, ou vários, a mesma e simultânea paixão por um escritor.

Nos anos 70, li quase todos os autores da geração perdida, a famosa *lost generation*, Ernest Hemingway, F. Scott Fitzgerald, John dos Passos, Sherwood Anderson. Com o Pascoal Forte, li

Katherine Mansfield, com a Bel Raposo descobri Vita Sackville-West, com o Caio F., nos anos 80, li os diários de Virginia Woolf e com Fernando Carneiro da Silva, as memórias de Leonard Woolf e passei por alguns autores do grupo de Bloomsbury. Foi aí que me apaixonei pelo Lytton Strachey e toda aquela turma, a Ottoline, a Dora Carrington, a Rebecca West. Há inclusive um filme muito sensível, *Carrington* (95), do Christopher Hampton, com Emma Thompson e Jonathan Pryce, que retrata bem esses personagens.

298

Meu interesse por John dos Passos e pelos escritores americanos, em geral, se deu através de Sartre e das memórias de Simone de Beauvoir, e também de um livro que todos nós da Abril Cultural lemos nos anos 70, *Viver Bem É a Melhor Vingança*, sobre Sarah e Gerald Murphy. Este casal me levou a Gertrude Stein, e esta a Sylvia Beach, fechando um ciclo, e uma época quando Paris era realmente uma festa. Muitos anos depois, eu reencontrei grande parte dessa fauna nas biografias de Chanel. Afinal todos eram amigos, todos se freqüentavam, Picasso, Man

Ray, Jean Cocteau, Hemingway, Fitzgerald, estavam todos lá, conhecidos, familiares, em suas rivalidades, em sua loucura e sua genialidade.

Nos anos 80, mergulhei em Henry Miller, que na verdade pertencia à geração seguinte. Para mim, é um dos melhores autores do Século XX.



## Capítulo L

### Minhas Universidades

As obras desses escritores, e as peças que li ou assisti no teatro e na televisão, foram responsáveis pela minha formação e pelas minhas criações. E quando menciono televisão, me refiro aos teleteatros dos anos cinqüenta. O *TV de Vanguarda* e o *TV de Comédia* aos domingos à noite na TV Tupi, Canal 3, em geral obras adaptadas por Cassiano Gabus Mendes, ou por Walter George Durst, com o elenco da casa. O *Teatro das Segundas-Feiras*, que levava ao ar textos clássicos com atores que estivessem se apresentando na cidade. Jamais esquecerei de Laura Cardoso no seu primeiro papel dramático em *O Castelo do Homem sem Alma*, de Berta Zemel, e Sérgio Brito em *Noites Brancas*, e de Cassiano Gabus Mendes numa adaptação de *Crime e Castigo*. Maria Fernanda como Blanche em *Um Bonde Chamado Desejo*, e como Scarlett em uma adaptação de *E o Vento Levou*, com Lima Duarte como Rhett Butler.

A montagem de *A Morte do Caixeiro-Viajante*, de Arthur Miller, com Jayme Costa, me arrebatou. Márcia Real fumando um cigarro atrás do outro em *A Estranha Passageira* me levou às lágrimas.

No *Teledrama* da TV Paulista, Canal 5, que ia ao ar aos sábados à noite, o forte eram as adaptações de romances brasileiros, com ênfase nos temas rurais e nordestinos. E a gente se deliciava com a interpretação de Cacilda Lanuza.

302

Eu assisti à maior parte dessas coisas deitada na minha poltrona-cama, que era aberta depois que a família se retirava da sala para dormir. E agradecia o fato de estar vendo na televisão aquilo que queria.

Na TV Record, às segundas-feiras, por volta das 20 horas, em geral nós assistíamos a peças ligeiras apresentadas pela Companhia Cacilda Becker, que além dela reunia Walmor Chagas, Fredi Kleeman e Kleber Afonso. Imagine o que foi para mim contracenar com eles em *Tovarich* num teleteatro da TV Cultura anos depois.

Mas eu não era nenhum excepcional talento como a Edy Cerri, que era uma das estrelinhas de Júlio Gouveia, e foi convidada por Antunes Filho para ser a Anne Frank que vi no Teatro Cultura Artística em estado de graça.

Quando teatro é bom, não tem nada melhor. E eu vi muita coisa boa, de *Arena Conta Zumbi*, *Castro Alves*, *Tiradentes*, *a Morte e Vida Severina* no teatro da PUC, passando por Maria Della Costa fazendo *Mirandolina*, *Gimba* ou *Depois da Queda*, Cacilda Becker e Walmor em *Longa Jornada Noite Adentro*, *Em Moeda Corrente no País*, *Quem Tem Medo de Virginia Woolf*. A emoção diante de Albee, que já me tinha dado um soco no estômago em *Zoo Story*. Em *Quem Tem Medo de Virginia Woolf* aconteceu aquela rara conspiração dos deuses do teatro. Era o texto, era a direção de Maurice Vaneau, era Cacilda e Walmor, mais arrebatadores do que Elizabeth Taylor e Richard Burton nos mesmos papéis no cinema. O vigor de Fulvio Stefanini e a explosão do talento de Lilian Lemmertz, recém-chegada de Porto Alegre, linda, linda.

Na mesma época, a inesquecível montagem de *Pequenos Burgueses*, de Máximo Gorki, com direção do José Celso Martinez Correa no Teatro Oficina. Foi das melhores coisas que já vi em toda a minha vida. Tudo que o Zé Celso encenava era brilhante, de Brecht a Clifford Odets.

Outra descoberta importante foi Harold Pinter, de quem vi *Volta ao Lar* em 1968, com Fernanda Montenegro e Ziembinski, numa montagem extraordinária que veio do Rio de Janeiro para o Teatro Maria Della Costa, quando eu estava grávida do Rodrigo.

304

Também a dramaturgia brasileira me marcou, Jorge de Andrade, Abílio Pereira de Almeida, Vianinha, Gianfrancesco Guarnieri, Plínio Marcos, depois José Vicente e a geração de Antônio Bivar, Consuelo de Castro e Leilah Assumpção.

Nós somos feitos do que vivemos e das nossas referências literárias, estéticas, sensitivas. O que eu fiz, o que eu li, o que eu vi, o que eu busco, tudo isso é um modo de viver que se reflete num

modo de escrever, de me expressar. Existem fatos que me impulsionam a escrever sobre determinados temas, e há os que rejeito sumariamente. São aqueles que não fazem parte do meu repertório, como o mundo das drogas, ou da violência, por exemplo. A minha paisagem favorita continua sendo o ser humano, a sua relação com os outros, e os sentimentos que os movem. Gosto de escrever sobre amor, sobre a minha geração e suas angústias. Gosto, sobretudo, que leitores e público se identifiquem com as minhas criaturas e que, de algum modo, se beneficiem dessa identificação.

305

De modo geral, não sou muito original. Escrevo sobre aquilo que vi e vivi, e sobre alguns temas, como os de reencontro, que retomo frequentemente. Mas a minha experiência, vivida ou observada, é apenas o ponto de partida. A partir daí, é alquimia, recriação, transfiguração. É dessa forma que o pessoal se torna universal. Desde a minha primeira peça, descobri que era possível transformar a minha miséria, transmutando-a num objeto capaz de tocar a emoção

das pessoas, capaz de levá-las a transfigurar a sua própria miséria, operar essa coisa antiqüíssima que os gregos chamam de catarse. Mágoas, ressentimentos, feridas não cicatrizadas, raivas sufocadas, ódio, culpas, esse chumbo que o autor carrega é a pedra de toque do seu trabalho, e é por meio do seu trabalho que ele se transforma em ouro. É um privilégio poder realizar essa alquimia, e um prazer enorme oferecê-la ao público. Numa edição da *Vejinha* de maio de 1997, na qual fui matéria de capa, a chamada é *A Pena que Retrata as Grandes Emoções*. Afinal foi isso que me tornei, alguém que fixa as grandes emoções, e também as pequenas, porque elas fazem parte da nossa humana condição.

## Capítulo LI

### Um Rosto Na Multidão

Já falei do meu prazer em passear em cemitérios, mas ainda não do meu gosto em andar de metrô, de ônibus, ouvir histórias, ser espectadora dos atos e das palavras das pessoas cujo nome desconheço. Sou fascinada por engraxates, por entregadores de panfletos, feirantes, putas, camelôs, homens-sanduíche, malabaristas de rua, vendedores, barbeiros, manicuras e ambulantes de modo geral. Poderia escrever alguns *sketches* partindo daquilo que observo, na rua, no transporte público, nas lojas, nas feiras, nas praças, e assim por diante.

307

Eu caminho quase todos os dias, faço longos e variados trajetos da minha casa ao Centro da Cidade, à Luz onde visito a Pinacoteca, a Pinheiros, à região da Paulista, e quase sempre volto enriquecida de alguma palavra, frase ou cena que observei. “*Mulhé, isso é um destranstorno!*”, ouvi uma vez na feira de Caruaru. Existe trans-

torno pior que “*destranstorno*”? Não. E a puta, para um provável cliente no Jardim da Luz: “*Como o negócio anda meio ruim, eu estou fazendo promoção...*” E no metrô uma senhora exaltando as qualidades de um santo milagroso: “*Pode rezar para ele que o papa já canalizou...*”

308

Durante anos eu freqüentei uma galeria no centro da cidade, a dos *funks* na Rua 24 de Maio, onde funcionam alguns serviços, entre eles meu alfaiate e as *Irmãs Coragem*, como chamo um bando de irmãs pernambucanas, especialistas em roupas de couro. Durante anos elas não faziam a menor idéia de quem eu era, e eu ficava horas conversando com elas, ouvindo sua vida, maravilhada com seu bom-humor, sentindo que aquilo era o mundo real. Não que o mundo onde vivo não o seja, é o meu mundo real, mas, se vou escrever sobre as pessoas do povo e seu cotidiano, tenho de saber como pensam, o que as alegra ou as aflige. Tenho que ter, em resumo, essa proximidade e essa familiaridade e, nesse sentido, ajuda muito o fato de eu ter trabalhado numa fábrica de camisas, ter sido

vendedora, escriturária, bancária, ter almoçado sanduíche grego, e tomado Cerejinha, ter andado pela Rua São Bento ao som de Roberto Yanes cantando *La Puerta*, ter freqüentado a baixa noite paulista e escutado Roberto Luna cantando *Molambo*, visto Libertad Lamarque em *A Infame*, e amado Isaurinha Garcia, Pagano Sobrinho e Adoniran Barbosa. Eles também foram minhas universidades, junto com o Parque Xangai, as privações e as provações, e os ônibus que tomei, lotados ou vazios, quando retornava do Colégio Estadual de São Paulo às onze e meia da noite.

309

Talvez não gostasse outra vez, como não gostava, de ser obrigada a usar transporte público na hora do rush, mas da maneira que faço não é só um prazer, é uma fonte de inspiração. E as caminhadas também têm a vantagem de serem saudáveis, pois necessito fazer exercício, mas não suporto fazer ginástica. Em geral, faço minhas caminhadas de manhã, pois costumo me sentar às onze horas para escrever, e só saio do escritório entre sete e oito horas da noite.

Depois disso é a hora de encontrar os amigos de quem necessito tanto, muitos dos quais fiz depois dos quarenta. Como a minha querida Lídia Aratangy, com quem saio todas as semanas para jantar e me confessar, ou Ariclê, Paola, a Milú, Tuca Magalhães, Giannotti, Aimar, Maria Bonomi e Pilar, Maria do Carmo, Ana Verônica, Fulvia Leirner, Marco Antônio e Romeu, Vicente Adorno, Vladimir Sachetta e Márcia, Tide, Santana, Della Luz, Bel, Inês, Ebrahim, e quem mais vier. E eles vêm de todos os tempos e de todos os lugares, aplacando a saudade que tenho de algumas épocas, sobretudo aquela em que trabalhávamos na Abril e éramos uma grande família. Ainda somos, de certa maneira.

A cada Natal alguns de nós se juntam para a ceia, com os filhos que se tornaram adultos, e os netos que já começam a chegar.

## Capítulo LII

### E Assim Acabou a História

Eu reparei que, nas minhas entrevistas, eu sempre conto a mesma história, a mesma versão para os fatos. Ao contrário de Dercy e de Chanel, eu não fantasio, mas isso não é virtude, para falar verdade acho que isso deve ser meio chato.

No momento, para não perder o hábito, eu estou mergulhada em livros, jornais, documentos, fotos, discos sobre a trajetória do Presidente Juscelino Kubitschek, para a próxima minissérie da Rede Globo, que irá ao ar em janeiro de 2006. Meu irmão Artur descobriu, num sebo, um disco no qual Juscelino aparece cantando serenata com um grupo de Diamantina. O Elio Gaspari me emprestou o diário manuscrito de JK. O Sábato Magaldi me emprestou o tocante livro de Josué Montello, amigo leal de Juscelino. O Ronaldo Costa Couto me mandou seu excelente *Brasília Kubitschek de Oliveira*. Carlos Murillo e Déa me deram um LP com a Sinfonia de Brasília

de Tom Jobim, que devo providenciar uma cópia em DVD para Oscar Niemeyer, que me deu também no Rio seu precioso livro de memórias. São os novos amigos que chegam com esse novo projeto, Maria Stela, Anna Christina, Ana Bentes, Léa Sayão, Laís Gouthier, Affonso Heliodoro, Vera Brant. Uns levando a outros, e a pilha de livros aumentando, os e-mails chegando com novas contribuições de Minas, de Brasília, do Rio de Janeiro. E a pergunta inevitável: *Será que vou dar conta?*

312

A cada minissérie imagino que a próxima será mais fácil, mas isso nunca acontece. Desde maio de 2004, quando o projeto foi aprovado, estou de tal maneira envolvida com esse trabalho que dei pra sonhar com o Juscelino. No primeiro sonho, ele não apenas estava vivo, como ia disputar as próximas eleições. E eu lhe disse: *“Não faça isso, porque o senhor pode morrer outra vez”*.

Já estou possuída, dia e noite pensando em JK, e minhas leituras ficaram restritas àquelas que lhe dizem respeito, ou às pessoas que o cerca-

vam. Estou, como se pode ver, apaixonada, mas é a paixão que move o meu trabalho, seja no teatro ou na televisão. Porque não conheço outra forma para atingir o coração das pessoas.



*Com os filhos Rodrigo e Guilherme (acima) e sua netinha Ana Luíza (na foto abaixo)*





*Com os amigos Fernanda Montenegro e Eva Wilma (acima)  
e Zaragoza (abaixo)*





*No lançamento de Os Maias, com Ariclê Perez, Marília Pêra, Christiane Torloni, Eva Wilma e Felipe Martins (acima) e nas gravações de Um Só Coração com Erik Marmo e Carlos Manga (abaixo)*





*No aniversário de Marcos Caruso com Elizabeth Hartman, Nicette Bruno, Nair Belo, Dercy Gonçalves, Jandira Martini, Mirian Mehler, Regina Duarte, Sonia Guedes, Eva Wilma, Irene Ravache e Gabriela Duarte (acima) e com Mário Soares, Cláudio Mamberti e José Serra*





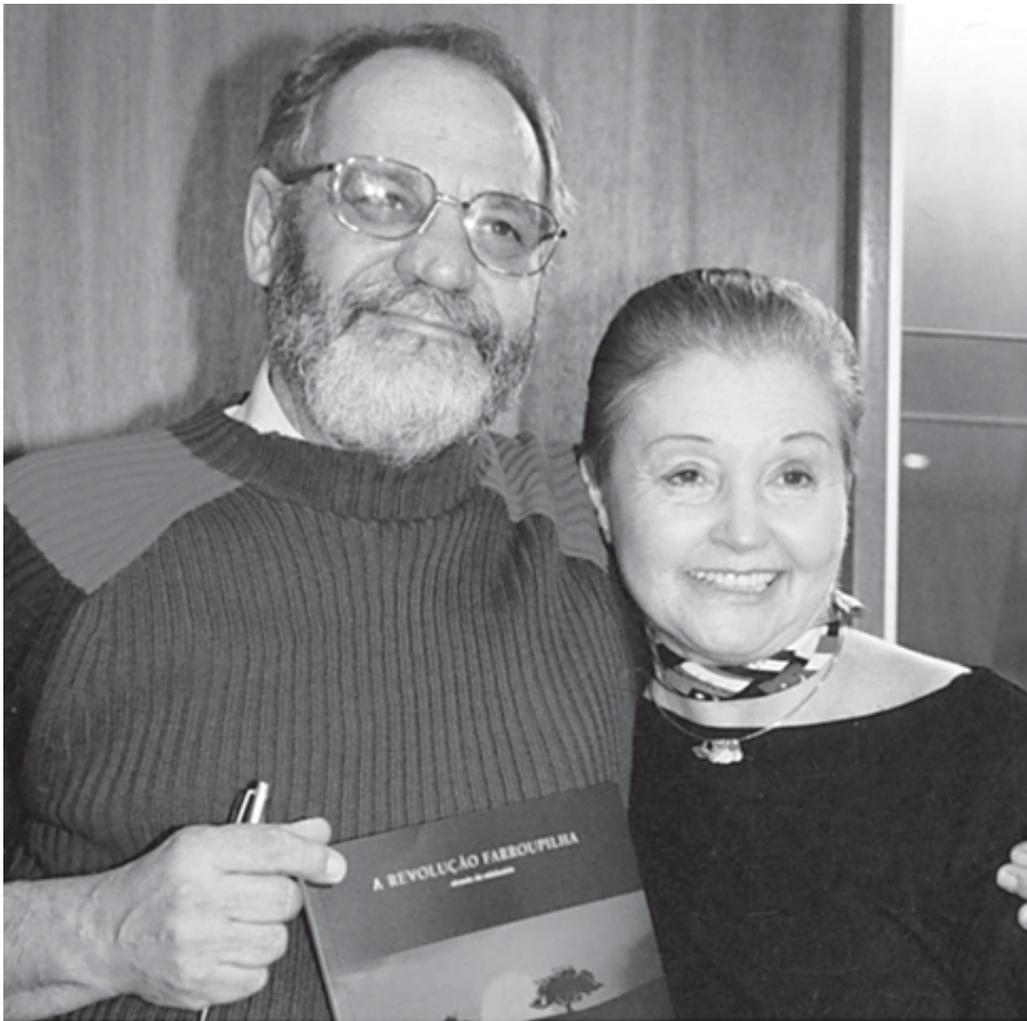
*Com Bill Clinton (acima) e Milu Villela (abaixo)*





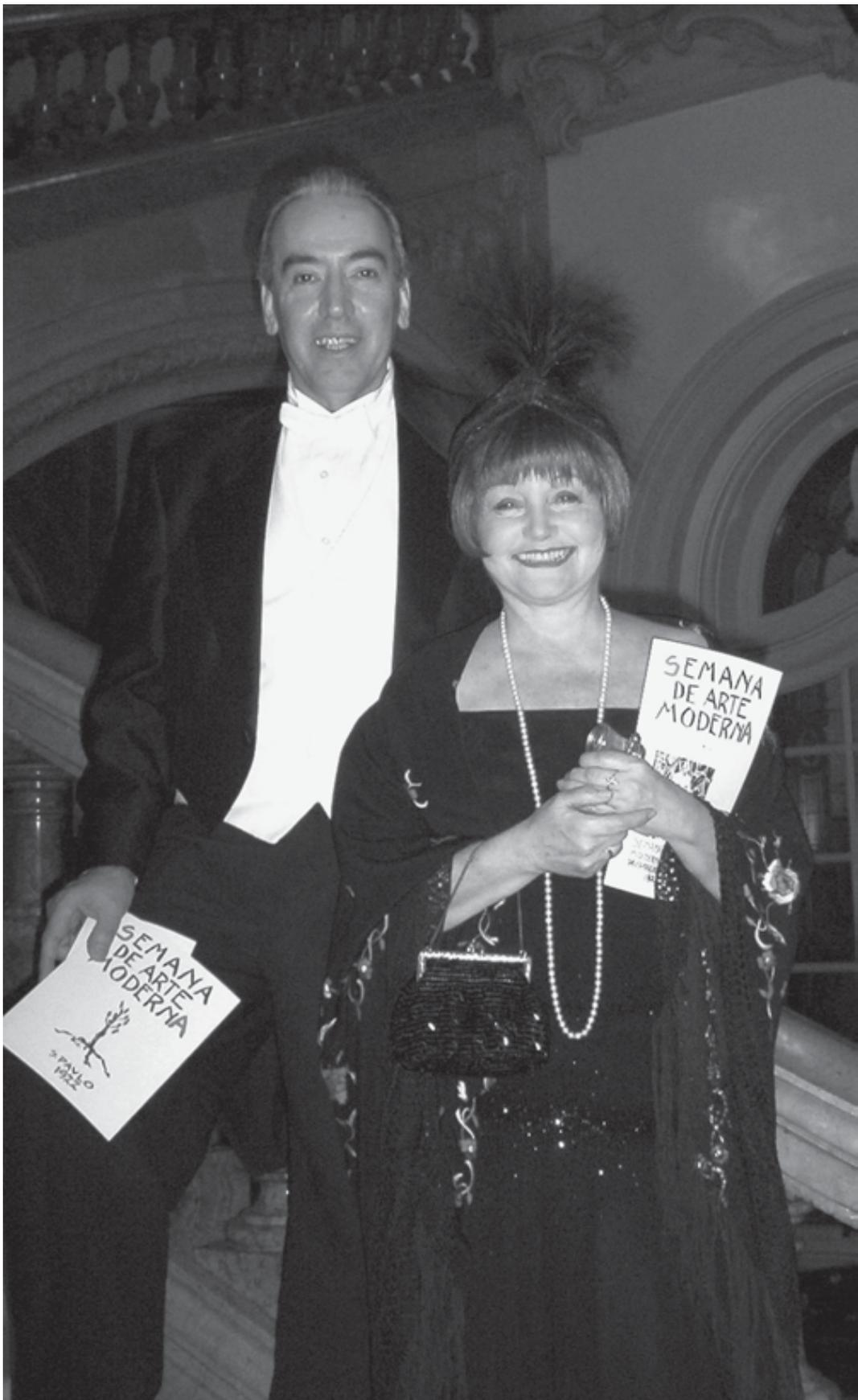
*Com Eliane Giardini e Mika Lins (acima), e Vânia Toledo, Jorge Takla e Tuna Dwek (abaixo)*





*Com Walter Negrão (acima) e Sérgio Viotti (abaixo)*





*Nas gravações de Um Só Coração, com Alcides Nogueira*



## Cronologia

### TV

#### Novelas

1990

- *Meu Bem, Meu Mal*, novela de Cassiano Gabus Mendes, co-autoria de Maria Adelaide Amaral, Dejair Cardoso e Luís Carlos Fusco (Rede Globo)  
Direção de Paulo Ubiratan, Reynaldo Boury e Ricardo Waddington

323

Elenco: Armando Bógus, Lima Duarte, Adriana Esteves, Yoná Magalhães, Sérgio Viotti, Herson Capri, Ariclê Perez, Vera Zimmermann, Fábio Assunção, Guilherme Karam, Cassio Gabus Mendes, Lidia Brondi, Mila Moreira.

1992

- *Deus Nos Acuda*, novela de Sílvio de Abreu, co-autoria de Alcides Nogueira e Maria Adelaide Amaral (Rede Globo)  
Direção de Jorge Fernando

Elenco: Dercy Gonçalves, Glória Menezes, Marieta Severo, Jorge Dória, Edson Celulari, Cláudia Raia, Aracy Balabanian, Cláudio Correa e Castro, Francisco Cuoco.

1993

- *O Mapa da Mina*, novela de Cassiano Gabus Mendes, co-autoria de Maria Adelaide Amaral, Dejair Cardoso, Walkiria Portero, Gugu Keller (Rede Globo)

Direção de Flavio Colatrello, Gonzaga Blota, Roberto Naar, Denise Sarraceni

324

Elenco: Antônio Abujamra, Beth Goulart, Eva Wilma, Malu Mader, Dennis Carvalho, Maria Padilha, Mauro Mendonça, Nair Bello, Tato Gabus, Cassio Gabus Mendes, Pedro Paulo Rangel, Suzana Faini, Cláudio Curi, Fernanda Montenegro, Gianfrancesco Guarnieri, John Herbert, Mara Carvalho.

1994

- *Sonho Meu*, novela de Marcílio Moraes, co-autoria de Maria Adelaide Amaral, colaboração de Margareth Boury, supervisão de Lauro César Muniz (Rede Globo)

Direção de Marcelo Travesso

Elenco: Myriam Pires, Beatriz Segall, Fabio Assunção, Débora Duarte, Cláudia Magno, Elias Gleiser, Jayme Periard, José de Abreu, Mauro Gorini, Mauro Mendonça, Nívea Maria, Walmor Chagas, Yoná Magalhães, Carlos Alberto, Leonardo Vieira, Ângelo Paes Leme

1995

- *A Próxima Vítima*, novela de Sílvio de Abreu, co-autoria de Alcides Nogueira e Maria Adelaide Amaral (Rede Globo)

325

Direção de Jorge Fernando

Elenco: Tony Ramos, Gianfrancesco Guarnieri, Aracy Balabanian, Tereza Rachel, Cecil Thiré, Yoná Magalhães, Natália do Vale, Marcos Frotta, Cláudia Ohana

1997

- *Anjo Mau*, autora, baseada no original de Cassiano Gabus Mendes (Rede Globo) Co-Autoria: Bosco Brasil e Vincent Villari. Colaboração: Dejour Cardoso, Supervisão de Sílvio de Abreu

Direção de Carlos Araújo, Emílio Di Biasi, José Luiz Villamarim , Denise Sarraceni

Elenco: Gloria Pires, José Lewgoy, Alessandra Negrini, Kadu Moliterno, Sergio Viotti, Ariclê Perez, Gabriel Braga Nunes, Bel Kutner, Beatriz Segall, Emilio Orciollo Neto, Lília Cabral, Lea Garcia, Mauro Mendonça e participação especial de Susana Vieira

## **Seriado**

326

- *Mulher* (seis episódios do seriado) - Rede Globo de Televisão - com Patrícia Pillar e Eva Wilma

## **Minisséries**

2000

- *A Muralha*, baseada na obra de Dinah Silveira de Queiroz

Colaboradores: João Emanuel Carneiro e Vincent Villari - Direção de Denise Sarraceni

Elenco: Tarcísio Meira, Mauro Mendonça, Paulo José, Leandra Leal, Alessandra Negrini, Vera Holtz, José Wilker, Leonardo Brício, Débora

Evelyn, Stênio Garcia, Sérgio Mamberti, Cecil Thiré, Letícia Sabatella, Cláudia Ohana, Matheus Nachtergaele, André Gonçalves, Pedro Paulo Rangel, Alexandre Borges, Maria Luisa Mendonça, Caco Ciocler, Luís Melo, Regiane Alves, Leonardo Medeiros, Enrique Diaz, Alexandre Borges, Emiliano Queiroz, Edwin Luisi, Carlos Eduardo Dolabella, Celso Frateschi, Cacá Carvalho

2001

• *Os Maias*, baseada na obra de Eça de Queiroz  
Colaboradores: João Emanuel Carneiro e Vincent Villari - Direção de Luiz Fernando Carvalho

327

Elenco: Ana Paula Arósio, Fábio Assunção, Walmor Chagas, Selton Mello, Marília Pêra, Leonardo Vieira, Paulo Betti, Stênio Garcia, Osmar Prado, Eliane Gardini, Otávio Augusto, Cecil Thire, Antônio Müller, Ewerton de Castro, Simone Spoladore, Sérgio Viotti, Eva Wilma, José Lewgoy, Maria Luísa Mendonça, Jussara Freire

2002

• *A Casa das Sete Mulheres* (em parceria com Walter Negrão) baseada na obra de Letícia

Wierzchowski. Colaboradores: Vincent Villari e Lúcio Manfredi - Direção de Jayme Monjardim e Marcos Shechtman

Elenco: Eliane Giardini, Bete Mendes, Camila Morgado, Nívea Maria, Samara Felippo, Daniela Escobar, Mariana Ximenes, Giovanna Antonelli, Jandira Martini, Tarcísio Meira, Ney Latorraca, Tarcísio Filho, Dalton Vigh, Othon Bastos, Werner Schünemann, Luís Melo, Thiago Lacerda, José de Abreu, Theo Cochrane, Amanda Lee, Thiago Fragoso

328

2004

• *Um Só Coração* (em parceria com Alcides Nogueira)

Direção de Carlos Manga, Carlos Araújo, Marcelo Travesso, Ulysses Cruz - Colaboradores: Lúcio Manfredi e Rodrigo Amaral

Elenco: Ana Paula Arósio, Eliane Giardini, Cássia Kiss, Selma Egrei, Edson Celulari, Erik Marmo, Antônio Calloni, Maria Fernanda Cândido, Tato Gabus, Cassio Gabus Mendes, Tuna Dwek, José Rubens Chachá, Pascoal da Conceição, Marcello Antony, Leandra Leal, Betty Goffman, Carlos

Vereza, Tarcísio Meira, Gloria Menezes, Paulo Goulart, Débora Falabella, Daniel de Oliveira, Sérgio Viotti, Ety Fraser, Ana Lúcia Torre, Lu Grimaldi, Celso Frateschi, Ariclê Perez, Mika Lins, Letícia Sabatella, Leopoldo Pacheco, Juliano Righetto, Theodoro Cochrane, Angelo Antônio e outros. Participações especiais de Paulo Autran, Nydia Licia, Tônia Carrero, Fernanda Montenegro, Cleyde Yaconis, Paulo José.

## Teatro

1975

- *A Resistência* - estréia em 1979, no Rio de Janeiro  
Direção de Cecil Thiré - Elenco: Edwin Luisi, Osmar Prado, Regina Viana, Priscila Camargo, Stela Freitas, Ginaldo de Sousa, Cecil Thiré

1976

- *Bodas de Papel* - estréia em 1978, em São Paulo  
Direção de Cecil Thiré - Elenco: Cláudio Cavalcanti, Jonas Mello, Christiane Torloni, Adriano Reys, Suzana Faini, Thelma Reston, Roberto Frota

1980

- *Ossos d'Ofício* - estréia em 1981, no Teatro Municipal de Santo André, em São Paulo  
Direção de Silnei Siqueira - Elenco: Antônio Petrin, João José Pompeo, Luiz Serra, J. França e Sônia Guedes

1982

- *Chiquinha Gonzaga, ó Abre Alas* - argumento e pesquisa de Edinha Diniz, estréia em 1983, no Teatro Popular do SESI, em São Paulo

Direção de Osmar Rodrigues Cruz - Elenco: Regina Braga, Alberico Souza, Antônio de Andrade, Ari Guimarães, Cláudia Rezende, Cleide Queiroz, Diná de Lara, Eduardo Sena, Elias Gleiser, Haroldo Acedo, Jairo Arco e Flexa, Lizete Negreiros, Lúcio de Freitas, Luiz Carlos de Moraes, Luiz Carlos Ribeiro, Luiz Parreiras, Maria Eugênia Rodrigues Cruz, Marilena Ribeiro, Miro Martinez, Nelson Luiz, Nivaldo Santana, Nize Silva, Paulo Prado, Reinaldo Rezende, Ricardo Dias, Romeu de Freitas, Rosamaria Pestana, Sérgio Rossetti, Tadeu Tosta, Walter Cruz e Wilson Alves  
Direção musical de Oswaldo Sperandio

331

1984

• *De Braços Abertos* - estréia em 1984, no Teatro FAAP, em São Paulo

Direção de José Possi Neto - Elenco: Irene Ravache e Juca de Oliveira

1987

• *Seja o Que Deus Quiser* - estréia em 1987, no Rio de Janeiro

Direção de Cecil Thiré - Elenco: Rubem de Falco, Marcos Wainberg, Cláudio Mamberti, Marilú

Bueno, Tânia Scher, Luís Carlos Tourinho e Cláudio Ferrário

1993

- *Para Tão Longo Amor* - estréia em 1993, em Porto, Portugal, durante o XVIII Festival Internacional de Teatro - Estréia nacional em 1994, em São Paulo - Direção de Roberto Lage

Elenco: Antônio Petrin e Viviane Pasmarter

- *Viúva*, episódio do espetáculo *Solteira, Casada, Viúva, Desquitada* - estréia em 1993, no Rio de Janeiro

332 Direção de Marcelo Saback - Elenco: Lília Cabral

1994

- *Querida Mamãe* - estréia em 1994, na Casa da Gávea, no Rio de Janeiro

Direção de José Wilker - Elenco: Eva Wilma e Eliane Giardini

1995

- *Intensa Magia* - estréia em 1995, no Teatro Amazonas, em Manaus

Direção de Paulo César Sarraceni - Elenco: Mauro Mendonça, Rosamaria Murtinho, Ana Maria

Nascimento Silva, Priscila Camargo, Cyrano Rosalen, Rodrigo Mendonça

1997

- *Para Sempre* - estréia em 1997 no Festival de Teatro de Curitiba e em seguida em São Paulo  
Direção de Vivien Buckup - Elenco: Paulo Autran, Celso Frateschi e Karin Rodrigues
- *Inseparáveis* - estréia em 1997, em São Paulo  
Direção de José Possi Neto - Elenco: Irene Ravache, Jussara Freire e Eduardo Conde

2003

333

- *Tarsila* - estréia em 2003, no Teatro SESC Anchieta, em São Paulo  
Direção de Sérgio Ferrara - Elenco: Esther Góes, Agnes Zuliani, Luciano Chirolli, José Rubens Chachá - Reestréia em 2004 com Eliane Gardini no papel de Tarsila do Amaral

2004

- *Mademoiselle Chanel* - estréia em 2004, no Teatro FAAP, em São Paulo  
Direção de Jorge Takla - Elenco: Marília Pêra, Laura Wie e Elen Londero

## Adaptações

1987

- *Electra*, da peça de Sófocles - estréia em 1987, em São Paulo

Direção de Jorge Takla - Elenco: Denise Del Vecchio, Françoise Fourton, Cacá Amaral, Pedro Pianzo, Zé Carlos Machado, Antonia Chagas, Luciana Pereira e participação especial de Walderez de Barros

1989

334

- *Uma Relação Tão Delicada*, da peça de Lolleh Bellon - estréia em 1989, na Sala São Luiz, em São Paulo

Direção de William Pereira - Elenco: Irene Ravache e Regina Braga, com participação especial de Roberto Arduin

2001

- *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, do romance de José Saramago - estréia em 2001, no Teatro SESC – Vila Mariana, em São Paulo

Direção de José Possi Neto - Elenco: Paulo Goulart, Walderez de Barros, Celso Frateschi, Maria

Fernanda Cândido, Eriberto Leão, Edson Montenegro, Lavínia Lorenzon, Igor Pontes, Fernanda Haucke, Erondine Magalhães, Luiz Araújo, Eugênio La Salvia e Alfredo Penteado

## Traduções

- *Seis Graus de Separação*, de John Guare  
Direção de Jorge Takla - Teatro Ruth Escobar  
Elenco: Ileana Kwasinsky, Luiz Carlos de Moraes, Luiz Baccelli, Tuna Dwek, Luciano Quirino, Benjamin Cattan, Ariel Moshe, Marcelo Médici, Case Campos, Rodrigo Lopez, Lara Córdula, Amilton Monteiro, César Ribeiro, Dinho Aguiar, Elaine Carvalho
- *A Última Gravação de Krapp*, de Samuel Beckett - Direção de Francisco Medeiros - Elenco: Antônio Petrin
- *Kean*, de Jean-Paul Sartre  
Direção de Aderbal Freire-Filho - Elenco: Marco Nanini, Débora Bloch
- *Três Mulheres Altas*, de Edward Albee  
Direção de José Possi Neto - Elenco: Beatriz Segall, Marisa Orth, Nathalia Timberg

- *Cenas de um Casamento*, de Ingmar Bergman  
Direção de Vivien Buckup - Elenco: Regina Braga, Tony Ramos

- *Decadência*, de Steven Berkoff  
Direção de Victor Garcia Peralta - Elenco: Beth Goulart, Guilherme Leme

- *Joana Dark - a re-volta*, de Carolyn Gage  
Direção de José Possi Neto - Elenco: Christiane Torloni, Jorge de Lima, Gustavo Moriconi, Roberto Aguiar, Zamir de Castro

- *Letti e Lotte*, de Peter Schaffer  
Direção de Bibi Ferreira - Elenco: Nathalia Timberg, Rosamaria Murtinho, Nelson Dantas, Rodrigo Mendonça, Magaly Evangelista

## Obras Publicadas

- *Luísa, Quase uma História de Amor*, Editora Globo, 1986
- *Aos Meus Amigos*, Editora Globo, 1992
- *Querida Mamãe*, Editora Brasiliense, 1995
- *Intensa Magia*, Caliban Editorial, 1996
- *Coração Solitário*, Editora Global, 1997
- *O Bruxo*, Editora Globo, 2000
- *Ó Abre Alas*, Editora Civilização Brasileira, 2000
- *Estrela Nua*, Editora Record, 2003
- *Mademoiselle Chanel*, Editora Globo, 2004
- *Tarsila*, Editora Globo, 2004

337

## Biografia

- *Dercy de Cabo a Rabo*, Editora Globo, 1994

## Traduções

- *Grades de Ouro (The Edwardians)*, de Vita Sackville- West
- *A Lenda do Bicho da Seda*, de Pierre Cardin

## Prêmios e Homenagens

### Serviço Nacional de Teatro

1976

Prêmio de Publicação: *A Resistência*

### Molière

1978

Melhor autor nacional: *Bodas de Papel*

1983

338

Melhor autor nacional: *Chiquinha Gonzaga*

1984

Melhor autor nacional: *De Braços Abertos*

1994

Melhor autor nacional: *Querida Mamãe* (RJ)

Governador do Estado

1978

Melhor autor: *Bodas de Papel*

1984

Melhor autor: *De Braços Abertos*

## **APCA - Associação Paulista dos Críticos de Arte**

1978

Melhor autor: *Bodas de Papel*

1996

Melhor Autor: *Querida Mamãe*

2003

Setor Televisão: *A Casa das Sete Mulheres*

339

## **Ziembinski**

1978

Melhor autor: *Bodas de Papel*

## **Prêmio Shell**

1994

Melhor autor: *Querida Mamãe (RJ)*

1995

Melhor autor: *Querida Mamãe* (SP)

## **Mambembe**

1984

Melhor autor: *De Braços Abertos* (SP)

Melhor autor: *De Braços Abertos* (RJ)

1994

Melhor autor: *Para Tão Longo Amor* (SP)

Melhor autor: *Querida Mamãe* (RJ)

340

## **APETESP**

1984

Melhor autor: *De Braços Abertos*

## **Prêmio Sharp**

1998

Melhor Autor Nacional: *Para Sempre*

## **Troféu Jabuti**

1986

Melhor romance nacional: *Luísa, Quase uma História de Amor*

Título de Cidadã Paulistana (2004) outorgado pela Câmara dos Vereadores de São Paulo

## **UBE – União Brasileira de Escritores**

2004

Livro: *Estrela Nua*, na Coleção Amores Extremos

341

## **INTE**

Prêmio Internacional da Televisão Latino-americana para *A Casa das Sete Mulheres*, para Maria Adelaide Amaral e Walter Negrão



## Índice

Apresentação - Hubert Alquères	05
Introdução - Tuna Dwek	15
Uma Casa Portuguesa com Certeza	25
Batismo de Fogo	35
Parêntese Poético	41
Antes e Depois do Amigo	43
Rumo ao (Quase) Estrelato Mirim	49
Rebelde Sem Causa	55
Depois Daquele Beijo	61
Alguns Desvios, Porém Mantendo a Rota	63
Um Presente dos Céus	69
O Grande Momento	73
Deram o Terceiro Sinal	77
Um Caminho Sem Volta	85
Houve uma Vez um Verão	89
New York, New York	95
Uma História de Amor	99
Tempos de Pesadelo	107
<i>E Pur Si Muove...</i>	115
Os Ossos e os Prazeres do Ofício	121
Chiquinha Gonzaga	129
Violência e Compaixão	137
O Que Mantém o Homem Vivo	141
A Lição dos Amigos	145
Depois do Vendaval	153
Um Parêntese Importante	155

	Aos Mestres com Carinho	157
	<i>Querida Mamãe</i>	165
	Querido Papai	171
	Minhas Peças em Portugal	177
	O Evangelho Segundo Jesus Cristo	183
	<i>Para Sempre</i>	191
	O Afeto Que Se Encerra	195
	Todos os Homens São Mortais	199
	Acidente de Percurso	203
	<i>Bliss...</i>	207
	Aos Meus Amigos	211
	Por Quem os Sinos Dobram	215
	Est-Ce Que Vous Cherchez la Tombe de Proust?	219
	Os Últimos Serão os Primeiros	221
344	<i>Os Maias</i>	231
	A Dança Que Dançou	237
	Assim Estava Escrito	239
	A Mais Sólida Mansão	243
	São Paulo Meu Amor	251
	Um Verso de Paulo Bonfim	255
	Sempre em Meu Coração	267
	Os Bons Companheiros	271
	Deliciosa Dercy	281
	<i>Mademoiselle Chanel</i>	285
	Chão de Estrelas	295
	Minhas Universidades	301
	Um Rosto Na Multidão	307
	E Assim Acabou a História	311
	Cronologia	323

## Créditos das fotografias

Paulo Salomão 62

Beth Costa Corrêa 78

Vera Galli 88, 110, 113

Vera Clemente 96

Vânia Toledo 134

João Batista Perillo 139

Jorge Baumann/TV Globo 151

Eduardo França/TV Globo 159

Acervo Ricardo Pinto e Silva 165

Marcelo Ximenez/AE 172

Cláudia Jaguaribe/Vogue 180, 201, 314

345

CEDOC TV Globo 199, 220, 222, 223, 236, 239, 240,  
246, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 257, 308

Nelson Di Rago/TV Globo 216, 217, 219

Tripoli 262

Marina Malheiros/AE 306

Murillo Tinoco 308

Zé Paulo Cardeal/TV Globo 312 (sup)

Marcelo Pestana 311, 312 (nf), 313

Capa: Tripoli



## **Coleção Aplauso**

### **Perfil**

*Anselmo Duarte - O Homem da Palma de Ouro*

Luiz Carlos Merten

*Aracy Balabanian - Nunca Fui Anjo*

Tania Carvalho

*Bete Mendes - O Cão e a Rosa*

Rogério Menezes

*Carla Camurati - Luz Natural*

Carlos Alberto Mattos

*Carlos Coimbra - Um Homem Raro*

Luiz Carlos Merten

*Carlos Reichenbach -*

*O Cinema Como Razão de Viver*

Marcelo Lyra

*Cleyde Yaconis - Dama Discreta*

Vilmar Ledesma

*David Cardoso - Persistência e Paixão*

Alfredo Sternheim

*Djalma Limongi Batista - Livre Pensador*

Marcel Nadale

*Etty Fraser - Virada Pra Lua*

Vilmar Ledesma

*Gianfrancesco Guarnieri - Um Grito Solto no Ar*

Sérgio Roveri

*Helvécio Ratton - O Cinema Além das Montanhas*

Pablo Villaça

*Ilka Soares - A Bela da Tela*

Wagner de Assis

*Irene Ravache - Caçadora de Emoções*

Tania Carvalho

*João Batista de Andrade -*

*Alguma Solidão e Muitas Histórias*

Maria do Rosário Caetano

*John Herbert - Um Gentleman no Palco e na Vida*

Neusa Barbosa

*José Dumont - Do Cordel às Telas*

Klecio Henrique

*Niza de Castro Tank - Niza Apesar das Outras*

Sara Lopes

*Paulo Betti - Na Carreira de um Sonhador*

Teté Ribeiro

*Paulo Goulart e Nicette Bruno - Tudo Em Família*

Elaine Guerrini

*Paulo José - Memórias Substantivas*

Tania Carvalho

*Reginaldo Faria - O Solo de Um Inquieto*

Wagner de Assis

348 *Renata Fronzi - Chorar de Rir*

Wagner de Assis

*Renato Consorte - Contestador por Índole*

Eliana Pace

*Rodolfo Nanni - Um Realizador Persistente*

Neusa Barbosa

*Rolando Boldrin - Palco Brasil*

Ieda de Abreu

*Rosamaria Murtinho - Simples Magia*

Tania Carvalho

*Rubens de Falco - Um Internacional Ator Brasileiro*

Nydia Licia

*Ruth de Souza - Estrela Negra*

Maria Ângela de Jesus

*Sérgio Hingst - Um Ator de Cinema*

Maximo Barro

*Sérgio Viotti - O Cavalheiro das Artes*

Nilu Lebert

***Sonia Oiticica - Uma Atriz Rodrigueana?***

Maria Thereza Vargas

***Ugo Giorgetti - O Sonho Intacto***

Rosane Pavam

***Walderez de Barros - Voz e Silêncios***

Rogério Menezes

## **Especial**

***Dina Sfat - Retratos de uma Guerreira***

Antonio Gilberto

***Gloria in Excelsior - Ascensão, Apogeu e Queda do  
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

***Maria Della Costa - Seu Teatro, Sua Vida***

Warde Marx

***Ney Latorraca - Uma Celebração***

Tania Carvalho

***Sérgio Cardoso - Imagens de Sua Arte***

Nydia Licia

349

## **Cinema Brasil**

***Bens Confiscados***

Roteiro comentado pelos seus autores

Carlos Reichenbach e Daniel Chaia

***Cabra-Cega***

Roteiro de DiMoretti, comentado por Toni Venturi  
e Ricardo Kauffman

***O Caçador de Diamantes***

Vittorio Capellaro comentado por Maximo Barro

***A Cartomante***

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

***Casa de Meninas***

Inácio Araújo

***O Caso dos Irmãos Naves***

Luís Sérgio Person e Jean-Claude Bernardet

***Como Fazer um Filme de Amor***

José Roberto Torero

***De Passagem***

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

***Dois Córregos***

Carlos Reichenbach

***A Dona da História***

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

***O Homem que Virou Suco***

Roteiro de João Batista de Andrade por Ariane Abdallah e Newton Cannito

***Narradores de Javé***

Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

**Teatro Brasil**

350

***Alcides Nogueira - Alma de Cetim***

Tuna Dwek

***Antenor Pimenta e o Circo Teatro***

Danielle Pimenta

***Luís Alberto de Abreu - Até a Última Sílab***

Adélia Nicolete

***Trilogia Alcides Nogueira - ÓperaJoyce -***

***Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso -***

***Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

**Ciência e Tecnologia**

***Cinema Digital***

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Os livros da coleção *Aplauso* podem  
ser encontrados nas livrarias e no site  
**[www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual](http://www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual)**

ctp, impressão e acabamento

**imprensaoficial**

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP  
Fones: 6099-9800 - 0800 123401  
[www.imprensaoficial.com.br](http://www.imprensaoficial.com.br)

Portuguesa de nascimento, paulistana de coração, **Maria Adelaide Amaral** é uma das escritoras mais populares e consagradas do Brasil. E também das mais premiadas (tem quatro prêmios *Molière* e quatro *Mambembe*), por textos emblemáticos como *A Resistência*, *Chiquinha Gonzaga - o Abre-Alas*, *De Braços Abertos*, *Querida Mamãe*, *Intensa Magia* (transformada no filme *Querido Estranho*) e, mais recentemente, *Tarsila* e o sucesso internacional *Mademoiselle Chanel*, com Marília Pêra.



Mas este emocionante livro-depoimento, escrito pela atriz e jornalista **Tuna Dwek** (também autora da biografia de Alcides Nogueira), não é apenas um desfile de sucessos e nomes famosos da televisão (para onde Maria Adelaide se transferiu com êxitos como as minisséries *A Muralha*, *Os Maias*, *A Casa das Sete Mulheres* e *Um Só Coração*). É a trajetória de uma guerreira que superou dramas pessoais, seqüestros e doenças, para construir uma carreira das mais sólidas e respeitadas.



Mais um livro da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado**, que resgata a história e memória de nossa cultura.

ISBN 85-7060-380-0



9 788570 603807